Maria João Centeno . O conceito de comunicação na obra de Bateson: Interacção e regulação . LabCom 2009 . Maria João Centeno . O conceito de comunicação na obra de Bateson: Interacção e regulação . LabCom 2009 . Maria João Centeno o conceito de comunicação na obra de Bateson: Interacção e regulação . LabCom 2009 . Maria João Centeno . O conceito de comunicação na obra de Bateson: Interacção e regulação . LabCom 2009 . Maria João Centeno . O conceito de comunicação na obra de Bateson: Interacção e regulação . LabCom 2009 . Maria João Centeno . O conceito de comunicação na obra de Bateson: Interacção e regulação . LabCom 2009 . Maria João Centeno . O conceito de comunicação na obra de Bateson: Interacção e regulação . LabCom 2009 . Maria João Centeno . O conceito de comunicação na obra de Bateson: Interacção e regulação . LabCom 2009 . Maria João Centeno . O conceito de comunicação na obra de Bateson: Interacção e regulação . LabCom 2009 . Maria João Centeno . O conceito de comunicação na obra de Bateson: Interacção e regulação . LabCom 2009 . Maria João Centeno . O conceito da comunicação na obra de Bateson: Interacção e regulacção . LabCom 2009 . Maria Joao Centeno . O conceito de comunicação na obra de Bateson: Interacção e regulação . LabCom 2009 . O conceito de comunicação na obra de Bateson: Interacção e regulação . LabCom 2009 . Maria João Centeno . O conceito de comunicação na obra de Bateson: Interacção e regulação . LabCom 2009 . Maria João Centeno . O conceito de comunicação na obra de Bateson: Interacção e regulação . LabCom 2009 . Maria João Centeno . O conceito de comunicação na obra de Bateson: Interacção e regulação.

Maria João Centeno

O Conceito de comunicação na obra de Bateson

Interacção e regulação

Universidade da Beira Interior
2009

Livros LabCom
www.livroslabcom.ubi.pt
Série: Estudos em Comunicação
Direcção: António Fidalgo
Design da Capa: Madalena Sena
Paginação: Marco Oliveira
Covilhã, 2009

Depósito Legal: 288747/09
ISBN: 978-989-654-006-7

Agradecimentos

Uma saudação especial ao professor que orientou a dissertação de mestrado agora publicada, o Prof. Doutor Tito Cardoso e Cunha.

Um agradecimento aos meus colegas e amigos pelo apoio e dedicação.

Conteúdo

1 Introdução **1**

2 A comunicação e as relações humanas **15**
2.1 Indivíduo, grupo e sociedade 15
2.1.1 Factores culturais determinantes da personalidade 15
2.1.2 A cismogénese complementar e simétrica . . . 17
2.1.3 A mudança na aprendizagem 25
2.2 A matrix comunicacional 26
2.2.1 Codificação da informação 26
2.2.2 Os contextos da aprendizagem 28
2.2.3 Interacção e comunicação 35
2.3 A explicação dada pelas *novas teorias* 43
2.3.1 A Teoria dos Sistemas e a Cibernética 43
2.3.2 A Teoria dos Sistemas e o estudo da comunicação 49
2.3.3 A Cibernética e o estudo da comunicação . . . 51

3 As patologias da relação **57**
3.1 Os paradoxos comunicacionais 57
3.1.1 Os tipos lógicos 57
3.1.2 O *jogo* da psicoterapia 61
3.2 A comunicação e a doença mental 63
3.2.1 A esquizofrenia 63
3.2.2 O “duplo vínculo” 66

3.2.3 O contexto sistémico na terapia familiar 69

4 O mundo do processo mental 77

4.1 A ecologia da civilização humana 77

4.1.1 A noção de "flexibilidade" 77

4.1.2 A "ecologia da mente" 79

4.2 A unidade mente/corpo 82

4.2.1 A teoria evolucionista 82

4.2.2 Os dois processos estocásticos 83

4.2.3 *Mente com corpo* 88

4.2.4 A *nova* Epistemologia 96

5 A ilusão da ordem no caos 101

6 Referências bibliográficas 111

"(...) a forma exacta para começar a pensar no padrão que liga é pensarmos nele como sendo primeiramente (signifique esta palavra o que significar) uma dança entre partes de actuação recíproca e só secundariamente circunscrita a variadas espécies de limites físicos, e aos limites impostos caracteristicamente pelo organismo."

(Bateson,1979: 21/2)

Capítulo 1

Introdução

Tentar encontrar a melhor forma de compreender os processos pelos quais se organizam as relações entre os indivíduos não parece ser uma tarefa fácil. O século XX fica marcado pela emergência dos estudos que tentam explicar os processos de comunicação, parte integrante do nosso quotidiano. Esta viragem em termos de objecto de estudo está ligada ao aparecimento da Cibernética e da Teoria dos Sistemas, que deslocaram o indivíduo para o seio do grupo, identificado, não como a soma das partes, mas pelas relações que mantêm entre si. A influência destas teorias é particularmente visível no pensamento de um autor, Gregory Bateson. Jovem antropólogo, com formação inicial no campo das ciências naturais, fica fascinado pelo estudo das relações humanas e dedica a vida ao conhecimento e compreensão das regras que regem as trocas de informação entre os indivíduos.

A uma formação inicialmente direccionada para o estudo dos fenómenos naturais, Bateson faz suceder a aplicação de construções teóricas desenvolvidas nesse domínio de estudos a outros campos de observação, nomeadamente o das ciências sociais, o que permitiria avaliar o potencial de generalização de cada descoberta. Esta aplicação fez com que considerasse as sociedades humanas semelhantes aos organismos individuais e o processo da evolução semelhante à aprendizagem individual. A validade desta estratégia abdutiva repousa na ideia de que

"os tipos de operação mental úteis na análise de um campo podem ser igualmente úteis noutro" (Bateson, 1972: 74) e na "crença mística na unidade predominante dos fenómenos do mundo" (Bateson, 1972: 75).

O pensamento de Bateson evolui mediante uma sucessão de níveis lógicos: começa pela observação de factos culturais e sociais, passa daí para a identificação de leis decorrentes das suas observações, avalia na fase seguinte o potencial de generalização dessas leis ao aplicá-las a outros fenómenos e, finalmente, formula postulados gerais relativos a realidades que apresentam características comuns.

A utilização do método abdutivo associada ao facto de ter trabalhado em diferentes contextos e sobre diferentes tipos de dados, permitiu-lhe desenvolver a ideia da unidade dos fenómenos do mundo e interessar-se pela teoria do conhecimento e pela epistemologia. Intelectual nómada, viajou pelo mundo e pelo conhecimento, sem nunca se fixar no *conforto* de uma corrente de pensamento. A procura do novo só iria cessar com a *novidade* da morte.

O objectivo do presente livro é, num primeiro momento, descrever o percurso científico deste autor nos domínios da antropologia, psiquiatria, ecologia e epistemologia, para, num segundo momento, reflectir sobre a teoria do ser humano proposta pelo autor, enquadrando-a nos nossos dias.

No seu entender, a vida em sociedade realiza-se pela troca de informação; o mediador da interacção com o outro é a comunicação, que se opõe à noção de entropia e permitiria tornar transparentes as relações entre os homens. Os fenómenos da comunicação seriam a chave e a explicação de todos os comportamentos humanos. Esta tentativa de explicar a diversidade dos comportamentos a partir de um princípio único, a comunicação, permitiria ao homem conhecer as regras da interacção entre os indivíduos e destes com o ambiente. No entanto, esta ânsia de controlar os mecanismos sociais, de encontrar um princípio regulador denota a dificuldade de aceitar a finitude do homem e deste viver com as suas próprias incapacidades. Perpetuar as leis sobre o funcionamento do social é não admitir a dimensão múltipla do ser humano,

e procurar sucessivamente a unidade na pluralidade. Neste sentido, o pensamento de Bateson pode ser entendido como totalitarista. A dicotomia entropia/comunicação situa as interacções humanas num plano hermético, estritamente regulado, que determina que a adequação ao outro seja definida por leis dependentes unicamente do contexto social.

Um dos méritos incontestáveis da obra de Gregory Bateson é o de obrigar à reflexão acerca da natureza do ser humano e das características da sua relação com o *outro*. A constatação de que o *Pleroma* e a *Creatura* formam dois mundos distintos poderia levar-nos a pensar que Bateson defendia o dualismo cartesiano. No entanto, a perspectiva unificadora do mundo é salvaguardada quando afirma a inter-relação dos determinismos resultantes de cada mundo. "Ao determinismo físico, é necessário juntar o determinismo mental" (Winkin, 1988: 137) e temos o determinismo interpessoal circular. Os dois mundos são separáveis simplesmente como níveis de descrição. Na interacção, a participação real, actual e directa do interlocutor influencia o desenvolvimento da comunicação naquele contexto específico. Todo o ser humano conhece um certo grau de incerteza quanto à clareza das mensagens que transmite e sente a necessidade de verificar de que forma as mensagens são recebidas, para poder completar a percepção do que acaba de transmitir. A retroacção (*feedback*), desencadeada pelas nossas mensagens, informa-nos sobre a disposição do interlocutor. Na comunicação interpessoal, o processo mais significativo é aquele, por meio do qual, os parceiros instauram as regras comuns para a produção e compreensão das mensagens. No entanto, posso desde já salientar que, contrariamente ao que Bateson pretendia num primeiro momento, a capacidade de agir sobre o outro não obedece a um determinismo completo. Existe sempre uma parte de contingência na relação com o outro.

O principal objectivo deste epistemólogo da comunicação era explicar a mente humana para, a partir daí, poder compreender o comportamento humano, incluindo a interacção do indivíduo com o outro e com o próprio ambiente exterior. O percurso seguido por Bateson começou, no entanto, pelo estudo do comportamento humano e chegou,

num último nível, à mente. As leis, que postulou a partir do estudo da interacção humana, não têm total aplicação neste nível hierárquico superior, já que a mente não tem capacidade de conhecer os processos que desencadeiam a percepção, oferecendo apenas notícias do produto. As imagens que construímos a partir do *Pleroma* não transportam consigo informações sobre o seu processo de formação.

O que permitiu a Bateson concluir que existem aspectos sobre os quais é impossível comunicar foi o estudo desenvolvido no nível hierárquico inferior, ou seja, o conhecimento das leis que regulam as interacções sociais.

O postulado retirado da Teoria dos Tipos Lógicos de Whitehead e Russell, de que o que acontece num nível lógico inferior atinge a total significação no nível lógico superior, tem aplicação ao pensamento do próprio Bateson. Foi necessário o nível inferior para atingir o seguinte mais elevado, para chegar à conclusão de que as actividades do indivíduo com o outro podem ser reguladas, no entanto, a *acção* interior de cada um fica aquém da consciência e como tal é desconhecida. Não dispomos de meios para explicar as nossas *incapacidades*.

A biografia de Gregory Bateson é o ponto de partida para inscrever este autor nas correntes de pensamento do século XX.

William Bateson (1861-1926), pai de Gregory Bateson, exerceu uma influência determinante na evolução da biologia ao impor a disciplina da genética[1].

Em 1879, iniciou os estudos em zoologia no St. John's College, em Cambrigde. Em 1886, começou a interessar-se pelos efeitos das mudanças ambientais nas variações das espécies; interesse que marca a ruptura com a sua formação inicial dentro da corrente darwinista clássica.

A genética começava a tomar forma: William Bateson defendia que os efeitos do meio modificam gradualmente as espécies e que a

[1] A informação biográfica aqui apresentada foi retirada do livro *Gregory Bateson, Itinéraire d'un Chercheur* (1996) de Robert Pauzé.

descontinuidade das formas pré-existe aos efeitos da selecção. A evolução passa, na sua opinião, pela aparição de variações nas espécies. Na tentativa de descobrir a forma como essas variações aparecem e as leis que as limitam, formulou o que ficou conhecido pela "Lei de Bateson": "Quando um apêndice lateral assimétrico (por exemplo, a mão direita) é reduplicado, o membro resultante dessa reduplicação apresentará uma simetria bilateral e vai ser composto por duas partes, em que cada uma será o reflexo especular da outra e serão dispostas de tal maneira que poderemos imaginar entre elas um plano de simetria" (Bateson, 1972: 380).

Em Janeiro de 1889, William conhece Caroline Beatrice Durham, a sua futura mulher. O noivado é interrompido por vontade da mãe de Beatrice que considera que William bebe em excesso. Pretendia proteger a filha de homens como o seu próprio pai: alcoólicos.

William e Beatrice só voltaram a encontrar-se em 1895, após a morte dos pais de Beatrice e em consequência da publicação num jornal de um anúncio em que esta procurava William. O casamento consolida-se em Junho de 1896. A 22 de Abril de 1898 nasce o primeiro filho, John; seguido de Martin, no dia 1 de Setembro de 1899; e Gregory, no dia 9 de Maio de 1904. A escolha do nome do último filho está relacionada com uma homenagem a Gregor Mendel.[2]

Em 1908, o governo desbloqueou fundos para investir na investigação em genética, especialmente dedicados a William Bateson. A família vê-se obrigada a abandonar Cambrigde.

Agora a residir em Merton, a família sofre algumas mudanças: William torna-se cada vez mais reconhecido pela comunidade científica; os dois irmãos de Gregory frequentam um colégio interno e este continua a viver com os pais. Entre 1910 e 1913, frequenta a escola da zona. O contacto com a população fez com que adoptasse a pronúncia local, o

[2]Em 1900, William Bateson tem pela primeira vez acesso a um artigo de Mendel sobre as variações nas espécies. Segundo este autor, os elementos de hereditariedade mantêm-se ao longo das gerações, mas em combinações diferentes das precedentes. William ficou fascinado e tornou-se um convicto defensor da teoria de Mendel.

que desagrada a seus pais. Em consequência, enviam-no para uma escola religiosa em Wardenhouse, apesar de não serem crentes. Gregory era obrigado a rezar; para contornar a situação, recitava o alfabeto mais de oito vezes seguidas para simular a oração.

No Inverno de 1916, o segundo irmão de Gregory parte para a Guerra, onde virá a morrer em Outubro de 1918.

O irmão mais velho reage a esta morte, impondo-se contra a intrusão dos pais na sua vida. Desinteressa-se pelas ciências e resolve seguir a carreira de poeta, contra a vontade do pai. Em Setembro de 1921, inscreve-se na Royal Academy of Dramatic Arts com a intenção de se tornar dramaturgo. Nessa época, apaixona-se por Grace Wilson, jovem já comprometida e sem qualquer interesse por este novo pretendente. A 20 de Abril de 1922, Martin recebe o relatório da Royal Academy informando-o de que não é portador de talento para continuar. No dia 22, dia do aniversário do irmão falecido, decide declarar pela última vez o seu amor a Grace, que reforça o seu desinteresse. Nesse mesmo dia, Martin usa uma arma de fogo para se suicidar no meio de Piccadilly Circus, em Londres.

William não se sente responsável pelo suicídio do filho; bem pelo contrário, responsabiliza os amigos pela má influência que exerceram junto dele; teriam sido eles os responsáveis por Martin se ter afastado do caminho da ciência.

Gregory perdera os dois irmãos no decorrer da adolescência. Na altura da morte do irmão mais velho encontrava-se na Suíça a estudar francês. Em Setembro desse mesmo ano, o pai envia-lhe uma carta tentando explicar-lhe aquela morte. Aconselha o filho a procurar conforto na dedicação exclusiva ao trabalho científico. William espera ansiosamente que o último filho siga as suas pisadas e que enverede pelos estudos em ciências naturais.

Gregory resolve fazer a vontade ao pai. Nos anos seguintes vai trabalhar em zoologia, botânica, química orgânica e fisiologia; desenvolve todo um trabalho sobre a comparação das espécies.

Em 1924, o pai convida-o a trabalhar juntamente com ele. Gregory

aceita.

Durante as férias, volta à Suíça onde reencontra Isabelle, a filha do casal que o tinha hospedado na primeira estadia. Apesar de decorridos dois anos, os jovens retomam a paixão. A novidade não agradou a William e Beatrice que concluiram rapidamente que uma estrangeira de classe média não interessava ao seu filho. Tentam convencê-lo a renunciar aos seus próprios sentimentos. Em Outubro, Gregory regressa aos estudos e respeita, contrariado, a decisão dos pais.

Nas férias seguintes, reinicia as investigações na companhia do pai. Esta colaboração científica leva-o a uma expedição às ilhas Galápagos, em Janeiro de 1925. Uma escala na ilha Chatham, para proceder a reparações no barco, permite a Gregory observar indígenas pela primeira vez. Numa outra escala, entra em contacto com William Beebe, um ornitólogo de outra expedição, que o convida a juntar-se ao seu grupo. Gregory aceita. Com o passar do tempo, o trabalho de zoologista satisfá-lo cada vez menos. Não consegue imaginar-se dentro de um laboratório para o resto da vida. Começa a interessar-se pelo objecto de estudo que lhe parece mais interessante: o homem. No decorrer deste período, inscreve-se na Cambridge Antiquarian Society. Em Julho, no decorrer de uma viagem arqueológica com os membros daquela sociedade, encontra A. C. Haddon, antropólogo em Cambridge, que se interessa pelas observações que Bateson fizera dos indígenas que encontrou na viagem às ilhas Galápagos e propõe-lhe que apresente um trabalho sobre esse assunto.

Este encontro influenciou determinantemente a vida de Gregory, já que algum tempo mais tarde, resolve estudar antropologia. É nela que encontra uma espécie de compromisso entre as ciências naturais e as ciências humanas.

Como pudemos constatar Gregory Bateson cresceu no meio de universitários e intelectuais, de ideias e debates. O contexto familiar, particularmente a influência incontestável do pai, contribuiu para a formação de um intelectual crítico, possuidor de uma cultura notável, um apaixonado pelas ciências naturais e um investigador indepen-

dente e solitário. Os conhecimentos no domínio das ciências naturais ajudaram-no no estudo das diferenças culturais.

A antropologia inglesa tinha sido influenciada por escolas de pensamento direccionadas para o estudo genealógico das sociedades na perspectiva da teoria da evolução de Darwin. Em 1920, Radcliffe-Brown, antropólogo inglês, influenciado por Herbert Spencer, propõe o estudo dos fenómenos sociais de forma análoga aos métodos utilizados em física e em biologia. Compara a organização dos grupos humanos à estrutura de um organismo vivo. Um fenómeno social observável não deve ser atribuído à natureza dos indivíduos que participam na interacção, mas encarado como o resultado de uma estrutura social[3] que une os indivíduos entre si.

É neste contexto que Bateson desenvolve o seu primeiro trabalho em antropologia. Em Janeiro de 1927, praticamente um ano após a morte do pai, parte para a Nova Guiné com o objectivo de estudar os efeitos dos contactos entre os indígenas e os brancos. Esta viagem funcionou como afastamento da mãe que, com a morte do marido, se tinha direccionado única e exclusivamente para Gregory.

Esta primeira experiência no terreno revelou-se muito difícil, principalmente devido à falta de preparação.

Em Março de 1928, regressa a Sidney na Austrália, onde aproveita para discutir com Radcliffe-Brown o seu trabalho no terreno. No Outono desse mesmo ano, decide instalar-se junto dos Sulka, não deixando de sentir a falta de habilidade em descrever a vida dos indígenas.

Em Fevereiro do ano seguinte procura na Nova Guiné, Reo F. Fortune (psicólogo dirigido por Radcliffe-Brown) e a sua mulher, Margaret Mead (antropóloga americana). Falha na procura, mas descobre o povo Iatmul, junto do qual fica durante um ano.

Na Primavera de 1930, regressa a Cambridge para reunir e analisar

[3]Uma estrutura social é uma organização de pessoas que têm entre si relações institucionalmente controladas ou definidas. Quando se considera um sistema estrutural, pode dizer-se que se estuda um sistema de posições sociais, enquanto que quando se estuda uma organização se estuda um sistema de papéis.

as suas pesquisas. Em Janeiro de 1932, regressa novamente à Nova Guiné. A mãe reage mal e acusa-o de insultar e ignorar as suas origens familiares.

Os meses que se seguiram foram de solidão e desencorajamento até ao encontro com Fortune e Mead. Os novos elementos de reflexão proporcionados pelo casal reavivam-lhe o interesse pela sua missão. Iniciou o estudo da formação da personalidade dos indivíduos inseridos numa cultura à luz da psicologia da *Gestalt*, da psicanálise e das teorias da aprendizagem. Descobriu o caminho a percorrer na antropologia ao desenvolver um método de trabalho no terreno que lhe faltava para realizar as suas pesquisas.

No decorrer deste período, Bateson e Mead apaixonam-se. Em 1934, ela divorcia-se de Reo Fortune e reúne-se a Bateson na Irlanda, onde elaboram os planos de uma pesquisa conjunta a Bali.

Um ano mais tarde, Bateson redige a sua dissertação de mestrado com base na análise de um cerimonial ritual que observou junto do povo Iatmul: *Naven*. A tese é publicada em 1936, altura em que se encontra no Bali, juntamente com Margaret Mead, com a qual tinha, entretanto, casado.

Na Primavera de 1938, com a iminência da II Guerra Mundial, Bateson e Mead abandonam o Bali e regressam à Nova Guiné. Em 1939, dirigem-se para os Estados Unidos, onde, em Dezembro, nasce a filha do casal: Mary Catherine.

Durante este período, trabalham os dados recolhidos no Bali, mais concretamente tentam compreender como as crianças se tornam membros da sua cultura. O resultado deste trabalho é o livro *Balinese Character: a Photographic Analysis* (1942), onde formulam a hipótese de que o carácter do indivíduo é formado pela cultura e pelas interacções cumulativas entre a mãe e a criança - contribuição original para a abordagem do processo de socialização. Para explicar este processo de formação, Bateson propõe uma teoria da aprendizagem através de níveis hierárquicos. Tem tendência a seleccionar um pequeno número de factos, a partir dos quais tenta gerar certos princípios organizativos,

certas leis gerais. A abdução, a sua estratégia de análise por excelência, consiste em "descrever qualquer acontecimento ou coisa (...) e depois olhar em volta à procura dos outros casos que se ajustem às mesmas leis que desenvolvemos para a nossa descrição" (Bateson, 1979: 129). Ao privilegiar um raciocínio por analogia, Bateson procura fazer emergir novos princípios explicativos e novas formas de encarar um problema; princípios e formas que não o impedem de proceder à reformulação ou reanálise, se adoptar um outro ponto de vista. O percurso sucede-se de nível lógico em nível lógico.

Em Abril de 1941, Beatrice Bateson morre sozinha, tal como tinha vivido os últimos anos, após a morte do marido. Gregory não assiste ao funeral devido às dificuldades de transporte aéreo causadas pela Guerra.

Em 1942, Bateson emigra para Nova Yorque, onde ficará até 1948. Neste período, conhece a Cibernética e a Teoria dos Tipos Lógicos de Whitehead e Russell e transfere o seu estudo para um novo domínio: a psiquiatria.

Em Maio desse ano, Bateson e Mead são convidados a participar num encontro interdisciplinar organizado pela Macy Foundation, onde aquele apresenta pela primeira vez os conceitos de "retroacção ou *feedback* positivo" e "retroacção ou *feedback* negativo" e a concepção de que os organismos individuais, as sociedades e os ecossistemas são sistemas complexos compostos por partes intimamente ligadas entre si que dependem da comunicação para manter certas verdades sobre eles próprios.

O envolvimento dos E. U. A. na II Guerra Mundial suspendeu estes encontros interdisciplinares até 1946, ano em que Bateson se separa de Mead. Após 10 anos de casamento, resolvem seguir caminhos distintos.

Apesar de Bateson desenvolver a actividade docente na área da antropologia, interessa-se cada vez mais pelo desenvolvimento da Cibernética e da Teoria da Informação, o que o leva a introduzir estas teorias nas ideias desenvolvidas antes da Guerra. É nesta fase que descobre a

Teoria dos Tipos Lógicos.

Em 1948, Bateson encontra-se desempregado, sendo convidado por Jurgen Ruesch, psiquiatra, para desenvolver um estudo sobre comunicação em psiquiatria. É o primeiro verdadeiro contacto de Bateson com esta área. Desta colaboração resulta, em 1951, o livro *Communication: the Social Matrix of Psychiatry*.

Nesse mesmo ano, casa com Betty Sumner, a secretária que Ruesch lhe tinha escolhido. Em Abril nasce John, o primeiro filho do casal. Dois anos mais tarde, Betty tem gémeos que morrem sem terem completado um mês. Após a morte dos filhos, compram uma casa em Menlo Park, uma cidade vizinha de Palo Alto, onde residiriam até à data da sua separação em 1958.

Entre Dezembro de 1952 e Abril de 1954, Bateson desenvolve um estudo sobre os animais no Zoo de San Francisco, na tentativa de descobrir se estes se apercebem de que os sinais, sobre os quais metacomunicam, são efectivamente sinais. É com base nessas observações que elabora a teoria do jogo.

Graças a uma bolsa de estudo cedida pela Fundação Rockfeller, Bateson inicia juntamente com John Weakland, Jay Haley e William Fry uma pesquisa sobre os paradoxos de abstracção na comunicação. Em Abril de 1954, a bolsa termina e os resultados da pesquisa não justificam a sua renovação. Um encontro com Norbert Wiener proporciona-lhe outra bolsa, desta feita pela Macy Foundation.

O grupo de Bateson, também designado "grupo de Palo Alto", acrescido de Don Jackson, um psiquiatra perito no domínio da esquizofrenia, dedica-se ao estudo da doença mental e do seu tratamento, mais especificamente ao estudo da esquizofrenia. O trabalho desenvolvido até esse momento sobre a natureza da comunicação e, particularmente, sobre os paradoxos e as mensagens contraditórias permitiu-lhes estudar a comunicação perturbada dos esquizófrenicos como um ponto extremo do conflito geral que emana de toda a comunicação.

A hipótese do grupo de Bateson relativa à esquizofrenia é apresentada, pela primeira vez, em 1956, caindo como uma bomba no seio

da psiquiatria. Pela primeira vez, a doença é encarada mediante uma perspectiva interaccional e sistémica.

A partir desse momento, as preocupações científicas dos membros do grupo começam a polarizar-se, levando à sua cisão. Enquanto Don Jackson funda, em 1959, o Mental Research Institute de Palo Alto, uma clínica psicoterapêutica, Bateson orienta a sua pesquisa para a identificação dos princípios fundamentais da comunicação em geral.

Em 1961, após ter escapado a uma doença que quase o vitimou mortalmente, casa com Lois Cammack, uma assistente social da Carolina do Norte.

Na Primavera de 1963, Bateson aceita o convite de John Lilly para dirigir o seu laboratório de golfinhos nas Ilhas Virgens, onde desenvolve um estudo dos modos de comunicação destes animais. Por ter de administrar as actividades do instituto, não tem tempo para investigar, o que provoca o abandono deste trabalho. Recebe, então, uma bolsa do National Institute of Mental Health que cessa em 1965, altura em que vai para a Oceanic Foundation no Hawai. Recebe inúmeras propostas para proferir conferências no domínio da psiquiatria. Recusa-as para concentrar o seu trabalho na comunicação animal; pretende ultrapassar as lacunas do saber teórico sobre a comunicação, estudando um sistema de comunicação que lhe é estranho.

Entre 1965 e 1971, Gregory e Lois vivem no Hawai onde nasce Nora, a filha do casal, em 1969.

Em 1970, Bateson planeia realizar a antologia do seu trabalho de investigador desde 1935 até ao presente. O manuscrito tem por título *Steps to an Ecology of Mind* (1972). Na introdução, apresenta o seu principal objectivo: "construir uma ponte entre os factos da vida e o comportamento e aquilo que conhecemos hoje da natureza do padrão e da ordem" (Bateson, 1972: xxvi).

Em Março desse mesmo ano e denotando uma preocupação ecologista, propõe ao Senado do Estado do Hawai a criação de um Instituto de Controlo à Qualidade do Ambiente e um Centro para o Ambiente na Universidade do Hawai.

Em 1971, é convidado juntamente com a mulher a acompanhar um grupo de estudantes americanos do 1º ciclo a uma visita a diferentes países da Ásia. Após a viagem e de regresso ao Hawai, Bateson não encontra emprego no Oceanic Institute já que este está prestes a encerrar por dificuldades financeiras. Decide, então, mudar-se para Gorda, uma cidade situada na costa da Califórnia central.

Para se manter activo, aceita leccionar na Universidade da Califórnia, em Santa Cruz, onde se instala, com a família, em 1973. No final desse ano, filia-se no Kresge College onde fica responsável por um curso relativo às premissas epistemológicas da percepção e do comportamento. O seu método de ensino, repleto de anedotas de todos os cantos do mundo, cativa os alunos.

Em consequência do êxito da publicação de *Steps to an Ecology of Mind*, recebe convites para participar em conferências e seminários um pouco por todo o país.

Em 1976, é nomeado para o Conselho de Regentes da Universidade da Califórnia. Após participar em algumas reuniões, encontra-se completamente desiludido e denuncia a obsolescência das premissas epistemológicas sobre as quais se baseia o ensino universitário. Somente uma aproximação que incluisse o rigor e a imaginação poderia retirar a sociedade dessa estagnação.

No Outono de 1977, Bateson inicia a redacção de *Mind and Nature: a Necessary Unity* (1979), livro que constitui uma síntese das ideias sobre as quais trabalhou ao longo dos últimos quarenta anos.

No início de 1978, é-lhe diagnosticado um cancro no pulmão. Os médicos presumem que lhe resta pouco tempo de vida. É então que solicita a colaboração da filha, Mary Catherine, que vive, à época, no Irão, para terminar o livro, o que acontecerá em Agosto de 1978.

Bateson instala-se no Institut Esalen, na costa californiana e pretende escrever *Where Angels Fear to Tread*. No dia 4 de Julho de 1980, morre sem terminar o seu último livro. A filha, Mary Catherine, finalizará o trabalho do pai intitulando-o *Angels Fear* (1987).

Capítulo 2

A comunicação e as relações humanas

2.1 Indivíduo, grupo e sociedade

2.1.1 Factores culturais determinantes da personalidade

Naven (1936) é um livro que descreve "um certo comportamento cerimonial do povo Iatmul da Nova Guiné em que os homens se vestem como mulheres e as mulheres se vestem como homens e é uma tentativa - crua e imperfeita, dado que a técnica é nova - de relacionar este comportamento, não só com a estrutura e o funcionamento pragmático da cultura Iatmul, mas também com o seu ethos" (Bateson, 1936: 2).

Qualquer ser humano nasce com potencialidades e tendências que podem ser desenvolvidas nas mais variadas direcções. A cultura, na qual o indivíduo nasce, assume um duplo papel: dá ênfase a algumas das suas potencialidades e suprime outras; bem como actua selectivamente, favorecendo os indivíduos que vão de encontro às potencialidades preferidas na cultura e discriminando aqueles que têm outro tipo de tendências. Neste sentido, ela padroniza a organização das emoções

dos indivíduos.

De certa forma, a cultura afecta a psicologia dos indivíduos, levando grupos inteiros a pensar e a sentir da mesma maneira. A cultura pode fazê-lo de duas formas: ou pela educação, induzindo e promovendo determinados tipos de processo psicológico, ou pela selecção, favorecendo aqueles indivíduos que são portadores de uma tendência inata para processos psicológicos de certo cariz. A cultura modela as reacções emocionais dos indivíduos e modifica a organização dos seus sentimentos.

Pode-se abstrair da cultura um determinado aspecto sistemático, designado por *ethos*, e que é entendido como "a expressão de um sistema culturalmente normalizado de organização dos instintos e das emoções dos indivíduos" (Bateson, 1936: 118)[1] . É o sistema de atitudes emocionais que, ao possuir valor normativo, governa as respostas e os valores que uma comunidade atribui às várias satisfações e insatisfações que os contextos da vida podem oferecer.

O *ethos* de uma determinada cultura é uma abstracção retirada do total das suas instituições e formulações e os *ethos* podem ser infinitamente diferentes de cultura para cultura.

Qualquer grupo de pessoas pode estabelecer entre si um *ethos* que, assim que esteja estabelecido, se torna um factor real na determinação da sua conduta. Este *ethos* é expresso no tom do comportamento.

Na sociedade Iatmul, cada sexo tem o seu próprio *ethos* que contrapõe ao do sexo oposto. Os homens estão ocupados com as actividades espectaculares, dramáticas e violentas, enquanto que as mulheres estão ocupadas com as rotinas necessárias de arranjar comida, cozinhar e criar os filhos. As atitudes das mulheres são enformadas por um sentido de realidade que contrasta com o orgulho dos homens.

Quando as mulheres participam em cerimoniais estão a fazer algo que é estranho às normas da sua própria existência, mas que é normal para os homens, e por esta razão elas adoptam, nessas ocasiões especi-

[1] É importante notar que o *ethos* é uma abstracção que rotula os pontos de vista voluntariamente adoptados pelo investigador.

ais, pedaços da cultura dos homens, agarrando-se como eles se agarram e usando ornamentos que normalmente só são usados por eles. As mulheres assumem, nesse momento, o orgulho que é característico dos homens.

No caso das cerimónias que intitulam o livro de Gregory Bateson e que têm o nome de *Naven*, os homens, ao imitar as mulheres, dão ênfase às emoções que elas facilmente exprimem, enquanto que aquelas exageram aspectos especiais dos homens que eles não poderiam exprimir sem embaraço. Procuram compensar as suas faltas.

Esta cerimónia põe em evidência o processo de diferenciação nos padrões de comportamento adoptados pelos homens e pelas mulheres, como o resultado de interacções cumulativas entre os dois grupos.

2.1.2 A cismogénese complementar e simétrica

O conceito de "cismogénese" (o primeiro conceito teórico desenvolvido por Bateson) foi retirado do estudo do *ethos*, na medida em que, se existe uma relação complementar entre os *ethos* dos dois sexos na cultura Iatmul, é evidente que cada "ethos" pode ter um efeito formativo ou directivo sobre o outro, em que o comportamento de um promove os hábitos do outro. Logo no primeiro trabalho, Bateson propõe uma leitura interaccional dos fenómenos sociais, na qual a interacção entre indivíduos ou grupos é vista como uma sequência de reacções às reacções do outro.

A cismogénese é "um processo de diferenciação nas normas do comportamento individual, resultante da interacção cumulativa entre indivíduos" (Bateson, 1936: 175). Tem um papel importante na formação da personalidade dos indivíduos. Este conceito considera não só as reacções de um indivíduo A ao comportamento do indivíduo B, mas também como estas afectam o posterior comportamento de B e o efeito disto em A. O projecto de Bateson prende-se com as reacções dos indivíduos às reacções dos outros.

Muitos sistemas de interacção contêm uma tendência para a mu-

dança progressiva, já que são susceptíveis de alteração. Os contactos entre grupos de indivíduos com diferentes normas culturais de comportamento levam a mudanças que podem resultar na persistência de ambos os grupos, num equilíbrio dinâmico, dentro de uma comunidade maior.

O estudo dessas relações entre grupos de indivíduos com padrões de comportamento diferentes recai em duas categorias: casos em que a relação é complementar, como na diferenciação dos estratos sociais e das classes, e no exemplo do povo Iatmul, na diferenciação cultural entre os sexos; e casos em que a relação é simétrica, como na diferenciação das cidades e nações da Europa. Estamos perante os processos de interacção que criam e conservam as diferenças entre os indivíduos.

Gregory Bateson partiu de uma classificação dos indivíduos (forma) feita com base na diferenciação dos seus caracteres, em que a classificação visa determinar o que distingue as entidades separadas, para um estudo do processo que gerou as diferenças sumariadas na classificação, em que este diz respeito à interacção entre as entidades. Do processo (cismogénese) passou para uma classificação de processos (forma): os de interacção que fomentam a cismogénese podem ser classificados em dois grandes géneros - o simétrico e o complementar. Os seus métodos de pesquisa percorreram uma escada de alternância - uma sequência hierárquica e dialéctica - entre a classificação (ou forma) e a descrição do processo ("paradigma em ziguezague").[2]

O que caracteriza a diferenciação complementar é o facto de o com-

[2]Mais tarde, iremos perceber que a aprendizagem e a evolução seguem este "paradigma em ziguezague". A relação entre a mudança somática e a filogenética e a relação entre o aleatório e o seleccionado seguem os passos que vão desde a forma até ao processo e de novo para a forma. A forma e o processo operam juntos num sistema autoregulador hierarquicamente organizado. "Quando retiramos a noção de tipos lógicos do campo da lógica abstracta e começamos a cartografar os acontecimentos biológicos reais nas hierarquias deste paradigma, encontramo-nos imediatamente com o facto de que num mundo de sistemas mentais e biológicos, a hierarquia não é somente uma lista de classes, classes de classes, e classes de classes de classes, mas transformou-se numa escada em ziguezague da dialéctica entre a forma e o processo." (Bateson, 1979: 171)

portamento e as aspirações dos membros dos dois grupos serem diferentes, mas se ajustarem mutuamente. Um grupo de indivíduos é considerado assertivo e espera-se que o outro responda ao primeiro através da submissão. Esta diferenciação pode tornar-se progressiva e é provável que a submissão encorage outra assertividade que, por sua vez, promove outra submissão. O estímulo que incita uns a esforços acrescidos é a relativa fraqueza dos outros. Esta cismogénese, a não ser que se verifique uma restrição, leva a uma acentuação das posições dos membros de ambos os grupos, que resulta numa hostilidade mútua entre eles e termina na ruptura do sistema.

Por outro lado, constituindo a diferenciação simétrica, temos os casos em que os indivíduos dos dois grupos partilham as mesmas aspirações e os mesmos padrões de comportamento, mas diferenciam-se pela direcção desses padrões. Os indivíduos respondem ao que os outros fazem, fazendo algo semelhante. A situação em que um grupo se engrandece e o outro lhe responde com engrandecimento contém elementos que podem levar a uma diferenciação progressiva ou cismogénese. Desenvolve-se uma situação competitiva, em que o acto de engrandecer incita o outro grupo a um nível ainda maior de engrandecimento.[3] O estímulo é dado pela visão de maior força ou empenho por parte do outro grupo. Se demonstrarmos a um grupo que o outro é realmente fraco, o primeiro vai diminuir os seus esforços. Este processo, se não for travado, leva necessariamente a um estado crescente de extrema rivalidade e mesmo hostilidade, bem como à ruptura de todo o sistema.[4]

[3] O conceito de *potlatch* desenvolvido por Marcel Mauss enquadra-se no estudo da cismogénese simétrica na medida em que é a obrigação absoluta de retribuir as dádivas sob pena de perder a autoridade. A dádiva manifesta superioridade; aquele que aceita sem retribuir ou sem retribuir mais fica subordinado, torna-se pequeno. O *potlatch* é responsável pela circulação das dádivas, na medida em que os agentes sociais não querem estar dependentes dos doadores.

[4] J. Haley simplificou a noção de cismogénese ao falar de posição superior ("alta") e de posição inferior ("baixa"). O indivíduo detentor da posição "alta" dirige e é responsável pela interacção, aquele que detém a posição "baixa" ajusta-se e responde às iniciativas.

O alcoólico

A relação do alcoólico com os outros é claramente simétrica.

Nos hábitos de beber da cultura ocidental, existe uma forte tendência para a simetria, na medida em que dois homens juntos são impelidos, pela convenção, a beber por beber. O *outro* é real e a simetria ou rivalidade entre o par é amigável.

Assim que o alcoolismo se torna um comportamento aditivo e o alcoólico tenta resistir à tentação de beber, torna-se difícil lidar com o contexto social no qual encontra os seus amigos para beber.

Com o decorrer do tempo, é natural que o acto de beber passe a um acto solitário e que o alcoólico sinta a necessidade de desafiar o seu estado. A mulher e os amigos sugerem que o problema com a bebida é sinónimo de fraqueza e ele pode responder, com simetria, concordando com o que lhe é dito ou afirmando a sua força em resistir à bebida. No entanto, e como é característica das respostas simétricas, um breve período de luta com sucesso vai enfraquecer a sua motivação. O esforço simétrico exige uma oposição contínua por parte do adversário.

Gradualmente, o foco da luta muda e o alcoólico compromete-se com um novo tipo de conflito simétrico. Ele terá de provar que a garrafa não o consegue matar.

Entretanto, a relação com a mulher, o patrão e os amigos tem tendência a deteriorar-se. Ele nunca gostou do *status* complementar do patrão, enquanto representação da autoridade. A sua deteriorização faz com que a mulher se veja forçada a tomar um papel complementar. Torna-se autoritária, protectora ou paciente, mas tudo isto provoca raiva e vergonha. O orgulho simétrico do alcoólico não tolera um papel complementar.

O estado de espírito do alcoólico na luta contra a garrafa é desagradável. Ele tem uma alternativa para solucionar este desconforto - pode sempre embebedar-se. Assistimos a uma rendição complementar. A ansiedade e o pânico desaparecem como se de magia se tratasse. A necessidade de se comparar com os outros é reduzida e volta a sentir-se parte integrante do todo.

A passagem da sobriedade à intoxicação corresponde a uma passagem do desafio simétrico à complementaridade. O alcoól facilita a complementaridade nas relações.

Os contextos da cismogénese

As diferenciações complementar e simétrica contêm elementos dinâmicos, na medida em que, quando determinados factores restritivos são retirados, a diferenciação entre as pessoas aumenta progressivamente dando origem a uma ruptura ou a um novo equilíbrio.

Depois de ter aplicado o conceito de cismogénese aos padrões de comportamento dos membros da cultura Iatmul, Bateson realiza a primeira tentativa de generalização de um conceito teórico ao aplicá-lo à análise de diferentes relações intímas entre pares de indivíduos. "Devemos substituir a descrição dos factos e a sua explicação que não é mais do que uma tautologia da ciência clássica, pela abdução, isto é, o transporte dos resultados de um campo para outro campo" (Sfez, 1990a: 179). O que interessava a Bateson, além da cultura descrita, era a elaboração de uma teoria transcultural coerente em que os conceitos pudessem ser aplicados a outros tipos de sociedade.

A relação entre mãe e filho é uma relação complementar, de início benéfica para a mãe e indício de fraqueza para a criança. Posteriormente, a relação pode desenvolver-se de várias formas: estes dois parâmetros podem persistir; a relação pode evoluir de forma a que a mãe tenha orgulho do seu filho; ou pode evoluir de encontro a um contraste assertividade/submissão no qual um dos dois toma o papel assertivo.

Outro dos campos em que a cismogénese tem tendência a desenvolver-se é na inadaptação progressiva dos indivíduos neuróticos e pré-psicóticos. Analisando um exemplo concreto: um determinado indivíduo acredita que a sua mulher lhe é infiel. A cismogénese, num caso destes, assume a forma de uma expressão contínua de ansiedade e suspeita por parte do marido e a consequente resposta por parte da mulher. Ela, ao apoiá-lo ou ao contradizê-lo, está a contribuir para o mal estar do marido. Ele, por estar num processo de má adaptação, exige

respostas cada vez mais exageradas da parte dela.

Quando se verifica um contacto entre culturas diferentes, muito rapidamente os indivíduos de cada grupo adoptam normas de comportamento especiais no contacto com os indivíduos do outro grupo. E estas normas de comportamento especiais podem ser classificadas em termos de modelos complementares ou simétricos.

O domínio político é outro bom exemplo: uma cismogénese simétrica nas rivalidades internacionais e uma cismogénese complementar na luta de classes. Nestes casos, uma evolução progressiva do comportamento em direcção a uma cada vez maior diferenciação e a uma mútua oposição são respectivamente evidentes.

Os progressos da cismogénese

A cismogénese é impossível a não ser que as circunstâncias sociais sejam tais que os indivíduos são mantidos juntos por alguma forma de interesse comum, dependência mútua ou pelo seu *status* social.

O aspecto *ethológico* do comportamento é fundamental para a cismogénese e é necessário considerar não tanto o conteúdo do comportamento, mas a ênfase emocional com a qual é dotado no seu enquadramento cultural.

Se A dá um objecto a B e este o recebe, tanto dar como receber podem ser entendidos como expressões de uma amizade mútua e a continuação destes actos pode levar, não à cismogénese, mas a uma união cada vez mais próxima entre A e B. Na "troca recíproca" (Marcel Mauss), os objectos de troca nunca estão completamente desligados dos seus agentes de troca. E é esta permanência da influência das coisas trocadas que funciona como factor de coesão entre os grupos.

Quando lidamos com uma cismogénese entre dois indivíduos separados ou grupos de indivíduos, temos de considerar a ênfase *ethológica* como uma condição necessária para a cismogénese.

Quando a relação simétrica ou complementar se estabelece pela primeira vez, é provável que os modelos de comportamento que os dois indivíduos ou grupos adoptam pareçam a ambos uma resposta satisfatória

a um difícil problema de relacionamento. Se este modelo complementar ou simétrico se torna cada vez mais enfatizado pela cismogénese, é provável que as personalidades dos indivíduos em causa se distorçam numa determinada direcção, seja ela o exibicionismo, a assertividade, a submissão, etc. Com esta distorção, algum grau de desconforto é introduzido na relação, e pode mesmo acontecer que os indivíduos, ao tentar encontrar outra vez a resposta que inicialmente era satisfatória, se especializem cada vez mais nos seus respectivos papéis. A distorção é uma especialização progressiva em certas direcções e resulta num desenvolvimento inferior de outros lados da personalidade.

Mais cedo ou mais tarde, a distorção das personalidades vai ser acompanhada por três efeitos: uma hostilidade na qual cada parte se ressente da outra como causa da sua própria distorção; uma crescente incapacidade em compreender as reacções emocionais da outra parte, pelo menos na cismogénese complementar; e a inveja mútua. Os membros de cada grupo vêem as partes atrofiadas da sua própria vida afectiva demasiadamente reveladas nos membros do grupo oposto. É neste tipo de contexto que a inveja mútua se desenvolve.

Quanto mais afastadas as personalidades evoluirem e mais especializadas se tornarem, mais difícil será para elas verem o ponto de vista dos outros. Atinge-se uma situação em que as reacções de cada parte já não procuram a resposta que inicialmente as satisfazia, mas são a expressão de descontentamento pelo tipo de adaptação emocional a que os indivíduos foram forçados. As personalidades tornam-se mutuamente contra sugestivas e os modelos de comportamento adoptados são uma reacção para com a outra parte. Neste contexto, a cismogénese assume uma nova forma e a relação torna-se cada vez menos estável.

O controlo da cismogénese

Pensada única e exclusivamente nestes termos, a cismogénese teria necessariamente um fim trágico. Por isso, tem de ser encarada, não como um processo que avança inevitavelmente, mas antes, como um processo de mudança que é, em alguns casos, controlado ou continuamente neu-

tralizado por modelos inversos.

Após a classificação de processos, a atenção de Gregory Bateson desviou-se para o estudo das interacções entre os dois processos. Verificou que as cismogéneses simétricas e complementares são mutuamente negativas; têm efeitos opostos sobre a relação. De forma que, quando, por exemplo, a assertividade/submissão tenha ido longe demais, causando o desconforto, uma ligeira competição alivia a tensão. Contrariamente, sempre que a competição vá longe demais, uma pequena dependência é um conforto.

Uma cultura pode manter o equilíbrio psicológico alternando os dois processos contrários, que isoladamente poderiam provocar a desorganização. A própria cultura contém mecanismos autoreguladores sucessivos que antecipam o perigo (aquilo que na terminologia da cibernética ficou conhecido como a "retroacção negativa"). Um excesso de conduta simétrica pode desencadear os rituais que reforçam a complementaridade e vice-versa. As duas possibilidades de responder à ameaça contrabalançam-se. O sistema resultante é mais flexível, mais provável de sobreviver.

A cismogénese pode ser controlada por outra cismogénese dentro ou fora dos grupos considerados. Um exemplo é o caso em que uma cismogénese entre dois grupos, seja ela complementar ou simétrica, pode ser reprimida por factores que unem os dois grupos, em lealdade ou em oposição, a um elemento exterior.

A cismogénese também pode ser neutralizada por mudanças progressivas inversas no relacionamento entre os grupos. Estes processos são, tal como a cismogénese, resultados cumulativos das reacções de cada indivíduo às reacções dos membros do outro grupo, mas o processo inverso diverge da cismogénese na direcção da mudança. Em vez de levar a um aumento da hostilidade mútua, ele vai na direcção do amor mútuo.

A reflexão de Bateson sobre os processos de equilíbrio e desequilíbrio, sobre os fenómenos circulares e sobre as possibilidades de crise e ruptura *movimentou* o funcionalismo estático, equilibrado e harmoni-

oso que reinava na antropologia.

2.1.3 A mudança na aprendizagem

"O processo da cismogénese (...) é um exemplo de mudança progressiva ou *direccional*" (Bateson, 1936: 284). Toda a mudança direccional é consequência do contexto interaccional no qual os indivíduos estão envolvidos. Essa mudança e consequente adaptação são possíveis porque o processo é dialéctico e relacional. A direcção para uma rivalidade cada vez mais intensa no caso da cismogénese simétrica ou para uma diferenciação crescente do papel na cismogénese complementar é assumida como dependendo do fenómeno da aprendizagem. Os processos de aprendizagem tornam-se, para Bateson, o elemento central para a compreensão e a acção, no seio de uma metodologia da mudança.

"A cismógenese é um processo de interacção em que se dá uma mudança de direcção num sistema que aprende" (Bateson, 1991, 263).[5]

A ordem de aprendizagem a que me refiro foi designada, por Bateson, como "deutero-aprendizagem" ("aprender a aprender", ou seja, aprender a tratar uma determinada classe de contexto). Quaisquer duas ordens de aprendizagem estão relacionadas de forma a que a aprendizagem de uma ordem é a aprendizagem acerca da ordem - metarelações entre as mensagens. Encarada nestes termos, a "deutero-aprendizagem" é uma meta-aprendizagem.

Em qualquer experiência de aprendizagem, verifica-se não só a aprendizagem em que o cientista está interessado, por exemplo, o aumento da frequência da resposta condicionada no contexto experimental, mas também uma aprendizagem mais abstracta e genérica ou de uma ordem superior, em que o sujeito experimental melhora a sua capacidade em lidar com contextos de um determinado tipo porque aprende de forma mais rápida. O sujeito começa a actuar cada vez mais como se contextos desse tipo fossem esperados no seu universo. Ele não só re-

[5] A própria evolução das espécies pode ser vista como o resultado de uma interacção cismogenética entre a espécie e o seu ambiente.

solve os problemas que lhe foram colocados pela experiência, como se torna cada vez mais capacitado para resolver problemas; compreende o comportamento através das relações. Está a aprender a orientar-se para determinados tipos de contexto ou está a adquirir uma perspectiva dos contextos de resolução de problemas.

Qualquer transacção entre pessoas constitui um contexto de aprendizagem. "Os limites da teoria cismogénica são também os limites da estrutura contextual, e esse 'aprender a aprender' é certamente, para aquele que aprende, uma aprendizagem de contextos" (Bateson, 1991: 264).

Os indivíduos aprendem, além dos modelos simétrico e complementar, a esperar e a exibir determinadas relações sequenciais entre estes dois modelos. Devemos pensar que os processos que tendem para a desintegração irão ser corrigidos pela activação de outros que vão numa direcção oposta, e que os indivíduos estão a ser treinados para introduzir, através dos mecanismos de autoregulação, este tipo de mudança correctiva nas relações com os outros. "Um sistema pode conter circuitos homeostáticos ou de retroacção que limitam ou redireccionam esses processos que, de outro modo, seriam destrutivos" (Bateson, 1991: 163/4). Os modelos da sociedade, enquanto entidade maior, podem ser interiorizados ou conceptualizados pelos indivíduos participantes, através da aprendizagem.

Na década de 30, Bateson falava das mudanças progressivas e não duvidava da existência de circuitos de causalidade autocorrectivos. No entanto, a consciência da autoregulação não esclarece tudo. Era necessário introduzir a mudança de nível lógico, o que acontece com a consideração dos diferentes níveis de aprendizagem.

2.2 A matrix comunicacional

2.2.1 Codificação da informação

Na procura de valores, o homem alcança uma coincidência ou con-

gruência entre qualquer coisa na sua cabeça e qualquer coisa exterior. Alcança-a alterando os objectos e os acontecimentos exteriores. Quando procura informação, está novamente a tentar alcançar uma congruência entre "qualquer coisa na sua cabeça" e o mundo exterior, só que desta vez tenta fazê-lo alterando as suas representações.

A percepção que temos dos acontecimentos exteriores implica necessariamente uma tradução interior desses acontecimentos. Este processo de substituição é feito através de um mecanismo de codificação.[6]

Na mente humana não existem objectos e acontecimentos. A mente é somente constituída por transformações, percepções, imagens, etc. e regras para produzir essas transformações, percepções, etc. "O mundo da forma e da comunicação não invoca coisas, forças ou impactos, somente diferenças e ideias" (Bateson, 1972: 271).

Tanto na procura de informação, como na procura de valores, o homem tenta estabelecer uma congruência improvável de acontecer de outra forma entre ideias e acontecimentos. Não é necessário saber como percepciona, mas sim o que percepciona.[7]

Todas as tentativas de traduzir afirmações sobre a codificação de informação em afirmações sobre o sistema de valores conduzem inevitavelmente a algum engano. Levam a descrever o indivíduo como sendo duas pessoas distintas, aquele que percepciona e um agente activo.

Na verdade, o indivíduo percepciona e actua em consequência da sua percepção. Estas duas afirmações são realmente inseparáveis. Ele

[6]O sistema de codificação é o modo como a pessoa percebe ou conceptualiza o mundo. O sistema de valor consiste nas avaliações feitas por uma pessoa – o que é e o que não é considerado bom e importante. Estes dois sistemas, que modelam as comunicações de uma pessoa, estão intimamente interligados. Uma pessoa codifica (percepciona) em consonância com o seu sistema de valor (codificação-avaliação) e o mundo percebido consiste em duas realidades – uma realidade sensorial, que a pessoa examina em primeira mão e a realidade normativa ou consensual, que é aprendida dos outros.

[7]No final da vida, Bateson desenvolve a questão da forma como percepcionamos não ser consciente, já que só temos acesso ao produto da nossa percepção. Sobre este assunto, cf. Capítulo III do presente livro.

age em função da percepção que tem das coisas. Os únicos dados de que dispomos acerca da codificação de acontecimentos exteriores derivam das reacções dos indivíduos. Estas são, de facto, um estado posterior de codificação, outra complexa transformação derivada dos acontecimentos originais. Dois passos de codificação ou transformação se deram entre os acontecimentos exteriores e a reacção do indivíduo a esses acontecimentos.

A codificação permite-nos resumir a experiência. Esta síntese de experiências pode resultar em ambivalência, na medida em que cada uma delas é uma condensação arbitrária de dados que em si mesmos não são passíveis de um resumo.

Se há contradições, não dentro do organismo, mas entre as premissas do organismo e aquelas que obtém no ambiente, o organismo que inicialmente parecia actuar de acordo com um sistema de premissas pode, após um período de tentativa e erro, gradual ou subitamente, começar a agir em termos de um outro sistema melhor adaptado. Esta *aprendizagem* pode ser acompanhada por uma *mudança* na percepção consciente que o organismo tem do ambiente que o rodeia.

2.2.2 Os contextos da aprendizagem

A aprendizagem é "a recepção de INFORMAÇÃO por um organismo, um ordenador ou qualquer outra entidade capaz de processar dados" (Bateson, 1991: 188).

Tendo sido colocado perante o erro, o organismo autocorrige-se, não só modificando a sua acção, mas alterando os processos e mecanismos básicos pelos quais as acções estão relacionadas com os dados provenientes do ambiente. O organismo tem a capacidade de modificar o seu sistema de autocorrecção, na medida em que as características do comportamento do indivíduo dependem do seu comportamento e experiência prévios. A informação proporcionada pelo passado determina o grupo de opções entre as quais faz a sua escolha.

A mudança verificada no organismo isolado, que representa uma

melhoria nas capacidades de adaptação, pode ser considerada como terapêutica. Um fracasso do organismo em ajustar as suas premissas às condições do ambiente pode ser anti-terapêutico e resultar numa dificuldade em transmitir mensagens aos outros. As patologias psiquiátricas estão intimamente ligadas a esta dificuldade na transmissão e compreensão das informações trocadas com o outro.

Alguns tipos de informação estão mais profundamente incorporados no sistema que outros, ou seja, algumas partes do "programa" são *hard* e outras *soft*. Os elementos *soft* podem ser facilmente mudados, se for necessário adaptar o programa a um uso similar; no entanto, a mudança dos elementos *hard* pode implicar uma reestruturação quase total do programa. A desorganização destes elementos é uma forma de aprendizagem difícil e dolorosa, que, quando falha, pode ser patológica.

Num processo de aprendizagem, as velhas premissas sobrevivem, só que numa forma modificada ou reprimida. Acontece uma ordem superior de aprendizagem ou "deutero-aprendizagem", de forma a que o organismo colocado novamente perante o erro, se sentirá menos ansioso devido à crença adquirida na sua própria capacidade em lidar com a falta de sorte. A "deutero-aprendizagem" do sujeito é um processo de formação da personalidade, da maneira de interpretar e participar na interacção com os outros.

"O sujeito adquiriu o hábito de procurar contextos e sequências de um tipo, em vez de outro, o hábito de 'pontuar' o fluxo dos acontecimentos para repetir determinado tipo de sequência significante" (Bateson, 1972: 166).[8] Só depois de desenvolver a capacidade de receber

[8]A ideia da "pontuação da sequência comunicacional" foi retirada da psicologia da forma (forma entendida como totalidade; é um efeito de percepção). O modo como os indivíduos se entregam mutuamente à interpretação ou definição da interacção que se estabelece entre eles estrutura os factos, os comportamentos e as consequências, de tal forma que um deles parece ter a iniciativa, enquanto que o outro parece ter o estatuto de seguidor. A percepção das unidades de troca (*gestalten*) é guiada pela cultura e pelo arbítrio social. Esta percepção pode ser rígida ou flexível. As regras dessa pontuação fazem parte do sistema de convenções e de premissas sobre o qual repousa a

informação de ordens mais abstractas é que o indivíduo pode aprender.

A mudança adaptativa

Todos os sistemas biológicos (organismos e organizações sociais e ecológicas de organismos) são capazes de mudança adaptativa. Esta mudança assume diferentes formas, tais como resposta, aprendizagem, sucessão ecológica, evolução biológica, evolução cultural, etc. de acordo com o tamanho e a complexidade do sistema em causa.

Em qualquer sistema, as mudanças adaptativas dependem da "retroacção" (*feedback*), seja ela proveniente da selecção natural ou de um reforço individual.[9] Em todos os tipos de mudança, o indivíduo procede por tentativa e erro e através de um mecanismo de comparação. Efectuar tentativas e corrigir erros é uma forma de aprendizagem; as outras são a repetição, a imitação e a aplicação de recompensas e punições.

No entanto, o processo de tentativa e erro envolve necessariamente erros e é biológica e/ou fisicamente dispendioso. Daqui se depreende que a mudança adaptativa tem de ser hierárquica; um erro só pode ser contornado no nível seguinte. O esforço dispendido nesse nível faz com que a correcção de um erro no nível posterior exija ao indivíduo um esforço menor e assim sucessivamente.

Para o processo de aprendizagem se realizar, é necessária não só uma "mudança de primeira ordem", que vá de encontro às exigências ambientais ou fisiológicas, mas também "mudanças de segunda ordem", que irão reduzir a percentagem de tentativa e erro necessária

comunicação, o que faz com que se considere a aprendizagem da comunicação como uma série de contextos encaixados.

[9]Este conceito foi desenvolvido pela Cibernética, a ciência que explica os mecanismos de regulação de um sistema. A retroacção é um método de controlo que reintroduz no sistema os resultados da sua acção sobre o exterior.

O processo de tentativa e erro está ligado a estes mecanismos de regulação, na medida em que o indivíduo aprende de acordo com os sucessos ou insucessos da sua acção sobre o ambiente e da acção deste sobre ele próprio.

para alcançar a "mudança de primeira ordem". E assim por diante. Sobrepondo ou interligando as diferentes "retroacções", todos os sistemas biológicos, o homem incluído, resolvem não só os problemas particulares como também criam hábitos que aplicam à solução das classes de problemas.

Nós, organismos, aprendemos a aprender, nós *deutero-aprendemos*.

Na evolução biológica, as mudanças adaptativas ocorrem durante a vida do indivíduo e ajustam-no às várias formas de stress, esforço, exigências feitas à destreza e habilidade. Estas mudanças são obtidas através de um certo custo. O que se consome é a "entropia" (uma medida da taxa de desordem de um fenómeno), ou seja, as possibilidades de mudança não aproveitadas em muitas e diferentes variáveis e parâmetros fisiológicos e neurais. As possibilidades não aproveitadas (entropia) perdem-se, são consumidas ao converterem-se em partes imutáveis de pautas ("neguentropia"). As mudanças adaptativas limitam as possibilidades de adaptações futuras noutras direcções.

Existe uma quantidade finita de mudanças potenciais que o corpo é capaz de alcançar. Ao ser alvo de uma mudança adaptativa, a sua capacidade de conseguir outras mudanças fica reduzida. A sua flexibilidade, naquele momento, fica diminuída. Volta a estabilizar quando o organismo incorpora essa mudança nas partes *hard* da sua estrutura e fica disponível para novas mudanças.

Os níveis da aprendizagem

Segundo o pensamento de Gregory Bateson, as ideias acerca da aprendizagem devem ser ordenadas de acordo com uma hierarquia de níveis, em que o mais elementar é a "aprendizagem de tipo 0". "É o caso em que a entidade mostra uma mudança mínima ao responder a um item repetido dos inputs sensoriais" (Bateson, 1972: 283). Diz respeito à simples recepção de informação de um sinal proveniente de um acontecimento exterior, de forma a que um acontecimento semelhante num futuro próximo irá transmitir a mesma informação; é o caso em que um mesmo estímulo provoca sempre a mesma resposta.

A "aprendizagem de tipo 0" é caracterizada pela "especificidade da resposta" que, correcta ou incorrecta, não está sujeita à correcção pelo processo de tentativa e erro. Os restantes níveis de aprendizagem poderão conter escolhas incorrectas, como ignorar ou usar incorrectamente alguma da informação disponível. Ao ordenar os níveis de aprendizagem, Bateson construiu uma classificação hierárquica dos tipos de erro que irão ser corrigidos nos diferentes níveis.

A "aprendizagem de tipo I", o nível hierárquico seguinte, representa a mudança na capacidade do indivíduo reagir às percepções ou aos sinais que recebe. É o caso em que uma entidade dá, a um mesmo estímulo, num segundo momento, uma resposta diferente à que tinha dado no primeiro; ajusta a resposta ao mesmo sinal em função do contexto no qual este é produzido. Aprende a dar resposta aos sinais. Esta definição pressupõe que o estímulo é o mesmo nos dois momentos; necessariamente, o contexto está também delimitado, teoricamente deveria ser o mesmo em ambos os momentos. O contexto é uma meta-mensagem que classifica o sinal elementar constituído pelo estímulo. A própria noção de contexto está sujeita aos diferentes níveis de abstracção. Cada contexto de nível superior representa uma meta-mensagem que determina a significação das mensagens do nível inferior.

Se não existisse a possibilidade do contexto se repetir, toda a aprendizagem seria de um tipo, nomeadamente, "aprendizagem de tipo 0". Esta premissa torna-se necessária para qualquer teoria que define a aprendizagem como uma mudança.

Tendo em conta a classificação hierárquica dos erros a ser corrigidos pelo processo de tentativa e erro, o contexto pode ser considerado como "um termo colectivo que designa todos os acontecimentos que indicam ao organismo de entre que conjunto de possibilidades deverá fazer a sua próxima escolha" (Bateson, 1972: 289).

O organismo responde ao mesmo estímulo de formas diferentes em diversos contextos. No entanto, como sabe que um determinado contexto é diferente de outro? Em algumas circunstâncias, não existem sinais que diferenciam os dois contextos e o organismo vê-se forçado a

procurar informação nos acontecimentos que constituem o contexto em causa. Na maior parte das situações, existem sinais cuja principal função é classificar os contextos; essas fontes de informação têm o nome de "marcadores de contexto". As sequências da vida e da acção são segmentadas em contextos que podem ser equacionados ou diferenciados pelo organismo através desses marcadores. Mesmo na "aprendizagem de tipo 0", qualquer espécie de comportamento pode ser vista como estímulo ou resposta ou ambos, de acordo com a "pontuação" atribuída à sequência.

O próximo nível ou tipo lógico da aprendizagem é a "aprendizagem de tipo II", ou "deutero-aprendizagem". É a mudança no processo de "aprendizagem de tipo I", "uma mudança correctiva no conjunto das possibilidades entre as quais se efectua a escolha, ou é uma mudança que se produz na forma como a sequência da experiência é pontuada" (Bateson, 1972: 293). O indivíduo aprende uma metaregra sobre como deve abordar os acontecimentos.

É uma mudança na maneira pela qual a sequência comunicacional é segmentada e "pontuada" em contextos, juntamente com uma mudança no uso dos marcadores de contexto; estamos perante um processo de adaptação.

Todos aqueles que pensam nos processos que determinam o carácter do indivíduo ou nos processos de mudança nas relações humanas utilizam necessariamente uma variedade de suposições acerca da "aprendizagem de tipo II". Nos sistemas, que envolvem duas ou mais pessoas, onde a maioria dos acontecimentos importantes são posturas, acções ou afirmações das pessoas, nota-se que o conjunto de eventos é *pontuado* em contextos de aprendizagem pelo acordo que se estabelece entre os indivíduos, tendo em consideração a natureza da sua relação; ou então, por *marcadores de contexto* e acordos no sentido de atribuir o mesmo significado a esses *marcadores de contexto*.

A sequência de trocas entre duas pessoas é estruturada precisamente pela percepção da sequência como uma série de contextos, cada contexto conduzindo necessariamente ao próximo. A maneira especí-

fica através da qual a sequência é estruturada pela pessoa é determinada pela anterior "aprendizagem de tipo II" desse indivíduo.

Tomando o exemplo da psicoterapia, o paciente procura moldar a troca com o terapeuta de acordo com as premissas das anteriores "aprendizagens de tipo II". O contexto terapêutico inclui o comportamento do paciente, bem como os acontecimentos exteriores. No entanto, este comportamento é controlado pela anterior "aprendizagem de tipo II" e como tal irá moldar todo o contexto terapêutico, para que se enquadre com a "pontuação" desejada. Esta característica de autovalidade do conteúdo da "aprendizagem de tipo II" torna-a persistente. A "aprendizagem de tipo II" adquirida na infância persiste ao longo da vida, o que justifica o objecto de estudo da psicanálise clássica.

A "aprendizagem de tipo III", o último nível a ser considerado, é a resolução dos vínculos desenvolvidos na "aprendizagem de tipo II"; representa aprender a modificar a nossa forma de "aprender a aprender"; "uma mudança correctiva no sistema dos conjuntos de alternativas de entre as quais a escolha é feita" (Bateson, 1972: 293). Exigir este nível de *performance* por parte dos homens é muitas vezes patológico. Esta aprendizagem pode levar a um aumento na "aprendizagem de tipo II" ou a uma limitação e mesmo redução desse fenómeno. Provoca a tomada de consciência das premissas que presidem às nossas "aprendizagens de tipo II" e a sua modificação. Este nível teria de ser acompanhado por uma redefinição profunda do *eu*, já que o carácter é um produto, um agregado de "aprendizagens de tipo II" anteriores. Se o indivíduo atingisse este nível e percebesse os contextos nos quais a sua identidade foi forjada e perpetuada, o *eu* dissolver-se-ia.

Todas as afirmações realizadas em termos de contextos de aprendizagem podem ser traduzidas para afirmações produzidas em termos de ordens de aprendizagem; ou seja, a hierarquia dos contextos é isomórfica em relação à hierarquia das ordens de aprendizagem. No entanto, os contextos têm a localização fora do indivíduo físico, enquanto que as ordens de aprendizagem estão localizadas no interior.

O trabalho que Bateson desenvolveu sobre os diferentes tipos de

aprendizagem permitiu-lhe perceber a importância da descontinuidade existente entre os diferentes níveis lógicos e como eles se organizam de forma hierárquica. A aprendizagem só pode ocorrer em diferenciais separados pelos sucessivos momentos que decorrem ao longo do tempo. O que implica que o que se passa num nível superior é afectado pelo que se passa num nível inferior.

2.2.3 Interacção e comunicação

O indivíduo que percepciona deve sintetizar os seus dados sobre o ambiente inanimado em unidades apropriadas e tem efectivamente uma determinada liberdade para o fazer de maneira idiossincrásica. Diferente é o caso da comunicação interpessoal; ou seja, ao receber uma comunicação verbal ou outro tipo de comunicação pessoal, o indivíduo tem menos liberdade porque a matéria da mensagem está já sintetizada pelo interlocutor em palavras e frases.

As pessoas envolvidas numa interacção possuem a curiosa liberdade de impor as suas interpretações sobre as sequências da interacção. É esta liberdade e a limitação determinada pelas velhas premissas deutero-aprendidas que fazem com que o indivíduo consiga percepcionar as sequências da interacção na sua maneira idiossincrásica e encontrar um reforço para as suas premissas deutero-aprendidas.

O desencadear de uma relação entre duas pessoas depende não só da sequência de acontecimentos que constitui a interacção, mas também da forma como os indivíduos envolvidos vêem e interpretam esses acontecimentos. Esta apropriação pode ser vista como a aplicação de um conjunto de pressuposições acerca do mundo ou do próprio, cuja validade depende da confiança depositada nelas. Essas pressuposições têm uma ligação directa com os contextos nos quais os indivíduos se encontram. Eles são detentores de uma liberdade parcial para interpretar o mundo de acordo com premissas da respectiva estrutura do carácter, e a liberdade para o fazer é ainda aumentada pelo fenómeno do reconhecimento selectivo e pelo facto de o indivíduo que percepciona

desenvolver um papel na criação das sequências de acção apropriadas, ao contribuir com as suas próprias acções para a sequência que se está a desencadear.[10]

O conceito que o homem detém do mundo é adquirido através da interacção social e da comunicação; estes aspectos adquiridos são os alicerces sobre os quais repousa a futura organização daquilo que o rodeia.

O estudo da interacção diz respeito ao efeito da comunicação sobre o comportamento de duas ou mais entidades que interagem, já que a interacção é "uma sequência de mensagens trocadas por indivíduos numa relação recíproca" (Marc/ Picard, 1984: 23). Esse estudo envolve a elaboração de afirmações em dois ou mais níveis de abstracção: elas terão que existir sobre as entidades participantes, bem como sobre a entidade mais lata constituída pela própria interacção.

Somente quando a informação relativa aos efeitos da acção (noção de "retroacção") torna a afectar o sistema é possível a autocorrecção.[11] O estudo da interacção torna-se o estudo do sucesso ou fracasso da autocorrecção que se desenvolve. Este estudo refere-se à capacidade que uma entidade tem de prever acontecimentos, bem como à capacidade que a entidade tem de modificar a sua acção quando essas previsões estão erradas. O grau de autocorrecção é função da capacidade que a entidade tem de prever.

Os organismos deverão ser vistos como entidades autocorrectivas. A informação que um organismo necessita são dados acerca dos seus erros e sobre as condições que no mundo exterior ameaçam a sobrevivência e causam desconforto.

Para tal, é imprescindível considerar o indivíduo no contexto de uma situação social. As palavras e as acções não têm sentido ou significado se estiverem alienadas de um contexto. É o contexto que fixa o

[10] As premissas sobre as quais a estrutura do carácter é construída estão intimamente ligadas ao contexto no qual a aprendizagem ocorre.

[11] Observam-se constantemente os efeitos sobre os outros e usa-se essa informação para adaptação à situação. Esse processo adaptativo envolve sempre a predição da resposta futura.

significado.

A situação social estabelece-se quando as pessoas participam numa comunicação interpessoal. Um acontecimento interpessoal é caracterizado: pela presença de actos expressivos da parte de uma ou mais pessoas; pela percepção consciente ou inconsciente dessas acções expressivas por outras pessoas; e pela observação reenviada de que essas acções expressivas foram percepcionadas por outros. A percepção de ter sido percepcionado influencia e muda significativamente o comportamento humano.

A comunicação é precisamente determinada pelo facto da pessoa percepcionar que a sua percepção foi notada pelos outros. Assim que este facto se estabelece, podemos falar da existência de um sistema de comunicação.

A *percepção da percepção* ou *metapercepção* é o sinal de que um acordo silencioso foi alcançado pelos participantes, a ponto de a influência mútua ser esperada. O reconhecimento mútuo de ter entrado no campo de percepção de cada um equivale ao estabelecimento de um sistema de comunicação. "Quando um indivíduo P1 comunica com outro P2, a operação fundamental que se produz é a descoberta de territórios mútuos" (Sfez/ Coutlée, 1990: 189).

A construção do *Self* envolve a projecção de uma determinada imagem de si e, também, a legitimação desse imagem projectada, isto é, o reconhecimento por parte dos outros.

Este "mútuo reconhecimento da percepção" torna-se uma parte determinante de todas as nossas acções e interacções. No momento em que este reconhecimento é estabelecido, os participantes constituem um grupo determinativo e as características do processo que se está a desenrolar nesta entidade aumentada controlam-nos de alguma forma.

A metacomunicação

Com o "mútuo reconhecimento da percepção" emerge uma nova ordem de comunicação, a "metacomunicação" ou "comunicação sobre a comunicação" - "todas as pistas e proposições trocadas acerca (a)

da codificação e (b) da relação interpessoal entre os comunicadores" (Ruesch/ Bateson, 1951: 209). As qualidades e as características da metacomunicação entre as pessoas dependem das qualidades e do grau do mútuo reconhecimento das percepções de cada um. As afirmações metacomunicativas pertencem a um nível de abstracção diferente das afirmações objectivas simples a partir das quais elas são elaboradas.

A comunicação entre duas pessoas compreende dois níveis lógicos diferentes, o conteúdo da troca (transmissão) e a metacomunicação, permitindo a última contextualizar a primeira.

O código com o qual um participante comunica inclui os sistemas simbólicos de uma determinada cultura e as comunicações acerca da comunicação. Em cada cultura, os participantes comunicam não só um conteúdo, mas também instruções em como interpretar uma determinada mensagem, sobre a ordem e a espécie de não consciência (ou consciência) das mensagens. Essas comunicações acerca da comunicação podem, em termos científicos, ser descritas, por observadores neutrais, como sistemas; os cidadãos das comunidades envolvidas aplicam este conhecimento na comunicação quotidiana sem terem consciência da sua existência. Estamos perante o duplo significado do conceito de *sistema* - um conhecimento explícito por parte do observador e implícito por parte dos participantes.

Independentemente da comunicação que estejamos a considerar, torna-se evidente que todas as mensagens têm dois tipos de "significado", todo o acto de comunicação comporta duas importantes mensagens. "Por um lado, a mensagem é uma afirmação ou relato sobre acontecimentos anteriores e por outro lado é uma ordem - uma causa ou estímulo para acontecimentos num momento posterior" (Ruesch/ Bateson, 1951: 179). O aspecto "ordem" da mensagem, ou "relação", como Paul Watzlawick posteriormente o denominou, pode ser considerado como uma segunda mensagem que engloba a primeira e especifica como ela deve ser apreendida.[12]

[12]Os teóricos da filosofia da linguagem, baseados em Austin, incidem as suas reflexões no locutor e no seu enunciado. O interlocutor está ausente. Bateson, por

Toda a comunicação tem esta dualidade de aspectos.

"A comunicação é o único modelo científico que reagrupa os aspectos fisiológico, intrapessoal, interpessoal e cultural dos acontecimentos no mesmo e único sistema" (Ruesch/ Bateson, 1951: 5). A comunicação é a "matrix" na qual todas as actividades humanas estão encaixadas; fornece as regras de apreensão das coisas do mundo; liga os objectos às pessoas e as pessoas umas às outras. "A ciência, a arte ou as práticas quotidianas não são mais do que sectores contidos nesse contentor que é a comunicação" (Sfez, 1990a: 162).

A comunicação não se refere somente à transmissão verbal, explícita e intencional de mensagens. Inclui todos os processos através dos quais as pessoas se influenciam, uma massa de sinais semivoluntários. "Não existem nenhumas 'simples palavras'. Só há palavras com gestos, ou tom de voz, ou coisas do género. Mas, evidentemente, gestos sem palavras são frequentes" (Bateson, 1972a: 25).

A comunicação entre os seres vivos versa sobre as regras e as contingências da relação. Um gato "fala" em termos de padrões e contingências da relação; é da responsabilidade do homem, em consequência da "conversa", proceder a uma dedução, adivinhando o que o animal quer. É precisamente a necessidade desta dedução que diferencia a comunicação dos animais préverbais e a linguagem do homem.

O conteúdo de uma mensagem raramente é aceite pelos indivíduos como sendo única e exclusivamente uma afirmação de facto. O indivíduo ao receber uma mensagem aborda-a na tentativa de perceber qual o contributo para a relação entre os dois.

O hábito de comunicar acerca das nossas relações é de tal forma familiar que não temos consciência dele. A maior parte da comunicação sobre este assunto é feita através da quinésica e de sinais paralinguísticos, como movimentos do corpo, mudanças na expressão facial, he-

seu lado, salienta a relação entre os membros da interacção. O que exprimimos, só quando enquadrado, numa determinada situação e perante sujeitos concretos, adquire plena dimensão. É a interacção que dá o recorte final aos nossos enunciados. A "frame" é o primeiro factor que fixa o sentido dos enunciados e que, de alguma forma, antecede mesmo os próprios enunciados.

sitações, alterações de movimentos, elevações de voz e irregularidades na respiração.

Comunicação digital e analógica

Os órgãos sensoriais funcionam como órgãos de transmissão de mensagens acerca da relação. Facilmente se percebe como os gestos e o tom de voz são parcialmente inteligíveis enquanto que as línguas estrangeiras não o são. "É porque a linguagem é digital e a quinésica e a paralinguística são analógicas" (Bateson, 1972: 372/3).

A comunicação digital é toda a forma de comunicação submetida a um código estritamente convencional. Os signos criados pela convenção são ligados entre si de acordo com determinadas regras. Em si não têm nenhuma ligação com o que representam. Um nome normalmente tem uma ligação arbitrária com a classe que nomeia. O número "5" é única e exclusivamente o nome de uma magnitude, em si não tem qualquer espécie de magnitude.

Na comunicação analógica, por outro lado, as magnitudes reais são usadas e correspondem às magnitudes reais para o sujeito do discurso. "Na comunicação quinésica e paralinguística, a magnitude do gesto, a sonoridade da voz, a duração da pausa, a tensão do músculo - estas magnitudes correspondem (directa ou inversamente) a magnitudes na relação que é o sujeito do discurso" (Bateson, 1972: 374).

Palavras como "amor", "ódio", "respeito", "medo", "dependência", "domínio" não contribuem de forma definitiva para a definição da relação entre os indivíduos. Proferir a frase: "Eu amo-te", faz com que o outro preste mais atenção ao tom de voz e aos movimentos (signos que acompanham as palavras) daquele que fala, do que propriamente às palavras.

O discurso sobre a comunicação verbal está ligado aos assuntos da relação entre os indivíduos e entre os indivíduos e o ambiente.[13] É

[13]Bateson tentou, por abdução, generalizar o seu modelo explicativo da comunicação humana à comunicação animal e os estudos desenvolvidos permitiram-lhe

importante que este discurso prossiga com técnicas mais ou menos não conscientes e só imperfeitamente sujeitas a um controlo voluntário.

O facto de alguém interpretar os nossos gestos e posturas traduzindo-os em palavras acerca da relação é desconfortável. Preferimos que este tipo de mensagem permaneça analógico, inconsciente e involuntário.

Traduzir as mensagens quinésicas ou paralinguísticas para palavras introduz uma rude falsificação, já que faz parte do carácter humano tentar falsear afirmações sobre sentimentos; surgem distorções sempre que os produtos de um sistema de codificação são dissecados em premissas de um outro e uma tradução desse tipo pretende dar a uma mensagem não consciente e involuntária a aparência de uma intenção consciente.

No entanto, não existe nenhuma representação icónica da negativa. Não existe uma forma simples de dizer: "Eu não te amo", a não ser através do uso destas palavras. É possível que a evolução da nomeação verbal tenha sido precedida pela evolução da negativa simples. Esta evolução terá sido um passo decisivo para a linguagem tal como a conhecemos hoje em dia. "O 'não' está ausente do comportamento animal porque 'não' faz parte da linguagem verbal e não pode haver nenhum sinal de acção para 'não'" (Bateson, 1972a: 92).

A comunicação digital baseia-se principalmente na denominação dos objectos e a analógica na definição da relação. Toda a mensagem implica estes dois modos complementares de informação.

"É impossível não comunicar"

Todos os comportamentos e acontecimentos têm aspectos comunicativos, na medida em que são percepcionados por um ser humano. Cada percepção muda a informação que o indivíduo possui e influencia-o.

---

concluir que os golfinhos não utilizam a linguagem para nomear as coisas mas para comunicar sobre as suas próprias relações. A vocalização constitui uma expressão digital das funções relacionais.

Este modelo explicativo foi também aplicado ao alcoolismo, à esquizofrenia e mesmo à relação terapêutica. Sobre este assunto, cf. Capítulo II do presente livro.

As impressões sensoriais recebidas e as acções levadas a cabo ficam registadas; deixam um rasto dentro do organismo e como resultado dessas experiências, as perspectivas das pessoas sobre elas próprias e sobre os outros podem ser confirmadas, alteradas ou radicalmente modificadas. O somatório desses rastos, acumulados ao longo dos anos por centenas de experiências, forma o carácter das pessoas e determina em parte a maneira como os acontecimentos futuros irão ser pontuados. As impressões recebidas do ambiente, dos outros e do próprio, bem como a retenção dessas impressões para referências futuras, podem ser consideradas como partes integrantes do sistema de comunicação de uma pessoa.

"Nunca nos podemos abster de comunicar e como seres humanos e membros de uma sociedade, somos biologicamente obrigados a comunicar" (Ruesch/ Bateson, 1951: 7).[14] Visto os nossos orgãos emissores nunca pararem, estamos continuamente a transmitir mensagens para o mundo exterior. Na transmissão de mensagens de pessoa para pessoa,

[14]Em 1967, Paul Watzlawick, Janet Beavin e Don D. Jackson, membros do Mental Research Institute de Palo Alto, inspirados no pensamento de Bateson, definiram os axiomas que regulam a comunicação humana. O primeiro deles afirma precisamente que "é impossível não comunicar". Todo o comportamento é comunicação e como não existe não-comportamento, não existe não comunicação. Os aspectos "relato" e "ordem", desenvolvidos por Bateson, foram traduzidos no segundo axioma: o aspecto "relato" de uma mensagem transmite informação e é sinónimo do "conteúdo" da mensagem; o aspecto "ordem" indica como essa mensagem deve ser entendida, ou seja, define a natureza da "relação" entre os comunicantes. Todas as mensagens têm os aspectos do conteúdo e da relação. O terceiro axioma defende que a natureza de uma interacção está na contingência da pontuação das sequências comunicacionais entre os comunicantes (esta ideia tinha sido retirada por Bateson da psicologia da forma). O quarto axioma afirma que os seres humanos comunicam digital e analogicamente. A linguagem digital é a sintaxe complexa, mas carente de uma adequada semântica no campo das relações; por sua vez, a linguagem analógica possui a semântica, mas falta-lhe a sintaxe adequada para uma definição não ambígua das relações. O conceito de cismogénese, introduzido por Bateson, desencadeou o último axioma, tendo sido substituído pela designação de interacção. A interacção simétrica é caracterizada pela igualdade e a minimização da diferença, enquanto que a interacção complementar se baseia na maximização da diferença.

a informação relativa ao estado do organismo dos emissores é frequentemente transmitida sem os participantes terem consciência disso. As mensagens interpessoais mais complexas, especialmente quando codificadas na forma verbal, exigem contrariamente uma avaliação e interpretação mais consciente.

"A comunicação é um bálsamo que sara as feridas adquiridas nesta batalha chamada vida" (Ruesch/ Bateson, 1951: 92). A comunicação bem sucedida com o próprio e com os outros implica correcções feitas pelos outros e pelo próprio. A comunicação bem sucedida torna-se sinónimo de adaptação e vida.

A comunicação é o contentor unificador de todos os conhecimentos, de todos os conteúdos, de todas as situações. É consagrada como o único valor capaz de organizar as nossas vidas. Além dela, existe a entropia e a desordem que poderão ser combatidas pelo conhecimento das leis que regem as interacções sociais. A observação e o estudo das regras são definidos como o único caminho para atingir a visão do todo.

2.3 A explicação dada pelas *novas teorias*

2.3.1 A Teoria dos Sistemas e a Cibernética

Enquanto no passado a ciência tentava explicar os fenómenos observáveis, reduzindo-os a um conjunto de unidades elementares investigadas independentemente umas das outras, com o desenvolvimento da Teoria dos Sistemas e da Cibernética, na segunda metade do século XX, surgiram novas concepções relativas à totalidade, aos problemas de organização e aos sistemas de várias ordens que não poderiam ser compreendidos pela investigação isolada das respectivas partes.

O objectivo da Teoria Geral dos Sistemas, apresentada, em 1951, pelo biólogo Ludwig von Bertalanffy, era precisamente a formulação de princípios válidos para os sistemas em geral, fosse qual fosse a natureza dos elementos que os compõem.

"É necessário estudar não só partes e processos separadamente, mas

também resolver os problemas decisivos encontrados na organização e na ordem que os une, resultantes da interacção dinâmica das partes e fazer com que o comportamento das partes seja diferente quando estudado isoladamente ou no conjunto" (Bertalanffy, 1968: 31).

Da consideração do conjunto de relações significativas que ligam os elementos em interacção surge o conceito de "sistema" ou complexidade organizada, que não é uma simples soma de elementos, já que possui características próprias, diferentes das dos elementos tomados isoladamente. Cada elemento depende do todo e o conjunto ultrapassa em complexidade a simples adição dos seus componentes. Uma modificação num elemento do conjunto vai desencadear uma modificação em todos os outros – são partes envolvidas numa interacção dinâmica. O mesmo é dizer que as interacções entre os elementos de um sistema são circulares e não lineares, como pretendia a ciência clássica. A causalidade torna-se circular e abre-se para a finalidade.[15]

[15]Duas décadas mais tarde, Jean-Louis Le Moigne opõe à noção de sistema de Bertalanffy, entendido como um conjunto de elementos em interacção, um conceito de sistema fundado na dialéctica do organizado e do organizador, em que a conceptualização do sistema geral não é redutível a um conjunto. A teoria do sistema geral, por ele defendida, é a teoria da modelização dos objectos. Postula não só a pluralidade dos modelos que concebem um mesmo fenómeno, mas sobretudo a pluralidade dos métodos de modelização. Esta modelização sistémica respeitaria a dialéctica constitutiva de toda a complexidade: transformar-se funcionando e funcionar transformando-se, mantendo a identidade. A definição de um objecto é feita por triangulação: pondera uma definição funcional (aquilo que o objecto faz), uma definição ontológica (aquilo que o objecto é) e uma definição genética (aquilo em que o objecto se transforma). Estas três concepções da representação apresentam as três grandes características do sistema geral: activo, estável e em evolução no seu ambiente e de acordo com a sua finalidade.

O paradigma cibernético iria propor uma espécie de inversão da perspectiva modelizadora: em vez de centrar a atenção do modelizador sobre os mecanismos e a estrutura interna da mente, vai ao contrário ignorá-los, encerrando-os em "caixas pretas" e privilegiar a interpretação dos comportamentos. Os mecanismos não são explicados em si mesmos e os comportamentos são interpretados em referência permanente aos projectos do fenómeno modelizado, descritos em referência aos ambientes no seio dos quais ele funciona e se transforma; em que o funcionamento e a transfor-

Um sistema apresenta uma estrutura composta por um limite que o separa do seu ambiente e por elementos ou componentes com certas propriedades e ligados entre si por uma rede de comunicação que permite a troca de energia, de matérias e de informações entre os elementos.

O funcionamento do sistema é assegurado por fluxos de energia, de informações ou de elementos que o percorrem e asseguram a sua conservação, autoregulação, reprodução e adaptação ao ambiente.

A maior parte destas funções implica a troca de informações e uma informação sobre o estado do próprio sistema e do seu ambiente, assegurada por "ciclos de retroacção" que, considerando os dados recolhidos, asseguram a regulação dos processos funcionais. Estes ciclos de retroacção reenviam informações sobre os resultados de uma acção ou de uma transformação sob a forma de entradas (*inputs* - resultam da influência do ambiente sobre o sistema) que, por sua vez, provocam outras acções ou transformações direccionadas para o exterior do sistema (*outputs* - resultam da acção do sistema sobre o ambiente).

Cada organismo vivo é um sistema aberto que troca matéria de forma constante com o seu ambiente. Nunca está num estado de equilíbrio químico e termodinâmico, mas mantém-se num *steady state* (estado estável ou "estado estacionário", na terminologia de Joel de Rosnay, que difere de um estado estático, na medida em que a quantidade de *inputs* é igual à quantidade de *outputs*). Pode-se fazer uma comparação entre um sistema aberto e um reservatório de água desde que encha e esvazie à mesma velocidade: a água mantém-se no mesmo nível e os caudais de entrada e saída permanecem idênticos.

O sistema mantém-se constante na sua composição, independentemente dos processos irreversíveis, da importação e exportação de matéria, da construção e destruição dos componentes. O "estado estacionário" apresenta características reguladoras particularmente evidentes na sua equifinalidade: este estado é independente das condições iniciais,

mação são entendidos na sua temporalidade. O estudo concentra-se nas relações de *input*/*output* de comunicação.

mas determinado pelas interacções dinâmicas entre os componentes do sistema que desencadearam a estabilidade.

Para compreender o que se passa num sistema, importa analisar as interacções contemporâneas, mais do que a génese do próprio sistema e dos seus elementos. A análise sistémica privilegia o ponto de vista sincrónico, em detrimento do ponto de vista diacrónico ou genético.

A manutenção da estabilidade evita o aumento da "entropia" e pode ser desenvolvida em direcção a estados de uma ordem e organização maiores, como é o caso da evolução. A "entropia" é uma medida de desordem. A "neguentropia" ou informação é uma medida de ordem e organização. É possível interpretar a informação conduzida por uma mensagem como sendo, essencialmente, o negativo da sua entropia.

A relação entre os sistemas abertos e os mecanismos reguladores é estudada pela Cibernética, a ciência do controlo (da regulação de um sistema) e da comunicação, como a definiu o seu fundador Norbert Wiener, em 1948. Não aborda coisas, mas modos de comportar-se; examina o objecto e o sujeito através do ângulo da informação. A comunicação é entendida como transmissão de informação (quando uma pessoa diz que recebeu informação a respeito de algo, ela quer dizer que foi eliminado um certo montante de incerteza numa situação). Este conceito de informação foi retirado da teoria matemática da comunicação de Shannon e Weaver e está ligado à incerteza reduzida pela mensagem. A grande preocupação desta proposta era melhorar a transmissão linear de informação de um ponto a outro.

Na proposta da cibernética trata-se de assegurar a estabilidade e a eficiência de um sistema, regulando a informação recebida e redistribuída no seu interior e as acções que desenvolve em função dessas informações. O modelo proposto é circular, na medida em que todo o efeito retroage sobre a sua causa.

Não existe comunicação que não obedeça a um mínimo de regras. Estas regras tendem a estabilizar a interacção e a favorecer as situações de equílibrio.

A base do modelo dos sistemas abertos é a interacção dinâmica dos

seus elementos. A base do modelo cibernético é o ciclo de retroacção no qual, através do retroacção da informação, um determinado valor é mantido, um objectivo é alcançado.

A retroacção é um método de controlo de um sistema pela reintrodução nele dos resultados da sua acção sobre o exterior, em que a energia da resposta é fornecida pelo receptor e não pelo impacto do elemento desencadeador. A função dos mecanismos de retroacção "é a de controlar a tendência mecânica para a desorganização; em outras palavras, de produzir uma inversão temporária e local da direcção normal da entropia" (Wiener, 1950: 24).

Um sistema autoregulador reage a todas as perturbações de origem interna ou provenientes do ambiente por uma série de mecanismos circulares de regulação que permitem ao conjunto permanecer no seu estado inicial. É neste sentido que a cibernética se opõe a uma concepção linear da sucessão das acções e das relações entre os elementos isolados.

Para controlar uma acção orientada para determinado fim, a circulação de informação necessária a este controlo deverá formar um ciclo fechado que permita ao sistema avaliar os efeitos das suas acções e adaptar-se a um comportamento futuro graças às realizações passadas. É em consequência desta ideia que Wiener descobre o ciclo de informação necessária para regular toda a acção, o ciclo de retroacção negativa (*negative feedback*).

Todo o sistema apresenta dois modos fundamentais de existência e de funcionamento: a conservação ou tendência homeostática e a mudança ou capacidade de transformação. O primeiro modo assenta sobre ciclos de retroacção negativos e caracteriza-se pela estabilidade, ao corrigir os efeitos dos factores internos ou externos que poderiam modificar o equílibrio do sistema. O segundo modo assenta sobre ciclos positivos (*positive feedback*) e caracteriza-se pelo crescimento ou declínio.

Em todo o ciclo de retroacção, as informações sobre os resultados de uma transformação ou de uma acção são novamente enviados para

a entrada do sistema sob a forma de dados (*inputs*). Se estes novos dados contribuem para reduzir ou acelerar a transformação no mesmo sentido que os resultados precedentes, estamos em presença de um ciclo positivo, em que os efeitos são cumulativos (retroacção positiva). Se esses novos dados agem em sentido oposto aos resultados anteriores, trata-se de um ciclo negativo, cujos efeitos estabilizam o sistema, mantendo os valores médios (retroacção negativa). No primeiro caso, há crescimento ou declínio exponencial. No segundo, manutenção do equílibrio.[16]

A retroacção pode, como vimos, ter por principal objectivo estabilizar o funcionamento do sistema (retroacção negativa), controlando as variações mais ou menos importantes do ambiente. Este sistema homeostático é um sistema aberto que mantém a sua estrutura e as suas funções, apesar da renovação contínua dos componentes do sistema, através de uma multiplicidade de equilíbrios dinâmicos. Equilíbrios rigorosamente controlados por mecanismos de regulação interdependentes. Um sistema deste tipo reage a toda a mudança proveniente do meio ou a toda a perturbação aleatória (são consideradas erros a corrigir), por uma série de modificações de igual grandeza e direcção oposta às que lhe deram origem: estas modificações têm por finalidade a conservação dos equilíbrios internos e a sobrevivência num ambiente em constante mutação.

"A estabilidade em geral é encarada como desejável, pois a sua presença capacita o sistema a combinar algo de flexibilidade e actividade na execução com algo de permanência" (Ashby, 1956: 95).

No entanto, para um sistema, durar não chega: é preciso também adaptar-se às modificações do meio e evoluir. A homeostase é confrontada com o crescimento. O crescimento de um sistema depende dos ciclos de retroacção positivos e do armazenamento de energia. É através do crescimento que o sistema se adapta às modificações do ambiente.

[16]Um exemplo de um ciclo de retroacção ou *feedback* positivo é a cismogénese simétrica (ampliadora do desvio) e um exemplo de um ciclo de retroacção negativo é a cismogénese complementar (estabilizadora).

Um sistema homeostático, construído para resistir à mudança, evolui graças a um processo complementar de desorganização e de reorganização. Só pode evoluir se for *agredido* por acontecimentos vindos do mundo exterior.

2.3.2 A Teoria dos Sistemas e o estudo da comunicação

A teoria de Bateson sobre a interacção entre os indivíduos e destes com o ambiente foi desenvolvida à luz destas *novas teorias*. A organização dos diferentes componentes de um sistema social foi entendida como regulada por leis que resultam das nossas premissas baseadas em experiências anteriores e da influência que o ambiente exerce sobre o sistema.

A família, um exemplo de sistema social, é um sistema autoregulador que, como a própria definição indica, se governa através de regras. Essas regras referem-se às transacções que se produzem no interior do grupo, independentemente de terem origem interna ou externa.

As famílias, nas quais um ou vários membros apresentam comportamentos diagnosticados como patológicos, baseiam-se num tipo de transacções e de regras particulares àquela patologia. Como os comportamentos sintomáticos são simplesmente uma parte das transacções que se desencadeiam num sistema, para agir sobre os sintomas, na tentativa de uma mudança, resta tentar mudar as regras. Identificando e mudando uma regra fundamental, pode-se obter o desaparecimento dos componentes patológicos. Esse é precisamente o objectivo da terapia familiar, como se poderá verificar no Capítulo II.

Os membros da família são considerados como os elementos de um circuito de interacção, em que cada um não tem poder unidireccional sobre o conjunto do sistema, do qual é apenas uma parte. "Ninguém pode ter o controlo linear numa interacção que é, de facto, circular" (Palazzoli/ Boscolo/ Cecchin/ Prata, 1975: 34), ou seja, o comportamento de cada membro influencia o comportamento dos outros. O poder está, não nos indivíduos, mas nas regras do "jogo familiar" que

foram estabelecidas, com o tempo, pelo contexto em que se encontram implicados.

O comportamento de um indivíduo no seio da sua família deve ser (negativamente) explicado como o resultado das *restrições* impostas pela família aos seus membros.

O curso de todos os acontecimentos está sujeito a restrições; além delas, os caminhos da mudança seriam governados unicamente pela igualdade da probabilidade. Toda a troca de mensagens numa sequência comunicacional restringe o número dos possíveis movimentos. De facto, as restrições podem ser vistas como factores que determinam a desigualdade da probabilidade.

Ao avaliar o comportamento humano, a sociedade ou qualquer sistema biológico, falamos sempre de sistemas autoreguladores. "Um sistema é qualquer unidade que inclui uma estrutura de retroacção (*feedback*) e, portanto, capaz de processar informação" (Bateson, 1991: 331). Cada sistema é composto por subsistemas que são potencialmente regenerativos, ou seja, seguiriam uma *fuga* exponencial se não fossem regulados[17] . As potencialidades regenerativas desses subsistemas são controladas por fios condutores para alcançar o equilíbrio. Esses sistemas são "conservadores", no sentido em que tendem a conservar a verdade das proposições acerca dos valores das variáveis que os compõem - conservam, especialmente, os valores das variáveis que, de outra forma, mostrariam uma mudança exponencial. Estes sistemas

[17] A ideia de *fuga* estava já presente, nos anos trinta, no pensamento de Gregory Bateson. No seio da tribo Iatmul, as diversas relações entre os grupos caracterizam-se por inalterações de comportamento simétricas ou complementares. Quanto mais A manifesta um determinado comportamento, maiores são as possibilidades de B manifestar o mesmo comportamento ou manifestar um comportamento diferente, mas complementar ao de A. No entanto, estas inalterações estão potencialmente submetidas a uma mudança progressiva ou cismogénese.

Quer a cismogénese simétrica, quer a complementar podem conduzir à fuga e ao colapso do sistema. Existe um ganho positivo em cada inalteração (o conceito de cismogénese simétrica é idêntico ao conceito de *feedback* positivo) e uma provisão suficiente de energia proveniente do metabolismo das pessoas empenhadas em destruir o sistema por raiva, ganância ou vergonha.

são homeostáticos, os efeitos de pequenas mudanças nos *inputs* são negados e o equilíbrio é mantido através de uma adaptação reversível.

Há sistemas ecológicos, sistemas sociais, e o organismo individual juntamente com o ambiente com o qual está em interacção é um sistema em si mesmo que dispõe de uma fonte contínua de energia retirada desse ambiente.

As próprias pessoas são sistemas autoreguladores ciberneticamente organizados. Elas autoregulam-se contra os distúrbios: se o que é óbvio não for facilmente assimilado sem distúrbios internos, os mecanismos autoreguladores escondem-no. A própria premissa relativa ao que pode causar distúrbios é aprendida e perpetuada.

O homem pode ser entendido como o produto da combinação entre a competição e a dependência mútua em relação aos outros elementos do sistema humano. Os distúrbios são precisamente encarados como o factor que poderá desencadear a ruptura do equilíbrio entre os elementos do sistema.

O organismo escapa à mudança porque a regula, porque se modifica ele próprio para ir de encontro à mudança ou porque incorpora a mudança contínua no seu próprio ser. "A 'estabilidade' pode ser alcançada tanto pela rigidez, como pela repetição contínua de algum ciclo de mudanças mais pequenas, ciclo este que voltará a um *status quo ante* depois de cada perturbação" (Bateson, 1979: 97). A estabilidade mantém-se graças às mudanças constantes das variáveis em causa e situa-se num nível lógico superior ao ocupado por essas mudanças.

2.3.3 A Cibernética e o estudo da comunicação

Ao adoptar uma perspectiva cibernética para compreender um fenómeno, as explicações serão sempre negativas, já que a análise cibernética dos fenómenos versa sobre as restrições que se fazem para que este ou aquele acontecimento se produza. A cibernética visa a totalidade, em toda a sua riqueza possível. Encara um conjunto de possibilidades alternativas bem mais amplo do que o real e depois indaga porque é que

o caso particular se deve conformar à sua usual restrição. Por exemplo, o acto de comunicação implica sempre a existência de um conjunto de possibilidades potenciais mais vasto.

Esta forma negativa de dar explicações pode ser comparada com a forma da prova lógica de *reductio ad absurdum*. Neste tipo de prova, um conjunto suficiente de proposições alternativas mutuamente exclusivas é enumerado e a prova avança demonstrando que todas, excepto uma dentro daquele conjunto, são absurdas. O membro sobrevivente do conjunto tem de ser sustentável dentro dos termos do sistema lógico. Um resultado é menos um resultado positivo e mais uma diminuição de efeitos negativos.

A matéria prima da cibernética é a informação que os acontecimentos e os objectos transportam e não os acontecimentos e os objectos em si. Os objectos ou acontecimentos são considerados como factos apresentados, proposições, mensagens e percepções. "A matéria prima é o aspecto proposicional ou informacional dos acontecimentos e objectos do mundo natural" (Bateson, 1972: 407). Se a matéria prima é proposicional não é de estranhar que a explicação dada pela cibernética simule a lógica.

Os sistemas vivos são sempre abertos: o circuito recebe informação e energia do exterior e perde-a para o exterior na forma de calor; os acontecimentos dentro do circuito podem ser influenciados pelo exterior ou podem eles próprios influenciar os acontecimentos exteriores.

Estes sistemas são precisamente fonte de restrições. Um circuito causal gera uma resposta propositada (*feedback*) a um acontecimento casual na posição do circuito na qual esse acontecimento teve lugar. A restrição criada num determinado momento depende das características do circuito que estivermos a considerar. Elas irão determinar as restrições que ele desenvolve em qualquer posição.

A organização das sociedades está dependente de cadeias de determinação circulares ou mais complexas, em que os efeitos dos acontecimentos em qualquer altura do circuito podem ser transportados a toda a volta, de modo a produzirem alterações no ponto de origem. Para

manter um certo equilíbrio, os sistemas vivos devem utilizar os mecanismos circulares autoreguladores. Com a noção de circularidade, Bateson renuncia ao modelo energético que tende sempre à entropia. As cadeias de causa e efeito sucedem-se, até que retornam ao primeiro elemento da referida cadeia por meio de um mecanismo de retroacção, para nele introduzir uma mudança, um reforço ou uma inibição. Neste tipo de circuito, os acontecimentos, independentemente da posição que ocupem, têm efeito nos outros acontecimentos.

A redundância

A existência de uma letra numa determinada posição numa palavra não é um acontecimento casual, no sentido de que existe sempre a probabilidade de que outra das vinte e duas letras ocupe esse lugar, apesar de naquele momento, excluir (eliminar por restrição) as vinte e duas alternativas. Algumas letras são mais comuns do que outras e certas combinações de letras são também mais recorrentes e quando aumenta a probabilidade de certas alternativas, decresce a entropia ou incerteza. Existe uma espécie de modelo que determina, pelo menos parcialmente, que letras ocorrem em que sequências.

"Esta previsibilidade de determinados acontecimentos dentro de um conjunto alargado de acontecimentos é, tecnicamente designada, 'redundância'" (Bateson, 1972: 412). Ela constitui a condição do sentido da informação.

Este conceito surge ao considerar, primeiro, o máximo de informação que pode ser transportado por uma determinada mensagem material e, depois, como esse todo pode ser reduzido pelo conhecimento dos aspectos que envolvem a mensagem. Este material consiste na sequência ou colecção de acontecimentos e objectos diferenciados de acordo com o rácio sinal/ruído. A mensagem material contém redundância quando a sequência chega ao receptor sem determinados items, mas ele consegue adivinhá-los com um sucesso mais do que casual. Neste sentido, o termo redundância é sinónimo de padronização. Essa padronização da mensagem material ajuda o receptor a estabelecer a diferença entre

sinal e ruído, já que a redundância mede o grau de inutilidade de um sinal (grau de previsibilidade numa mensagem).

Se o receptor consegue adivinhar as partes ausentes da mensagem, então as partes que são recebidas transportam um "significado" que se refere às partes ausentes, como tal, contêm informação. A informação disponível restringe (reduz a possibilidade de) uma percepção errada da mensagem. Logo, o conceito de redundância é pelo menos parcialmente sinónimo de significado.

A essência e a razão de ser da comunicação é a criação de redundância, do previsível, da da redução do acaso através da restrição. Se não vejamos: dois indivíduos trocam uma mensagem. O propósito da transacção é: o receptor receber exactamente o que foi transmitido pelo emissor. Do ponto de vista de quem está a observar esta transacção, trata-se da criação de redundância. Ao ter conhecimento do que o emissor disse através do receptor, o observador não obteve nenhuma informação nova acerca da mensagem propriamente dita.

A natureza do significado, redundância e informação depende sempre do lugar que ocupamos na troca comunicacional.

A recepção de mensagens materiais por um organismo não é diferente da percepção do mundo exterior dos fenómenos naturais. Ao observar o topo de uma árvore erguida (uma parte da sequência ou configuração do fenómeno), posso predizer que a árvore tem raízes no chão. A percepção do topo da árvore é redundante com (contém informação acerca) as partes do sistema que não podem ser percepcionadas a "olho nu".

Se dizemos que uma mensagem tem significado ou é *acerca* de algum referente, o que queremos dizer é que existe um universo de relevância de maiores dimensões que consiste na mensagem mais o referente (o fenómeno exterior), e esta redundância é introduzida neste universo pela mensagem. O universo, a mensagem mais o referente, é enformado pela mensagem e a forma de que falamos não está nem na mensagem, nem no referente. É antes uma correspondência entre ambos.

"A 'redundância' e o 'significado' tornam-se sinónimos sempre que as duas palavras são aplicadas ao mesmo universo do discurso. A 'redundância' dentro do universo restrito da sequência da mensagem não é, com certeza, sinónimo de 'significado' no universo lato que inclui a mensagem e o referente exterior" (Bateson, 1972: 420/1).

As perspectivas sistémica e cibernética da comunicação permitem concluir que tudo o que não é informação, redundância, forma ou restrição é ruído, entropia, que só pode ser *combatido* pela troca de informações dentro de um sistema autoregulador.

Capítulo 3

As patologias da relação

3.1 Os paradoxos comunicacionais

3.1.1 Os tipos lógicos

A comunicação humana verbal é produzida em diferentes níveis de abstracção. Estes estendem-se em duas direcções, partindo do nível denotativo simples. Uma das classes dos níveis mais abstractos inclui as mensagens implícitas ou explícitas, em que o sujeito do discurso é a linguagem (*metalinguística*). As mensagens desta classe assumem a codificação de mensagens; isto é, são de um tipo lógico superior. A outra classe dos níveis de abstracção é a *metacomunicativa*, na qual o sujeito do discurso constitui a relação entre os comunicadores. O significado de um determinado tipo de acção ou som modifica-se com o contexto e particularmente com o estado variável da relação entre os comunicadores.

Convém notar que a maioria das mensagens metalinguísticas e metacomunicativas permanece implícita nas trocas entre os indivíduos.

Um passo importante na evolução da comunicação acontece quando o organismo gradualmente deixa de responder *automaticamente* aos signos de temperamento do outro e consegue reconhecer o signo como

um sinal, ou seja, reconhecer que os seus próprios sinais e os do outro são simplesmente sinais, que podem ser falsificados, negados, ampliados, corrigidos, etc.

Com esta descoberta torna-se possível comunicar de acordo com a multiplicidade de níveis de abstracção, já que a ocorrência de sinais metacomunicativos na interacção indica que os participantes têm algum conhecimento (consciente ou não consciente) de que os signos acerca dos quais eles metacomunicam são sinais. Conseguem distinguir o discurso sobre os elementos individuais, do discurso sobre a globalidade dos elementos. O primeiro situa-se num nível lógico inferior ao segundo.

A aplicação da hierarquia dos tipos lógicos à conduta estabelece a base para reflectir acerca de como a aprendizagem se generaliza a certa classe de contextos e sobre de que forma algumas mensagens modificam a significação de outras ao considerá-las pertencentes a classes particulares de mensagens.

O fenómeno do jogo, por exemplo, só pode acontecer se os participantes forem capazes de algum nível de metacomunicação, se forem capazes de trocar sinais que transmitam a mensagem: "Isto é um jogo", uma metamensagem que regula o conjunto de trocas em questão. Semelhante tipo de sinal faz parte continuamente da comunicação dos participantes, dado que assumiram um compromisso.

Ao analisarmos esta mensagem, apercebemo-nos de que ela contém os elementos que necessariamente originam um paradoxo do tipo Russelliano - uma afirmação negativa que contém uma implícita meta-afirmação negativa. É como se afirmássemos: "Estas acções lúdicas, nas quais estamos envolvidos, não denotam a mesma coisa que seria denotada por aquelas acções que estas acções denotam".

De acordo com a Teoria dos Tipos Lógicos[1] , esta afirmação é inad-

[1]Esta teoria de Alfred Whitehead e Bertrand Russell postula que existe uma descontinuidade entre a classe e os seus membros. "O que envolve toda a colecção, não pode ser um membro da colecção." (Whitehead/ Russell, 1910: 37) A classe não pode ser um membro de si própria, tal como nenhum dos membros pode representar a própria classe. A humanidade é a classe de todos os indivíduos; ela própria não

missível, dado que a palavra "denotar" é usada em dois níveis de abstracção e estes dois usos são tratados como sinónimos. No entanto, tudo o que aprendemos com esta crítica é que não seria positivo esperar que os processos mentais e os hábitos comunicativos se conformassem ao ideal dos lógicos. De facto, se o pensamento humano e a comunicação se conformassem sempre ao ideal, Whitehead e Russell não poderiam ter formulado esse mesmo ideal.

A confusão dos participantes só pode ser evitada se situarem as suas trocas dentro de um quadro contextual específico, o qual permite distinguir a que nível lógico pertencem os sinais do jogo. A essência deste reside na negação parcial da significação que os actos do jogo teriam em outras situações. Trata-se de uma situação comunicacional em que algo é afirmado e negado ao mesmo tempo. Afirmar que: "Isto é um jogo" é afirmar que isto não é a realidade, mas também não é irreal. O jogo é constituído por uma classe de comportamentos definidos por uma negação mas que não são equivalentes aos comportamentos negados por essa negação.

é um indivíduo. A justificação apresentada prende-se com o facto de o termo usado para a classe pertencer a um nível de abstracção diferente, ou um tipo lógico diferente, dos termos usados para os membros. Os membros e a classe estão dispostos numa hierarquia de tipos lógicos e têm modos de apreensão e regras de funcionamento diferentes. "Uma função não pode ter por argumento qualquer coisa definida em termos da própria função." (Whitehead/ Russell, 1910: 47)

Foi com base nesta teoria que Paul Watzlawick desenvolveu a sua teoria da mudança. Passar de um nível para o seguinte mais elevado (como passar do membro para a classe) envolve uma descontinuidade ou transformação, um salto - numa palavra, uma mudança. A teoria dos tipos lógicos não diz respeito àquilo que acontece numa classe, entre os seus membros, mas permite considerar a relação entre membro e classe. Existem, então, dois tipos de mudança: uma que ocorre dentro de um determinado sistema que permanece invariante ("mudança de primeira ordem") e outra, cuja ocorrência muda o próprio sistema ("mudança de segunda ordem" ou também designada "mudança sistémica"). Como vai poder verificar, a terapia familiar promove este tipo de mudanças, na medida em que altera o conjunto de regras que regula a estrutura e a ordem interna de um sistema familiar, actua sobre os efeitos e não sobre as suas presumíveis causas. Um sistema não pode gerar de dentro as condições para a sua própria mudança.

Quando uma classe lógica é definida, por exemplo a classe das caixas de fósforo[2] , é necessário delimitar o conjunto de items que não vão ser incluídos; neste caso, todas as coisas que não são caixas de fósforo. Os items a ser excluídos têm de ser do mesmo nível de abstracção, ou seja, do mesmo *tipo lógico* dos que constituem o próprio conjunto. Se se pretende evitar o paradoxo, a "classe das caixas de fósforo" e a "classe das não caixas de fósforo" não podem ser encaradas como membros da "classe das não caixas de fósforo". Tal como a "classe das não caixas de fósforo" não pode ser uma não caixa de fósforo. Nenhuma classe pode ser membro de si própria e a classe não pode ser um dos items correctamente classificados como não membros.

O enquadramento de um quadro, como exclui, é uma representação exterior de um tipo de enquadramento psicológico muito importante e especial, cuja função é delimitar um tipo lógico. O enquadramento de um quadro é uma instrução para o observador que o leva a não estender as premissas, que obtém entre as figuras dentro do quadro, ao papel de parede atrás dele.

Neste sentido, o enquadramento é metacomunicativo. Qualquer mensagem, que explícita ou implicitamente define um enquadramento, dota o receptor de instruções ou ajuda-o na tentativa de compreender as mensagens nele incluídas.

O contrário também é verdade. Qualquer mensagem metacomunicativa ou metalinguística define, implícita ou explicitamente, o conjunto de mensagens acerca das quais comunica; qualquer mensagem metacomunicativa é ou define um enquadramento psicológico.

É precisamente este tipo de enquadramento que origina o paradoxo. A regra para evitar paradoxos insiste no facto de que os items fora de qualquer linha fechada sejam do mesmo tipo lógico dos items dentro do enquadramento, só que o enquadramento de um quadro é uma linha que divide items de um tipo lógico de items de outro tipo lógico.

A mensagem "Isto é um jogo" estabelece um enquadramento do

[2]O exemplo é apresentado pelo próprio Bateson no texto "A theory of play and fantasy" in *Steps to an Ecology of Mind*, pp. 177-193

tipo que provavelmente acelera o paradoxo: é uma tentativa de desenhar uma linha entre categorias de diferentes tipos lógicos.

"As meta-relações entre sinais particulares podem ser confusas, mas a compreensão pode emergir de novo, como verdadeira, no seguinte nível mais abstracto" (Bateson, 1979: 110). A consideração do factor tempo resolve os paradoxos russellianos, já que as mensagens de um nível superior transformam-se em mensagens sobre o nível prévio mais baixo.

3.1.2 O *jogo* da psicoterapia

Esta aproximação teórica foi aplicada por Bateson ao fenómeno particular da psicoterapia.

"A dependência da psicoterapia na manipulação de enquadramentos deriva do facto da terapia ser uma tentativa de mudar os hábitos metacomunicativos do paciente" (Bateson, 1972: 191). Antes da terapia, o paciente pensa e funciona em termos de um determinado conjunto de regras para construir e compreender as mensagens. Após uma terapia bem sucedida, ele funciona em termos de um conjunto de regras diferente (as regras deste tipo geralmente não são verbalizadas e, quer antes, quer depois, não são conscientes). Depreende-se que, durante o processo da terapia, acontece uma metacomunicação dessas regras, uma comunicação acerca da mudança nelas. O terapeuta, como indivíduo que está de fora, consegue fornecer o que o próprio sistema não pode gerar: uma mudança nas próprias regras. Se juntarmos o tempo aos modelos dos sistemas vivos, eles podem mudar. Toda a acção psicoterapêutica é uma acção no tempo sobre e através da comunicação, o que revela a importância ontológica da comunicação.

No entanto, uma comunicação acerca da mudança não pode ter acontecido com mensagens do tipo permitido pelas regras metacomunicativas do paciente como elas existiam antes ou depois da terapia.

Anteriormente afirmei que os paradoxos do jogo são característicos de uma fase evolucionária. Sugiro agora que paradoxos similares (ou

"duplos vínculos terapêuticos", como Watzlawick os designou) são um ingrediente necessário no processo de mudança chamado psicoterapia.

A semelhança entre os processos da terapia e do jogo é profunda. Ambos ocorrem dentro de um enquadramento psicológico delimitado espacial e temporalmente. Em ambos, as mensagens têm uma relação especial e peculiar com uma realidade mais concreta e básica. Tal como o pseudo combate do jogo não é um verdadeiro combate, também o pseudo amor e o pseudo ódio da terapia não são verdadeiros. A "transferência"[3] distancia-se dos verdadeiros amor e ódio através de sinais que invocam o enquadramento psicológico; e é precisamente esse enquadramento que permite à transferência alcançar a sua intensidade total e ser discutida entre paciente e terapeuta.

O processo da psicoterapia é uma interacção enquadrada entre duas pessoas, em que as regras estão implícitas, mas sujeitas à mudança. Esta só pode ser proposta pela acção experimental; mas cada acção experimental, na qual uma proposta para mudar as regras está implícita, é ela própria uma parte do jogo que está a decorrer. É esta combinação de tipos lógicos dentro de um simples acto significativo que confere à terapia o carácter de um sistema de interacção a desenvolver-se.

A terapia envolve necessariamente uma combinação de diferentes tipos lógicos de discurso. É impossível separar o jogo da discussão das próprias regras, tal como na linguagem natural é difícil distinguir nitidamente os membros da classe. Daí a inevitabilidade do paradoxo.

Os paradoxos de abstracção têm de aparecer em toda a comunicação mais complexa do que aquela dos sinais de temperamento; sem eles, a evolução da comunicação estaria a terminar. "A vida seria uma interminável troca de mensagens estilizadas, um jogo com regras rigídas, que não poderia ser aliviado pela mudança ou pelo humor" (Bateson, 1972: 193).

[3]Deve ser entendida como a expectativa do paciente de que a relação com o terapeuta contenha os mesmos tipos de contextos de aprendizagem que o paciente encontrou ao lidar com os seus pais.

3.2 A comunicação e a doença mental

3.2.1 A esquizofrenia

A teoria desenvolvida por Gregory Bateson sobre a esquizofrenia parte da análise da comunicação e especificamente da Teoria dos Tipos Lógicos de Whitehead e Russell.

A descontinuidade existente entre a classe e os seus membros é inevitavelmente quebrada quando entramos no campo das relações humanas, originando paradoxos do tipo russelliano com consequências patológicas. O organismo humano está exposto a um determinado tipo de patologia sempre que se verifiquem determinadas rupturas nos padrões formais de relacionamento entre mãe e filho. Habitualmente, o filho recebe mensagens contraditórias de amor e rejeição. Esta patologia levada ao extremo terá sintomas cujas características serão classificadas de esquizofrenia. Ela constitui uma forma particular da comunicação humana e foi abordada, por Bateson, na perspectiva da interacção, o que constituiu uma revolução no seio da psiquiatria clássica.

Um dos graus da sintomatologia esquizofrénica é o que Gregory Bateson denominou "esquizofrenia aberta/manifesta", na qual as pessoas se comportam de forma claramente desajustada do ambiente cultural. O seu comportamento parece caracterizado por erros e distorções exageradas relativas ao tipo e natureza das suas próprias mensagens e das mensagens que recebem dos outros. A imaginação confunde-se com a percepção. O literal confunde-se com o metafórico. As mensagens interiores confundem-se com as exteriores. O trivial confunde-se com o vital. O emissor da mensagem confunde-se com o receptor e aquele que percepciona com a coisa percepcionada. O paciente comporta-se de tal forma que se torna responsável pela falta de aspectos metacomunicativos nas suas mensagens.

Na "esquizofrenia encoberta/latente" - o outro grau da sintomatologia esquizofrénica -, o comportamento do paciente é similar, mas menos caracterizado por uma mudança constante de tipo lógico das mensagens e por uma tendência para responder às mensagens dos ou-

tros como se fossem de um tipo lógico diferente daquele que o emissor pretendia. Neste sistema de comportamento, as mensagens são continuamente desqualificadas, indicando que são respostas desapropriadas àquilo que o "esquizofrénico encoberto" disse ou indicando que são o produto de alguma falha no carácter ou motivação do emissor. Este comportamento destrutivo é geralmente mantido de forma a não ser detectado. Sempre que o "esquizofrénico encoberto" consegue colocar o outro em má posição, a sua própria patologia é *encoberta* e as culpas recaiem no outro. Estas pessoas temem resvalar para a "esquizofrenia aberta" quando confrontadas com circunstâncias que as obrigam a reconhecer o padrão das suas próprias operações.[4] A "esquizofrenia encoberta" é característica dos pais dos esquizofrénicos que têm a tendência de redefinir constantemente o sentido da mensagem emitida pelo filho.

O esquizofrénico não reconhece a natureza metafórica das suas fantasias. A metáfora é tratada directamente como uma mensagem de tipo mais primário. A ausência de enquadramentos metacomunicativos (aperceber-se de que as mensagens pertencem a diferentes níveis de abstracção) leva-o a interpretar todas as mensagens de acordo com o sentido literal.

As afirmações por ele proferidas, e que denotam a sua desorientação, podem ser interpretadas como forma de se defender da situação com a qual está a ser confrontado. A patologia manifesta-se assim que a "vítima" não reconhece o carácter metafórico das suas respostas ou não o consegue afirmar. Se descobrisse as representações subjacentes às metáforas, o esquizofrénico aperceber-se-ia de que são pura e simplesmente metáforas.

Os esquizofrénicos são portadores de "um ego fraco", têm "dificuldade em identificar e interpretar aqueles sinais que indicam ao indivíduo que tipo de mensagem a mensagem é" (Bateson, 1972: 194),

[4]Um exemplo de uma circunstância deste tipo é a terapia familiar em que a mãe do esquizofrénico ("mãe esquizofrenizante" no contexto da terminologia psiquiátrica) se mostra perturbada durante o tratamento do filho esquizofrénico.

demonstram tendência para confundir os níveis lógicos de uma mensagem[5] , já que são constantemente confrontados com uma má interpretação das suas mensagens.

O esquizofrénico denota esta *fraqueza* em três áreas do processo de distinguir os modos comunicacionais ou tipos lógicos, quer dentro dele próprio, quer entre ele e os outros: apresenta dificuldade em atribuir o correcto modo comunicacional às mensagens que recebe dos outros, às mensagens verbais e não verbais que ele transmite e aos seus próprios pensamentos, sensações e percepções.

Elimina das suas mensagens tudo o que se refere implicíta ou explicitamente à relação entre ele e aquele a quem se dirige. Tenta sistematicamente suprimir os elementos metacomunicativos das suas mensagens.[6]

[5]Esta constatação foi realizada pela primeira vez por Jay Haley, membro do grupo de Bateson.

[6]De acordo com a psiquiatria clássica, a esquizofrenia era a "transformação do pensar", porque o paciente carecia de sentimentos ou estes eram inapropriados. Esta carência aparente de sentimentos levou Sigmund Freud a concluir que o esquizofrénico era demasiado narcisista, se preocupava demasiado consigo próprio para que o terapeuta o pudesse tocar. Em 1920, o psiquiatra americano Harry Stack Sullivan conclui que a aparente carência de emoção do esquizofrénico escondia uma sensibilidade extrema.

Por outro lado, os investigadores de orientação organicista entendiam a carência de resposta emocional como um defeito e postularam uma causa anatómica ou fisiológica.

O estudo da esquizofrenia passou, então, por uma explicação biológica. Procuraram-se processos bioquímicos anormais ou mudanças patológicas no cérebro que explicassem o disfuncionamento do esquizofrénico. Foi também pensada como uma doença determinada pela hereditariedade.

No entanto, a tendência, graças ao contributo do grupo de Bateson, é deixar de reduzir o paciente a pedaços com o objectivo de estudar as variáveis isoladas, para passar a estudar as muitas variáveis implicadas - fisiológicas, psicológicas e sociais - na sua interacção. As respostas do paciente são antes o resultado de um processo de aprendizagem, do que uma desordem no pensamento. O objecto de estudo passa a ser a família perturbada que produziu o paciente perturbado.

3.2.2 O "duplo vínculo"

Bateson, na década de 50, começou por defender que a esquizofrenia teria uma etiologia formal que se poderia comparar com o "duplo vínculo" (*double bind* no original).[7]

O duplo vínculo é um sistema de interacção caracterizado por sequências da experiência externa da pessoa que não estão resolvidas, precisamente por um uso incorrecto do contexto no que diz respeito à distinção dos modos de comunicação. A pessoa é confrontada simultaneamente com duas proposições contraditórias que se excluem mutuamente e às quais não pode responder sem ser punido.[8] Independentemente daquilo que a pessoa faça, *não consegue vencer*. O duplo vínculo é uma experiência destrutiva, em que nenhuma resposta é possível sem a ameaça da

[7]Bateson considera que o duplo vínculo é de uma aplicação particularmente estreita na psicose. Ela é a patologia do próprio sistema de aprendizagem. Não é a patologia daquilo que se aprende (neurose), mas do aparelho de aprendizagem.

Carlos Sluzki, neste ponto, tem uma opinião diferente da de Bateson, já que considera o duplo vínculo como uma formulação geral da patologia dos sistemas sociais e não uma teoria específica da esquizofrenia. No seu entender, aplica-se a um grande número de desordens, por exemplo diversos tipos de conflitos neuróticos e interpessoais.

[8]Paul Watzlawick afirma que os duplos vínculos não são injunções contraditórias, mas verdadeiros paradoxos. Perante uma injunção contraditória, opta-se por uma e perde-se ou sofre-se a outra alternativa. No entanto, a injunção paradoxal é a falência da própria escolha, a ilusão da existência de alternativas.

Na sua opinião, o paradoxo pode ser terapêutico e não apenas patológico. O duplo vínculo terapêutico consiste no facto de o terapeuta dar uma instrução que se encontra estruturada de tal modo que reforça o comportamento que o paciente espera ver modificado. Esse reforço é um veículo de mudança e cria um paradoxo já que se diz ao paciente para mudar, permanecendo igual ao que está (a designada "prescrição do sintoma"). Se resistir à injunção, o paciente não se irá comportar sintomaticamente e atinge-se o objectivo da terapia. O duplo vínculo terapêutico força o paciente a sair do contexto fixado pelo seu dilema. O paradoxo deixou o paciente confuso; esta confusão provoca incerteza que se vai tornar num estímulo poderoso na procura da estrutura e da ordem. Em vez de continuar a escolher uma alternativa, o paciente rejeita a própria ideia de que tem de escolher e lida com a classe (todas as alternativas) e não só com um membro (esta é a essência da "mudança de segunda ordem").

catástrofe e prova que certos sistemas de interacção podem ser disfuncionais. A pessoa envolvida num tratamento errado de tipos lógicos ou com mensagens contraditórias colocadas simultaneamente em vários níveis (como Milton Berger define o duplo vínculo) pode desenvolver sintomas de esquizofrenia.

Para uma situação de duplo vínculo se desencadear são necessários diversos ingredientes:

(a) duas ou mais pessoas, em que uma delas será a "vítima". Este indivíduo desenvolve uma relação intensa na qual sente a importância de distinguir que tipo de mensagem está a ser comunicada, de forma a poder responder apropriadamente;

(b) uma experiência repetida;

(c) uma injunção negativa primária do tipo: "Não faças isto ou aquilo, ou eu castigo-te!" ou então "Se não fazes isto ou aquilo, eu castigo-te!". Trata-se de um contexto de aprendizagem baseado não na procura de uma recompensa mas em evitar o castigo;

(d) uma injunção secundária, diferente da primeira na medida em que pertence a um nível mais abstracto (mensagem não verbal) e semelhante, já que ambas são reforçadas pelo castigo ou por certos sinais que ameaçam a sobrevivência. "Não te submetas às minhas interdições". Esta segunda injunção ocorre simultaneamente com a primeira e é mais difícil de descrever dado que normalmente é comunicada à criança através da postura e do tom de voz, além de poder ir de encontro a algum dos elementos da primeira proibição. A outra pessoa envolvida na relação - a mãe - transmite dois tipos de mensagem, em que uma nega a outra (mensagens contraditórias). A injunção que foi dada ao nível verbal é desqualificada por um segundo nível, o não verbal;

(e) uma injunção negativa terceária que proíbe a vítima de escapar ao campo que tem vindo a ser delimitado, que a impossibilita de

comentar a incongruência dos dois níveis. Independentemente daquilo que a vítima faça, é punida. Ela não consegue transmitir uma mensagem metacomunicativa. Ela não pode assumir a posição complementar, ou seja, obedecer à injunção, uma vez que a verdadeira injunção não é clara. E não se pode colocar na posição simétrica, ou seja, desobedecer, já que a verdadeira injunção contra a qual se iria impor não é clara.

(f) Todos estes ingredientes deixam de ser necessários a partir do momento em que a vítima tenha aprendido a percepcionar o seu universo através dos padrões do duplo vínculo. Qualquer parte da sequência descrita anteriormente é suficiente para provocar o pânico e a raiva e fazer com que a pessoa reaja defensivamente.[9]

Este tipo de situação que acontece entre o pré-esquizofrénico e a sua mãe também pode acontecer em relações ditas "normais", desde que o indivíduo se sinta o centro das atenções. Um indivíduo pode interpretar uma afirmação metafórica de forma literal quando se encontra numa situação em que se sente obrigado a responder, em que é confrontado com mensagens contraditórias e em que está impossibilitado de comentar as contradições. Quando dois indivíduos percepcionam as premissas da sua relação de diferentes maneiras - um entende o comportamento do outro como competitivo, enquanto que o outro pensava estar a ajudar o primeiro - podem também desenvolver-se duplos vínculos.

Se alguém passou a sua vida neste tipo de relação, não partilha com os outros os sinais que acompanham as mensagens e que indicam o

[9]Esta longa descrição foi reduzida, pela equipa que a formulou, constituída por Gregory Bateson, Don D. Jackson, Jay Haley e John Weakland, a algumas características: um indivíduo está envolvido numa relação intensa na qual sente que é vital discriminar claramente as mensagens que lhe são transmitidas e de lhes responder com uma precisão absoluta. Este indivíduo encontra-se numa situação em que o outro membro da relação exprime duas mensagens contraditórias; ele não tem a possibilidade de metacomunicar, não dispõe de nenhum meio de discutir a própria percepção das mensagens.

que elas significam. O seu sistema metacomunicativo desintegrou-se e ele não sabe que tipo de mensagem, uma mensagem é. Deu-se uma desorganização do "aprender a aprender".

Em consequência desta incapacidade de julgar o que os outros querem significar e de uma excessiva preocupação com aquilo que realmente significa, o indivíduo tem tendência a defender-se escolhendo uma de entre várias alternativas. Pode continuamente procurar significados atrás de tudo aquilo que as pessoas dizem e tornar-se desconfiado (esquizofrenia paranoide).

Pode aceitar literalmente tudo o que lhe é dito. Quando, por exemplo, o tom de voz e o contexto em que a relação se desenrola difere daquilo que foi dito, desafia o seu interlocutor rindo desses sinais metacomunicativos (esquizofrenia hebefrénica).

Pode tentar, pura e simplesmente, ignorar esse tipo de sinais; o que faz com que se torne cada vez menos necessário ver e ouvir o que o rodeia e evita a todo o custo provocar uma resposta por parte do ambiente (esquizofrenia catatónica).[10]

Independentemente da escolha que fizer, o esquizofrénico não opta pela alternativa que o ajudaria a descobrir o que os outros pretendem significar; ele não consegue, sem o recurso à psicoterapia, interpretar as mensagens dos outros. Comunica como se estivesse à espera de ser punido cada vez que demonstra estar certo daquilo que diz.

3.2.3 O contexto sistémico na terapia familiar

Torna-se urgente analisar a situação que desencadeou esta incapacidade.[11] A situação familiar do esquizofrénico caracteriza-se da se-

[10]Estas subclasses da esquizofrenia foram apresentadas, pela primeira vez, por Emil Kraepelin, psiquiatra alemão do século XIX.

[11]A medicina baseia-se no tratamento dos sintomas; ao tratá-los, está a preservar-se o mundo da patologia, do qual aqueles são partes. Gregory Bateson contrariamente salienta a importância do contexto sistémico no qual se gerou o sintoma. Quem sente uma dor deveria passar da consciência do sintoma a prestar atenção ao sistema maior onde ele e a própria pessoa estão enquadrados. A pessoa deveria tratar esferas perti-

guinte forma: uma criança cuja mãe fica ansiosa e se afasta quando aquela lhe responde como se responde a uma mãe carinhosa e preocupada. A própria existência da criança transporta um significado especial para a mãe que irrompe com ansiedade e hostilidade sempre que se verifica uma situação de foro íntimo entre as duas.

A mãe não aceita os sentimentos de ansiedade e hostilidade que sente pela criança e a forma que encontra de negar esses sentimentos é expressar um comportamento ainda mais carinhoso, de forma a persuadir a criança a responder-lhe como se fosse uma mãe preocupada ou, então, afasta-se se a criança assim não proceder.

Este tipo de situação familiar é marcada pela ausência de uma outra figura, como, por exemplo, a de um pai com um carácter suficientemente forte para intervir na relação entre a mãe e o filho e ajudar este a enfrentar as contradições desencadeadas.

Os sentimentos que a mãe transporta para o filho podem ter tido diversas origens: a existência da criança pode recordar-lhe o tipo de relacionamento que existe entre ela e a sua própria família; o facto de ser um filho ou uma filha pode ser relevante; a criança pode encontrar-se na mesma posição em que ela se encontrava no seio da sua própria família; a criança pode ser especial para ela por outro tipo de razões relacionadas com os seus próprios problemas emocionais.

Numa situação deste tipo, a "mãe esquizofrenizante" transmite simultaneamente dois tipos de mensagens que são caracterizados por uma hostilidade ou afastamento sempre que a criança se aproxima dela; ou um carinho simulado e posterior aproximação, activada sempre que a criança responde ao seu comportamento hostil e afastamento, como uma forma de negar que se está a afastar.

O problema da mãe passa por dominar a ansiedade, controlando a proximidade e o afastamento entre ela e a criança. O afecto é um comentário ao seu comportamento hostil e consequentemente pertence a um tipo de mensagem diferente dessa atitude - é uma mensagem acerca da sequência de mensagens. Pela sua própria natureza, nega a existên-

nentes mais amplas.

cia daquelas mensagens acerca das quais diz respeito, ou seja, o seu afastamento hostil. Aqui se encontra o paradoxo: aparece num nível de comunicação diferente das outras mensagens.

A mãe utiliza as respostas da criança para confirmar o facto de que o seu comportamento é carinhoso, mas como este é simulado, o filho encontra-se num contexto em que não deve interpretar correctamente a mensagem da mãe, isto se quer manter a relação com ela.[12]

A criança não deve distinguir correctamente os tipos de mensagem enviados pela mãe, ou seja, a diferença entre a expressão de sentimentos simulados (pertencente a um tipo lógico) e os verdadeiros (pertencentes a outro tipo lógico).

Como resultado, a criança deve sistematicamente distorcer a sua percepção dos sinais metacomunicativos emitidos pela mãe. Ele tem de se enganar em relação ao seu próprio estado interior para suportar o engano da mãe. Para sobreviver junto dela torna-se necessário que distinga erradamente as suas próprias mensagens internas, bem como as dos outros. Ao refugiar-se na psicose consegue anular os efeitos inibidores do duplo vínculo e assegurar a "homeostase familiar" (este termo foi introduzido por Don D. Jackson).

A mãe toma pela criança as suas decisões, controla as definições das suas próprias mensagens, bem como a definição das respostas do filho que lhe são dirigidas, insistindo que não está preocupada com ela própria mas somente com ele. A mãe está a negá-lo.

O caminho mais fácil para a criança é aceitar o comportamento simulado da mãe como real e desligar-se dos seus desejos de interpretar aquilo que o rodeia.

A mãe acaba por se afastar da criança; afastamento esse encarado pela criança como a forma de estabelecer uma relação afectiva, uma relação sem associações intímas e seguras.

[12] O duplo vínculo que se estabelece entre mãe e filho assume as características da cismogénese complementar na qual a relação entre eles se desenvolve, nos primeiros anos de vida da criança, de forma benéfica para a mãe e indício de fraqueza para a criança.

"A criança é punida por distinguir correctamente o que a mãe está a transmitir e é punida por não distinguir correctamente - está presa num duplo vínculo" (Bateson, 1972: 215). É punida se demonstrar amor e afecto e é punida se não o fizer.

Se aceitar o afecto simulado da mãe como real, tem tendência a aproximar-se dela, ao que ela responde afastando-se. Se for ele a afastar-se, ela interpretará o facto como uma manifestação de que não é uma boa mãe e, ou o obriga a afastar-se, ou se aproxima dele para o trazer para junto de si. Se ele se aproximar, ela responde-lhe impondo uma distância.

A adaptação exterior da criança só pode ser alcançada por meio da perturbação interior.

A criança, fazendo uso do seu instinto de sobrevivência, pode tentar escapar a esta situação. Procurará encontrar apoio no seu pai ou em outro membro da família, mas como já afirmei os pais dos esquizofrénicos nunca fornecem este tipo de apoio. Se o fizessem estariam a pôr em causa a relação que mantêm com as próprias mulheres e não poderiam prosseguir o casamento dentro dos moldes até aí vigentes. O pai funciona, então, como um factor adicional que ajuda a manter a homeostase familiar dentro dos seus limites restritivos.

A única forma de que a criança dispõe para escapar a esta situação seria comentar a posição contraditória em que a sua mãe o colocou. No entanto, se o fizesse, a mãe tomaria essa atitude como uma acusação e, ou o castigaria, ou insistiria que a sua percepção da situação é incorrecta. Para prevenir que a criança fale sobre a situação, a mãe proibe-o de usar o nível metacomunicativo - o nível que utilizamos para corrigir a nossa percepção do comportamento comunicacional. Para discernir correctamente aquilo que as pessoas estão na realidade a transmitir, é necessário que possamos comentar directa ou indirectamente essas transmissões. É precisamente este nível metacomunicativo que o esquizofrénico parece incapaz de utilizar com sucesso.

Se a mãe está a negar um tipo de mensagem, qualquer afirmação acerca das suas mensagens coloca-a em perigo e como tal ela tem de

a proibir. "A criança cresce sem a capacidade de comunicar acerca da comunicação e, como resultado, sem a capacidade de determinar o que as pessoas realmente significam e sem a capacidade de exprimir o que ele realmente significa, o que é essencial para os relacionamentos normais" (Bateson, 1972, 216).[13]

Toda esta situação comunicacional é essencial para a segurança da mãe e consequentemente para a "homeostase familiar". Se o paciente deixa de desempenhar o seu papel, existe a probabilidade de que algum outro membro da família o desempenhe por si. Como em muitos sistemas homeostáticos complexos, a família patológica parece poder regenerar um membro perdido.

Quando a psicoterapia de um paciente o ajuda a tornar-se menos vulnerável às tentativas de controlo da mãe, a ansiedade surge no lado da mãe. Nos casos em que, durante o tratamento, existe um contacto mais ou menos intenso entre o paciente e a família, verifica-se uma perturbação por vezes severa na mãe.

Não se pode afirmar que a esquizofrenia tenha como causa mães superprotectoras ou pais extremamente débeis ou atribuir esta doença a alguma característica psicológica de um determinado indivíduo. A mãe superprotectora só pode ser uma causa efectiva da esquizofrenia se fizer parte de uma constelação maior que determina a resposta esquizofrénica a essa superprotecção. Os membros da família patológica estão diferenciados pelos seus papéis e formam um sistema interactivo e de automanutenção, dentro do qual dificilmente é possível apontar um membro como sendo a causa das características de todo o sistema, já que o sistema familiar não é redutível à soma dos seus membros. Contrariamente, é a totalidade que permite explicar cada membro. Considerando o que acontece no momento entre os membros da constelação familiar, podem ser determinadas as características totais do sistema.

[13] Ao afirmar, por exemplo, "Não sejas tão obediente!", a mãe exige duas respostas completamente diferentes e mutuamente contraditórias; no entanto, como o filho depende muito dela, sente-se inibido para reconhecer ou assinalar a contradição e fica nessa situação em que não pode, nem ignorar, nem deixar de responder a este paralisante pedido.

Para compreender o que se passa numa família torna-se mais importante analisar as interacções contemporâneas do que a génese dessa família e dos seus membros. A abordagem sistémica da esquizofrenia fez com que esta fosse encarada como uma conduta adaptativa desencadeada num meio familiar em que a regra fundamental é a interdição de definir claramente as relações.

Nas primeiras formulações da teoria do duplo vínculo[14] , o paciente era identificado como a "vítima" do vínculo com os pais e a mãe esquizofrenizante constituiu-se o alvo do ataque psiquiátrico. O duplo vínculo era apresentado como uma causalidade linear que incluía uma vítima e aquele que a perseguia. A terapia familiar circulava à volta da máxima "paciente *versus* família", com a qual se defendia o primeiro contra o que a segunda lhe pudesse fazer.

No entanto, Bateson percebeu que todos os membros de uma família, no seio da qual existe um foco de esquizofrenia, são vítimas e que a família como um todo - incluindo o paciente - deveria modificar-se, definindo claramente as relações. O comportamento da vítima (o constrangido) tem um efeito igualmente patológico sobre o emissor do duplo vínculo (o constrangedor), o que faz com que todos os participantes envolvidos neste tipo de interacção possam ser considerados vítimas/constrangidos. Este processo tem de ser visto em termos de circularidade. A causalidade linear é substituída pela causalidade circular. A máxima passou a ser: "é necessário considerar cada indivíduo como parte de um sistema que, como um todo, está a funcionar mal" (Bateson, 1991, 331). A palavra "versus" deixou de ser apropriada para descrever as relações que se mantêm no seio da família e foi substituída pela expressão "parte de". O interesse do terapeuta desloca-se do indivíduo para a família, da descrição da *natureza* de alguém para as relações entre os membros do grupo. "A forma mais útil de colocar a descrição do duplo vínculo não é em termos daquele que perse-

[14] A teoria foi, pela primeira vez, apresentada em 1956, no artigo "Toward a theory of schizophrenia", publicado no livro de Gregory Bateson, *Steps to an Ecology of Mind*, pp. 201-227.

gue a vítima e a própria vítima, mas em termos de pessoas apanhadas num processo contínuo que produz definições contraditórias da relação e consequentemente uma angústia subjectiva" (Sluzki/ Ransom, 1976: 42).

O duplo vínculo é uma condição necessária mas não suficiente para explicar a etiologia da esquizofrenia. Esta é o fruto de um sistema familiar ou social disfuncional.

O estudo desenvolvido sobre o duplo vínculo prova precisamente que a dedução das condições iniciais é insuficiente para entender as actuais. O passado só é pertinente em relação com o presente.

Capítulo 4

O mundo do processo mental

4.1 A ecologia da civilização humana

4.1.1 A noção de "flexibilidade"

Uma ecologia saudável da civilização humana seria constituída por um único sistema composto pela combinação do ambiente com uma civilização humana desenvolvida. Nele, a "flexibilidade" da civilização coincidiria com a do ambiente para criar um sistema complexo, sujeito inclusivamente a mudanças nas características mais fundamentais e rígidas dele próprio.

Esta civilização não evoluiria. Fá-lo-ia, sim, a relação entre a civilização humana e o ambiente. Isto é ecologia.

A civilização desenvolvida deveria sustentar o que fosse imprescindível para manter o saber necessário à população humana e fornecer a satisfação física, estética e criativa aos indivíduos. Teria de existir uma adequação entre a flexibilidade dos indivíduos e a da civilização. A diversidade da civilização deveria proporcionar a adaptação necessária a mudanças imprevisíveis, bem como a possibilidade de sobrevivência dos indivíduos, independentemente da diversidade genética e do tipo de experiências.

Seriam impostas limitações às transacções entre a civilização desenvolvida e o ambiente. Aquela deveria consumir a matéria prima insubstituível somente como meio de facilitar uma mudança necessária. Para tudo o resto, o metabolismo da civilização deveria depender da energia proveniente do sol.

Para alcançar este sistema *saudável* idealizado por Gregory Bateson seria necessária uma grande flexibilidade; ela "pode ser definida como uma potencialidade des-comprometida de mudança" (Bateson, 1972: 505). Este conceito assume especial importância no âmbito da Cibernética e no pensamento de Ross Ashby.

De acordo com este autor, o sistema civilização humana mais ambiente ecológico é descrito em termos de variáveis interdependentes de forma que, para qualquer variável, existem limites de tolerância máximo e minímo além dos quais ocorrem os fenómenos patológicos. No interior desses limites, a variável move-se para alcançar a adaptação. O sistema mantém as variáveis dentro dos limites de tolerância devido aos circuitos homeostáticos. "A flexibilidade e a sobrevivência serão favorecidas por qualquer alteração que tenda a manter as variáveis flutuando dentro do ponto médio das suas variações" (Bateson, 1979: 139). A variável, ao ser pressionada, utiliza um valor próximo do limiar máximo ou minímo de tolerância; nesse momento, o sistema carece de flexibilidade no que respeita a essa variável.

As variáveis encontram-se interligadas por laços e circuitos que possuem características homeostáticas, o que significa que a falta de flexibilidade em relação a uma delas faz com que as outras não possam ser mudadas sem pressionar a primeira. A perda de flexibilidade espalha-se por todo o sistema.

Bateson propõe uma forma de compreender o aparecimento de um disfuncionamento no sistema, ou seja, de fenómenos patológicos em consequência dos efeitos cumulativos da perda de flexibilidade. Um aumento ou diminuição contínuos do valor de uma variável conduz inevitavelmente à destruição do sistema. Este é o caminho que conduz à morte ou a uma mudança radical, já que o primeiro sistema deixa de

existir e dá lugar a um outro.

Por outro lado, é igualmente desastroso estabilizar ou fixar o valor de uma variável, já que o facto perturba os processos homeostáticos. "Uma mudança qualitativa produzida em qualquer variável tende a produzir um efeito descontínuo na estrutura homeostática" (Bateson/ Bateson, 1987: 124).

Para manter a flexibilidade global do sistema é necessário manter as variáveis no interior dos limites de tolerância e controlar as variáveis *conquistadoras*.

4.1.2 A "ecologia da mente"

Todas as teorias sobre a evolução biológica repousam sobre, pelo menos, três tipos de mudanças: as mudanças genotípicas (por mudança ou redistribuição dos genes), as mudanças somáticas (mediante a pressão do ambiente) e as mudanças do ambiente. As mudanças somáticas são necessárias à sobrevivência já que asseguram uma adaptação aos constrangimentos impostos pelas mudanças do ambiente e pelas mudanças genotípicas. Os efeitos infligidos por estas mudanças implicam uma certa flexibilidade por parte do organismo.

A capacidade do sistema somático se adaptar a essas mudanças depende, por um lado, da intensidade delas; e por outro, da quantidade de flexibilidade já utilizada pelo organismo para se adaptar a outras mudanças. "A capacidade de reagir à experiência repousa essencialmente na flexibilidade adaptativa do organismo" (Winkin, 1988: 42). O que é requerido a uma teoria da evolução equilibrada é a ocorrência de mudanças genotípicas que aumentem a percentagem disponível de flexibilidade somática.

Um determinado contexto é experienciado repetidamente e essa experiência mostra que determinado tipo de resposta dá regularmente um bom resultado, o que a torna habitual. O facto do indivíduo adoptar certos hábitos para fazer face às mudanças do ambiente permite-lhe utilizar a sua flexibilidade para encarar outros problemas. "O fenómeno

do hábito é um atalho económico que conduz à adaptação" (Bateson, 1991: 150).

Existe uma economia de flexibilidade[1] no sistema somático e, enquanto conceito organizador, permite dar conta da interacção entre os diferentes componentes de um sistema.

Aplicando o conceito de flexibilidade à ecologia da mente, percebe-se que as ideias que sobrevivem a um uso repetido são utilizadas pela mente de forma diferente das novas ideias. Algumas das ideias adquiridas numa primeira experiência sobrevivem a uma segunda, já que umas vão ser repetidas ou confirmadas e outras negadas. Aquelas vão sobreviver durante mais tempo do que estas.

O fenómeno da "formação do hábito" separa as ideias que sobrevivem a um uso repetido, colocando-as numa categoria específica. Estas ideias, merecedoras de confiança, estão disponíveis para o uso imediato sem um pensamento consciente, enquanto que as partes mais flexíveis da mente estão disponíveis para ser utilizadas em novas matérias. O que durante muito tempo pareceu verdadeiro incorpora-se profundamente no circuito do organismo, enquanto que o mutável permanece sobre um controlo flexível.

"A frequência do uso de uma determinada ideia torna-se determinante da sua sobrevivência na ecologia das ideias que chamamos Mente" (Bateson, 1972: 509). A sobrevivência de uma ideia utilizada frequentemente é promovida pelo facto de a formação do hábito a remover do campo da consciência.

No entanto, a sobrevivência de uma ideia é também determinada pelas relações com outras ideias. Elas podem sustentar-se ou contradizer-se umas às outras; podem combinar-se de forma mais ou menos adequada.

Habitualmente, as ideias abstractas sobrevivem a um uso repetido, ou seja, são ideias nas quais a variável não muda o seu valor. Elas têm tendência a tornar-se premissas, das quais outras ideias dependem. Es-

[1] Ela é alcançada substituindo uma mudança profunda por outra mais superficial e reversível.

tas premissas tornam-se relativamente *inflexíveis*. Qualquer mudança nestas ideias inflexíveis vai, em princípio, desencadear uma mudança nas outras que delas dependem.

O facto de uma ideia ser válida durante um determinado período de tempo não significa que ela seja útil e verdadeira ao longo de um período muito vasto. O próprio Bateson salienta que a vivência na década de 70 do século XX prova precisamente que algumas das premissas inflexíveis na forma de estar dos indivíduos estão erradas e são prejudiciais quando implementadas com a tecnologia moderna.

As patologias dos tempos modernos podem ser consideradas como o resultado dos efeitos cumulativos deste processo em que a flexibilidade tem vindo a desaparecer na resposta aos diferentes tipos de stress e em que há uma recusa em considerar os produtos derivados do stress, tais como, as epidemias e a fome. Na opinião de Bateson, essas patologias resultam de ideias falsas, de uma epistemologia errada principalmente sobre a unidade de sobrevivência. A ecologia contemporânea erra ao colocar um acento excessivo na troca energética e ao prestar insuficiente atenção à troca de informação.

A unidade de sobrevivência não reside na "selecção natural"[2] tal como Darwin propunha, em 1859; ela não é o organismo individual, não é a família, não é a sociedade. "A unidade de sobrevivência é um organismo-no-seu-ambiente flexível" (Bateson, 1972: 457). O ambiente flexível tem de ser considerado juntamente com o organismo flexível. Este ao destruir o ambiente está simultaneamente a proceder

[2]O processo da selecção natural, proposto por Charles Darwin (1809-1882), consiste no facto de que o material da evolução é feito de variações, de pequenas diferenças susceptíveis de proporcionar algumas vantagens aos indivíduos que as transportem. É como se a natureza tivesse resolvido conservar os sujeitos que apresentam as variações mais sofisticadas. Pouco a pouco, os caracteres favoráveis acumular-se-iam e, com o tempo, iria assistir-se à formação de novas populações que integrariam esses novos caracteres. As condições naturais de existência deixariam sobreviver os indivíduos mais bem adaptados e eliminariam os outros menos apetrechados. A adaptação da espécie resultaria do processo de selecção natural. Darwin deixou por explicar como é que os caracteres novos se conservariam intactos ao passar de geração em geração.

à sua auto-destruição. Esta consequência põe em evidência a impossibilidade de dissociar o homem do seu ambiente. Para Bateson, as ameaças ao sistema ecológico do homem derivam dos erros nos hábitos de pensar ao nível mais profundo e não consciente. Não se pode continuar a pensar que o mundo à nossa volta não faz sentido e como tal não é necessário tê-lo em consideração. Torna-se necessário rever as premissas relativas ao universo em que vivemos.

Bateson denota cada vez mais uma preocupação pelas questões epistemológicas e a "ecologia da mente" surge como uma tentativa de integrar no seio de uma nova *Epistemologia* um conjunto vasto de fenómenos aparentemente diferentes, mas próximos pela sua organização e funcionamento. A linguagem, a aprendizagem, a evolução biológica e mesmo a própria vida são integradas de acordo com as regularidades comuns a estes diferentes fenómenos.

4.2 A unidade mente/corpo

4.2.1 A teoria evolucionista

O desenvolvimento da teoria evolucionista ajuda-nos a perceber o conceito de Gregory Bateson de que a mente é imanente ao vasto sistema biológico que constitui o ecossistema.

Até ao século XVIII, o mundo vivo era estruturado de forma hierárquica, com a mente no topo. Ela era transcendente às criaturas vivas e determinava as suas transformações de cima. A corrente de mudança tinha um percurso descendente. Em 1809, Lamarck inverte este processo, constatando que os animais mudam pressionados pelo ambiente, ou seja, a adaptação da espécie resulta da acção do ambiente.

Cada passo da evolução constitui uma adição de informação a um sistema já existente. Ela é essencialmente uma vasta operação de mudanças inter-relacionadas, na qual cada uma é um esforço para fazer com que seja desnecessária, para que alguma coisa permaneça constante. O que há a fazer é mudar de tal modo que o sistema de mudança

mantenha um certo equílibrio.

A teoria da evolução de Lamarck baseada na "herança das características adquiridas" propõe que uma alteração no corpo provocada pelo meio ambiente passaria para a sua descendência. O corpo que se ajusta às vicissitudes e esforços da experiência transmitiria à geração seguinte instruções genéticas. No entanto, se a herança lamarckista fosse a regra, todo o processo de evolução estaria preso à rigidez da determinação genética ou por outras palavras, à falta de flexibilidade.

Lamarck errou ao acreditar que as mudanças eram herdadas; Bateson contrapõe que nenhuma notícia das adaptações do corpo fica registada no ADN de forma a afectar a descendência. É, no entanto, de salientar o facto das mudanças constituirem, para Lamarck, a evidência da evolução. Fez com que a ênfase se deslocasse do "*Logos* transcendente" para a mente imanente. O que anteriormente servia como explicação, passou a necessitar de ser explicado - a mente.

Um século e meio mais tarde, com a descoberta da Cibernética, da Teoria dos Sistemas e da Teoria da Informação, essa explicação tornou-se possível e foi desenvolvida por Bateson, através do estudo das analogias entre os fenómenos da aprendizagem e da evolução.

4.2.2 Os dois processos estocásticos

Bateson defende que as mudanças genéticas e a aprendizagem (incluindo as mudanças somáticas provocadas pelo hábito e pelo meio ambiente) constituem processos estocásticos.

Nos dois casos, uma sequência de acontecimentos combina uma componente aleatória com um processo de selecção não aleatório, de forma que só alguns dos componentes aleatórios resistem.

Os dois grandes sistemas estocásticos estão parcialmente em interacção e isolados um do outro. Um, a aprendizagem, estende-se durante uma vida e situa-se no interior do indivíduo (economia de flexibilidade); o outro, a evolução biológica, estende-se por várias gerações, através da hereditariedade, a toda uma população (economia de vari-

abilidade). Os dois fenómenos são fruto do acaso e é precisamente este que permite a novidade. "O organismo individual tem capacidade para uma mudança somática adaptável, mas é a população que, através duma mortalidade selectiva, sofre a mudança que é transmitida às gerações futuras. A *potencialidade* para a mudança somática torna-se o objectivo da selecção. É sobre as populações que a selecção do meio ambiente actua" (Bateson, 1979: 159/60).

Estes dois grandes sistemas estocásticos operam em níveis lógicos diferentes. A mudança genética é um processo estocástico de nível lógico superior ao processo estocástico ligado à mudança somática.[3]

A mudança somática é hierárquica na sua estrutura e a mudança genética é a componente mais elevada dessa hierarquia, em que a primeira está na base. A mudança genética só desvia a inclinação ou colocação do controlo homeostático da variável fenotípica[4] . Não há nenhuma característica fenotípica que não seja afectada pelos genes. As diferenças entre os fenótipos são representadas por um pequeno número de diferenças dos genótipos (por um pequeno número de genes).

As mudanças somáticas precedem as genéticas. Elas podem determinar parcialmente os caminhos da evolução. A nível individual, o ambiente e a experiência podem provocar a mudança somática, mas não afectam os genes do indivíduo. O homem muda de cor quando se expõe ao sol. Aqui o genótipo intervem de duas maneiras: para determinar o ponto de partida da pele bronzeada e para determinar a capacidade de se bronzear. Mas a possibilidade de mudança não é afectada, nem pela exposição, nem pela protecção do sol. A capacidade para alcançar determinadas mudanças somáticas está sujeita à aprendizagem e não

[3]A mudança genética não opera directamente sobre as variáveis fenotípicas, mas sobre o controle homeostático dessas variáveis, modificando os limites de tolerência e ampliando as possibilidades de variação e mudança.

[4]Fenótipo é "o agregado de proposições que constituem a descrição de um organismo verdadeiro; a aparência e características de um organismo verdadeiro". Genótipo é "o agregado de receitas e injunções que constituem as contribuições hereditárias para a determinação do fenótipo". As definições são fornecidas no Glossário do livro de Gregory Bateson, *Mind and Nature.*

à herança genética. Os ajustamentos somáticos constroem o contexto onde as mudanças genéticas se podem exercer.

Nas combinações dos genes produzem-se mutações atribuídas ao acaso. Por outro lado, as mudanças seleccionadas são as que asseguram uma adaptação à realidade, ou seja, a sobrevivência.

Na evolução, o componente aleatório é a mudança genética, tanto por mutação (alterações do ADN), como por redistribuição dos genes entre os membros de uma população. Parte-se do princípio de que as mutações não estão ajustadas às pressões debaixo das quais se encontrava a geração anterior na altura em que se realizou a mutação. "A maquinaria de selecção que actua sobre os organismos aleatoriamente variados vai incluir tanto a tensão interna de cada criatura como, mais tarde, as circunstâncias ambientais a que a criatura está submetida" (Bateson, 1979: 157). A evolução supõe uma dupla harmonização: um ajustamento do material genético ao organismo e um ajustamento externo ao ambiente por intermédio da adaptação. A evolução dá-se então em virtude de uma combinação de processos aleatórios e selectivos.

A aprendizagem tem as suas raízes imediatas na adaptação exterior, ou seja, na interacção entre o indivíduo (o fenótipo) e o seu ambiente. No exemplo considerado anteriormente, o ambiente intervém para explorar a capacidade de se bronzear e produzir a cor fenotípica do indivíduo considerado. O componente aleatório é fornecido pelo sistema do fenótipo em interacção com o ambiente, já que nem o organismo, nem o ambiente contêm informação sobre o que o outro irá fazer a seguir.

O outro componente, o selectivo, está presente na medida em que as mudanças somáticas despertadas pelo hábito e pelo ambiente são adaptáveis. Entre elas, o ambiente e a fisiologia propõem uma mudança somática que pode, ou não, ser viável, e é o estado actual do organismo, tal como é determinado pela genética, que determina a viabilidade.

Os limites daquilo que pode ser alcançado pela mudança somática ou pela aprendizagem são sempre fixados pela genética. A aprendizagem propõe e a genética dispõe, permitindo algumas mudanças e

proibindo outras.

Nos dois processos, o componente selectivo oferece a direcção às mudanças, que são finalmente incorporadas no quadro total. Os processos da aprendizagem individual e da modificação de uma população pela selecção natural podem apresentar as mesmas patologias que os circuitos cibernéticos, no entanto, a sua combinação é necessária à unidade do sistema.

Apesar de nenhuma aprendizagem ou mudança somática poder afectar directamente o ADN, fica claro que as mudanças somáticas são vulgarmente adaptáveis. São úteis em termos de sobrevivência individual, a redução da tensão e o ajuste à mudança do ambiente. Tal ajustamento ocorre em muitos níveis, mas em cada um existe um benefício real ou aparente. O ajustamento somático cria sempre um contexto para a mudança genética, mas se ela se segue ou não é outra questão.

A sobrevivência orienta-se em dois sentidos: para dentro, de acordo com as regularidades do desenvolvimento e da fisiologia do indivíduo, e para fora, de acordo com as exigências ambientais.

O desenvolvimento interior (a embriologia ou epigénese) é conservador e exige que cada coisa nova seja compatível com o passado imediato. Contrariamente, o mundo exterior encontra-se permanentemente em mudança e insiste nas alterações dentro do organismo. A *coisa nova* tem de se ajustar às exigências internas de coerência do organismo e às exigências externas do meio ambiente.

As exigências internas insistem na compatibilidade que nunca é suficiente para o desenvolvimento e vida do organismo, que se sente impulsionado a adquirir características somáticas que lhe permitem a adaptação. Estas "características adquiridas" não são passadas aos descendentes, contrariamente àquilo que Lamarck propunha. São os hábitos que estabelecem as condições para a selecção natural.

Bateson salienta que existe um paralelismo entre o duplo sistema estocástico da evolução biológica e a mente, já que não se trata de uma simples escala de tipos lógicos, mas de uma alternância. A mente é imanente ao conjunto da estrutura evolutiva. O pensamento criativo

deve conter sempre um componente aleatório. Os processos de tentativa e erro do progresso mental só podem alcançar o *novo* iniciando-se em caminhos aleatoriamente apresentados, alguns dos quais, quando experimentados, são de alguma forma seleccionados em nome da sobrevivência.

Todas as acções da *criatura viva* envolvem alguma tentativa e erro, e para qualquer tentativa ser nova, tem de ser aleatória. Tal como Ross Ashby propõe, nenhum sistema pode produzir alguma coisa nova a não ser que o sistema contenha um qualquer elemento aleatório. Todos os sistemas inovadores e criativos são divergentes.

No domínio mental existem, tal como nos sistemas estocásticos, processos de selecção. O processo mental chamado aprendizagem, que concerne não apenas ao cérebro do indivíduo, mas também ao mundo que o rodeia, é o equivalente do processo de evolução designado adaptação e que impõe mudanças somáticas. Da mesma forma que as mudanças somáticas são em definitivo reguladas pelo estado genético actual, o que pode ser aprendido num determinado momento é limitado ou facilitado pelo que foi previamente aprendido. As novas noções serão toleradas em função da recombinação das ideias que já possuímos.

Há uma aprendizagem para aprender dentro de um último limite, estabelecido pela constituição genética, o que pode ser imediatamente alterado em resposta à necessidade do meio ambiente. O controlo genético está sempre presente.

Existe uma identidade entre a unidade da mente e a unidade da sobrevivência evolucionista. "A ecologia, no seu sentido mais vasto, é entendida como o estudo da interacção e sobrevivência das ideias e programas (i. é, diferenças, complexos de diferenças, etc.) nos circuitos" (Bateson, 1972: 491). O significado de "sobrevivência" torna-se diferente ao deixar de se falar da sobrevivência de algo que habita o corpo e se começar a pensar na sobrevivência do sistema de ideias no circuito. Os vínculos individuais dos caminhos a que chamamos *eu* já não são tão preciosos, porque esse vínculo é apenas uma parte da mente, entendida no sentido lato.

Ao colocar em paralelo o pensamento e a evolução biológica, os dois grandes processos mentais, Bateson aproxima o seu projecto a uma tentativa de unificação, em que o reconhecimento dessa unidade poderia permitir agir sobre o mundo sem o destruir.

4.2.3 *Mente com corpo*

Os indivíduos recebem diferentes tipos de informação ("a diferença que faz a diferença"). "A unidade da informação é a diferença" (Bateson, 1972: 489).[5] A percepção dos indivíduos só actua sobre a diferença. São necessárias, pelo menos, duas entidades relacionadas (reais ou imaginárias) para produzir sinais de diferença, isto é, uma informação nova; de tal forma que a diferença entre elas possa ser imanente à sua relação mútua. A diferença é o produto de uma relação. "A matéria da sensação é então constituída por um par de valores variável, apresentado durante algum tempo a um órgão dos sentidos cuja reacção depende da proporção entre os membros do par" (Bateson, 1979: 68).

Toda a informação recebida é, então, emanada de sinais de diferença. A percepção desta (isto é, a informação) é a ideia mais elementar, o átomo indivisível do pensamento. A diferença exterior é convertida, através de uma codificação, num acontecimento dentro do sistema de percepção e é precisamente a percepção da diferença que desencadeia a actividade da mente, o agregado de diferenciação de cada indivíduo, o que não significa que a diferença seja a causa dessa actividade. A energia que desencadeia a actividade da mente vem de dentro e não do objecto de contemplação.

[5] A diferença de que se trata não é material e não pode ser localizada no espaço ou no tempo; não é uma quantidade, não tem dimensão. É uma proporção entre duas coisas semelhantes e a razão entre elas é uma medida cuja dimensionalidade se anula para originar um conceito não dimensional. Como tal, a diferença não transporta nenhuma energia e corresponde à esfera da neguentropia. Permanece como ideia.

Os sistemas de codificação, que desempenham processos mentais[6], estão construídos de forma a dispor antecipadamente de energias, mesmo antes do estímulo, nos passos do processo mental em que a diferença é o desencadeante. O organismo que recebe informação já possui energia procedente do seu metabolismo, de tal forma que o impulso pode percorrer o nervo, movido não por energia própria, mas por uma energia que se encontra disposta a sofrer degradação em cada ponto do percurso. A energia está lá antes da chegada da informação ou do envio da resposta; assim, o organismo pode adiantar-se ao impacto dos acontecimentos.

O facto de existir energia disponível torna possível a percepção de fenómenos e acontecimentos que não têm existência efectiva, ou seja, fazem parte do plano das realidades possíveis. O organismo pode, por exemplo, dar-se conta de não ter recebido uma carta. "Zero", a ausência completa de qualquer acontecimento indicativo pode, num determinado contexto, ter significado.

No mundo material, a *causa* de um acontecimento é constituída por alguma força ou impacto exercido por uma parte sobre outra parte. No *mundo das ideias*, é necessária uma relação entre duas partes para activar os órgãos sensoriais do receptor. O sistema sensorial dos indivíduos só opera com base em acontecimentos, em diferenças. A interacção entre as partes da mente é precisamente desencadeada por esta diferença, já que esta "é feita da substância pela qual são feitas as mentes" (Bateson, 1991: 219).

[6]Estes sistemas são organizados pelas hierarquias dos tipos lógicos. Num primeiro nível, a emissão de uma diferença é codificada e torna-se informação. Num segundo nível, é dado um sentido a essa informação e este é função do contexto do qual emergiu essa informação. Não só a mente funciona por níveis lógicos, como também o processo de formação das imagens funciona em múltiplos níveis de codificação.

As relações entre as características de uma componente e as características do sistema como um todo, visto girar à volta de si próprio, constituem uma questão de organização hierárquica. Na construção formal de circuitos, a informação acerca de acontecimentos no circuito pode ser retroaccionada para modificar algum parâmetro dentro dele. A utilização de informação acerca da informação é característica das hierarquias de múltiplos níveis.

A originalidade do pensamento de Bateson reside no facto de considerar a interacção como uma troca de informações caracterizada pela diferença. Em Shannon, a informação é diferença. Em Bateson, produz a diferença. Enquanto que a interacção dos clássicos era vista como um processo de descrição, a interacção batesoniana é um processo de mudança a construir. Não se trata de descrever, mas de agir, reagindo às reacções do outro.

Considerar a mente separada de impactos e forças *reais*, confinada a um mundo mais abstracto e derivada da diferença foi um dos factores que conduziram os homens a imaginar a separação entre mente e corpo. No entanto, "a diferença é imanente na matéria e nos acontecimentos" (Bateson, 1991: 269).

De acordo com o pensamento de Bateson, todo este processo fornece o panorama do mundo mental dos indivíduos e é precisamente esse mundo mental ou mente que não está delimitado pelo corpo como durante séculos se acreditou. Esta *Epistemologia* é mais saudável do que a da separação entre *res cogitans* (espírito) e *res extensa* (matéria) proposta por Descartes. "A mente é uma característica de organização, não uma 'substância' separada" (Bateson/ Bateson, 1987: 61).[7]

O dualismo cartesiano introduziu um corte entre a capacidade de apreender o processo mental e a atitude de reflectir sobre o mundo natural. A rejeição da posição cartesiana orientou Bateson na direcção de uma perspectiva monista da realidade e a considerar o espírito e a matéria como um todo inseparavelmente unido. O meio está no nosso interior e não fora de nós. Os *outros* fazem parte de nós, somos nós que os transportamos. "São necessárias novas formas de olhar para a mente humana e a sua relação com a natureza no contexto de um sistema ecológico universal que inclui o organismo e as ideias" (Rieber, 1989: 2).

[7]Para Bateson, quando a divisão entre problemas do espírito e problemas da matéria deixar de existir, as questões da estética, do literal e do metafórico, do humorístico e do sério serão acessíveis à ciência.

A *Epistemologia* proposta por Bateson é "o estudo dos fenómenos que se dão na linha de encontro" (Bateson/ Bateson, 1987: 33) entre a *Creatura* e o *Pleroma*[8] e defende uma visão unificadora do mundo, em que o processo mental é produzido no interior de estruturas físicas complexas. "Não podemos descrever o que se passa nos organismos, nas sociedades ou nos ecossistemas sem pensar em termos de comunicação, de organização, de reacção às diferenças, ou seja, em termos de todos os fenómenos ... mentais" (Winkin, 1988: 29).

O que pensa é um cérebro que está no interior de um homem, que, por sua vez, integra um sistema que compreende o ambiente. Tentar traçar uma linha entre uma parte e o sistema maior ao qual pertence significa criar um componente mitológico chamado *eu*.

Obviamente há caminhos de mensagens fora do corpo; estes e as mensagens que transportam devem ser considerados como parte integrante da mente sempre que sejam relevantes.

"Se a mente é um sistema de receptores ao longo dos quais podem ser transmitidas as transformações de diferenças, a mente evidentemente não termina na pele, compreende também todos os emissores exteriores à pele que são relevantes para o fenómeno que desejamos explicar" (Bateson, 1991: 223).

Se o que passa do mundo exterior ao cérebro são notícias de diferenças, então a mente não contém coisas, somente ideias, informações sobre as *coisas* entre aspas[9] . "É certo que o cérebro não contém ou-

[8]Bateson tentou distinguir a sua Epistemologia com um E maiúsculo das epistemologias pessoais e culturais que tendem a confundir o mapa com o território.

[9]De acordo com o pensamento de Alfred Korzybski, fundador da semântica geral, "o mapa não é o território". A descrição não é a coisa descrita. O que passa do território para o mapa são notícias de diferenças, informações. Se no território não existisse nenhuma diferença, o mapa não existiria, seria uma superfície em branco.

Qualquer mapa, tem em si, regras sobre as diferenças do território a que diz respeito. O conteúdo do mapa são diferenças que mediante determinada codificação se convertem em informações sobre as notícias de diferenças. Nenhum mapa é verdadeiro, o que é verdadeiro é o facto de ele estar afastado do território.

Carl Gustav Jung estabeleceu a diferença entre dois tipos de mundo: o *Pleroma*, o mundo físico governado por forças e impactos; e a *Creatura*, o mundo da explica-

tros objectos materiais para além dos seus próprios canais e caminhos de ligação e das suas próprias provisões metabólicas e que todo esse *hardware* nunca entra nas narrativas do espírito" (Bateson, 1979: 167). Existe uma complementaridade entre a mente e as questões da sua computação.

A recepção de informação realiza-se através dos órgãos sensoriais que são materiais e identificáveis. No entanto, o facto de responderem à diferença, de compararem permite distinguir o seu funcionamento como *mental*. "Quando há informação ou comparação há para mim um processo mental" (Bateson/ Bateson, 1987: 30). Como os órgãos sensoriais só admitem sinais de diferença, a capacidade de distinguir, de criar as diferenças está limitada pela própria percepção. "O conhecimento, em qualquer momento dado, será uma função dos limites aos meios de percepção que temos à nossa disposição" (Bateson, 1979: 35). As diferenças que, de alguma maneira, não são observadas, não são ideias. As diferenças apresentadas ao de leve e lentamente não são apreensíveis. Não constituem alimento para a percepção. "O inalterá-

ção, no qual os fenómenos descritos são fenómenos governados e determinados pela diferença, distinção e informação.

Ligando estes conceitos com o pensamento de Korzybski, chega-se à conclusão de que no *Pleroma* não existem mapas; não contém em si mesmo nenhuma descrição. Os mapas só têm existência na *Creatura*. O *Pleroma* pode traduzir-se para a linguagem da *Creatura*, mas o mundo material continua inacessível, é tudo uma questão de especulação.

Estes dois mundos não estão separados, já que os processos mentais (os processos sistémicos) exigem disposições da matéria, zonas em que o *Pleroma* está organizado, o que o torna susceptível de ser afectado pela informação. Todo o mundo da *Creatura* existe no interior e por intermédio do *Pleroma*; por outro lado, o conhecimento do *Pleroma* só existe na *Creatura*. Fora da *Creatura* nada pode ser conhecido; fora do *Pleroma* não há nada para conhecer. Nós constituimos o lugar de encontro entre a *Creatura* e o *Pleroma*.

Paul Watzlawick fala também de duas realidades: uma que é suposto existir objectivamente, "lá fora" e independentemente de nós (a "realidade de primeira ordem") e outra que é o resultado do nosso pensamento e constitui a nossa imagem da primeira (a "realidade de segunda ordem"). Tudo para demonstrar que o mundo em si não é acessível a uma cognição directa.

vel é imperceptível a não ser que nós estejamos dispostos a mover-nos em relação a ele" (Bateson, 1979: 91).

A diferença está suficientemente afastada do mundo material[10] , de forma a que a mente, enquanto sistema cibernético, que opera com, e com base em, diferenças, trata sempre com elementos intangíveis e tem certas limitações, porque nunca pode chegar à "coisa em si", o *Ding an sich* kantiano. Ela nunca entra no mundo comunicacional, neste só entram diferenças seleccionadas. Da coisa em si só podemos obter informação de uma das suas diferenciações imanentes e susceptíveis de serem reconhecidas pelos órgãos sensoriais. As coisas em si, das quais construímos imagens, mantêm relações entre elas próprias comparáveis com as relações que mantemos com elas. Também elas não podem ter uma experiência directa umas das outras.

Todo o pensamento, percepção ou comunicação sobre a percepção implica uma codificação, uma transformação entre a descrição e a coisa descrita. A distância entre estas é uma classificação, um compromisso da coisa a uma classe. "Dar um nome significa sempre classificar, e traçar um mapa consiste essencialmente no mesmo que dar um nome" (Bateson, 1979: 35).

A ideia do sagrado

Os processos mentais (o que acontece na organização e nas relações entre as múltiplas e diferentes partes que constituem a mente[11]), através dos quais criamos o mundo na perspectiva tridimensional, estão dentro da mente individual de cada um, ainda que não conscientes e longe do controlo voluntário. Não temos consciência do processo de formação

[10]No livro *Angels Fear*, Gregory Bateson dá o nome de "estrutura" a esta informação que está sempre afastada do seu referente. Como tal, ela é sempre uma versão incompleta do mundo material, apesar de ser tudo quanto o indivíduo pode conhecer.

[11]A teoria da mente apresentada por Gregory Bateson é holística, já que se baseia na diferenciação e interacção entre as partes que compõem a mente. Uma das partes da organização mental do corpo é precisamente tudo aquilo que é guiado pelas mensagens do ADN, a genética, a determinação das formas e o crescimento.

das imagens. Elas são uma criação nossa, o que podemos conhecer, daí que toda a experiência seja subjectiva. Considerando a percepção, não devemos dizer: "Eu vejo uma árvore", dado que a árvore não faz parte do nosso sistema explanatório. Só temos a possibilidade de ver uma imagem, que é uma transformação verbal complexa mas sistemática da árvore. Esta imagem é produzida pelo meu metabolismo e a natureza da transformação é, em parte, determinada por factores constitutivos dos circuitos neurais: *eu* produzo a imagem, de acordo com várias restrições, algumas impostas pelos circuitos neurais, outras pela própria árvore. "Quando vejo algo ou ouço um som ou exercito o meu gosto em algo, é o meu cérebro (ou talvez deveria dizer a minha mente), sou eu quem cria uma imagem segundo a modalidade do órgão sensorial apropriado" (Bateson, 1991: 286). Somos responsáveis pela construção de um simulacro do universo fenomenal através das palavras.

Os mecanismos mentais, responsáveis pela criação das imagens, não fornecem notícias dos seus processos, somente as proporcionam acerca dos seus produtos. Um dos elementos dos fundamentos da epistemologia humana reside precisamente no facto de que quem percepciona, fá-lo apenas relativamente ao produto da sua percepção. Não consegue percepcionar os meios através dos quais esse produto foi criado. A linguagem não dispõe de meios para exprimir aquilo que não é consciente. É como se o produto fosse uma obra de arte.

"A minha imagem é o meu agregado e a minha organização da informação acerca do objecto percepcionado, agregada e integrada por mim segundo regras das quais sou totalmente inconsciente" (Bateson, 1991: 286).[12] A existência dessas regras é um facto, o seu processo de funcionamento é que não é consciente. Para Bateson, se tivéssemos consciência dos processos de formação das imagens mentais, deixaríamos de confiar nelas como base para a acção.

O facto de afirmar que a maior parte dos processos mentais não é consciente não significa que se esteja a defender um uso privilegiado

[12] A premissa de que somente alguns aspectos do processo da comunicação humana podem aceder à consciência dos participantes foi retirada da teoria freudiana.

da emoção em detrimento do intelecto. "A tentativa de separar o intelecto da emoção é monstruosa, sugiro que é igualmente monstruoso - e perigoso - tentar separar a mente exterior da interior. Ou separar a mente do corpo" (Bateson, 1972: 470).

"O mecanismo da percepção, *a maneira* pela qual percepcionamos, está regido por um sistema de pressuposições que eu chamo a nossa epistemologia particular: toda uma filosofia profundamente inserida na nossa mente, mas aquém da nossa consciência" (Bateson/ Bateson, 1987: 100). As interacções entre as diferentes epistemologias particulares têm como resultado a Epistemologia, que não pode ser entendida como a soma das partes que a constituem; tem já características próprias que resultam não da adição, mas da relação entre as partes.[13]

Como a informação é transmitida ao indivíduo através de imagens, a formação dessas imagens é *ver*. Dizer "Vejo o nascer do sol" não suscita dúvidas; extrapolar esta proposição para o mundo exterior - "Existe um sol" - é sempre inseguro. Todo este processo tem de ser sustentado pela fé (ideia de sagrado). "É esta fé - a fé no nosso próprio processo mental - que deve ser sempre defendida" (Bateson/ Bateson: 1987: 102). Depositar uma crença completa na imagem que formamos é um acto de fé. Não podemos duvidar da validade das imagens, já que elas são acompanhadas por uma informação adicional que nos transmite o facto do material de uma determinada imagem ter sido recolhido por um órgão sensorial que nos pertence.

"A fé é involuntária e insconsciente em toda a mente normal e sã" (Bateson/ Bateson, 1987: 102).

[13]Esta ligação entre as epistemologias particulares e a Epistemologia é também válida para as mentes individuais e a Mente *colectiva*. Dentro da Mente, entendida no sentido lato, existe uma hierarquia de subsistemas, cada um deles constituindo a mente de um ser humano individual. As mentes de todos os indivíduos (aglomerados de ideias que actuam entre si) são somente parte da Mente. Ela resulta da transmissão de informação entre as partes. A Mente é comparável a Deus e é imanente no sistema social interconectado e na ecologia planetária, na medida em que faz parte de todos os indivíduos.

Ao ignorar os processos de formação das imagens estamos a estabelecer as bases para nunca perdermos a fé. O facto de recolhermos os dados na forma de imagens convence-nos da validade da nossa crença. "Ver é crer". A fé consiste precisamente em crer que ver é crer.

Bateson apercebe-se de que é necessária uma não-comunicação de determinado tipo para manter o sagrado, a integridade entre as partes que constituem o sistema.

O autor nega, no final da vida, a transparência comunicativa. A comunicação cibernética, autoreguladora e neutra é insuficiente. Ela é desprovida do sentido do sagrado, e é precisamente o sagrado que assegura o processo mental.

4.2.4 A *nova* Epistemologia

O pensamento que Gregory Bateson desenvolveu desde 1927, data do primeiro trabalho em antropologia, até à data da sua morte, em 1980, caracteriza-se por dois elementos que passo a apresentar.

Primeiro, o investigador, influenciado pela Teoria dos Sistemas e pela Cibernética, acredita que cada parte é definida pelas suas relações, tal como, por exemplo, a definição das partes de um discurso é feita atendendo às relações que se estabelecem entre elas. Um substantivo é uma palavra que mantém uma certa relação com um predicado; um verbo mantém uma certa relação com o substantivo e assim por diante. As relações são utilizadas como a base para a definição.

O alerta é claro: não temos de pensar como a linguagem nos ensinou a pensar, atendendo aos elementos que estão conectados, mas à relação que existe entre eles. A linguagem diz sempre: "O limão é amarelo", afirma que as "coisas" *têm* qualidades e atributos, coloca o acento unicamente sobre uma parte da interacção e obscurece a relação entre o amarelo e o limão. Uma forma mais precisa de falar insistiria no facto de que as "coisas" são produzidas, são entendidas como separadas de outras "coisas" e ganham *realidade* pelas suas relações internas, pelo seu comportamento em relação a outras "coisas" e com o próprio

emissor. As propriedades dos objectos são função da sua relação com o outro, seja um observador ou outro objecto. "Sejam o que as 'coisas' forem no seu mundo próprio, elas só podem entrar no mundo da comunicação e significado pelos seus nomes, as suas qualidades e os seus atributos (isto é, pelas transformações das suas relações e interacções internas e externas)" (Bateson, 1979: 62).

A linguagem diz "Temos cinco dedos", quando na realidade temos quatro relações entre dedos (a relação entre um e dois, a relação entre dois e três, entre três e quatro e entre quatro e cinco[14]). A linguagem humana é mais apropriada para falar sobre o *Pleroma*. Não temos que contar as coisas relacionadas, mas as próprias relações; não temos que contar os *relata*, mas as relações.

Ao observar a mão ou qualquer outro objecto orgânico atendendo às suas relações e não à *coisa em si* comprova-se que esse objecto é "quatro vezes" mais bonito do que se imaginava. É de salientar a diferença que existe entre pensar nas coisas e pensar nas relações que existem entre as coisas, entre uma composição de partes que se podem contar e o produto da relação. A relação entre as coisas constitui o referente de todas as proposições válidas.

Ao representar uma paisagem, um pintor vê-a não como uma árvore, uma casa, uma colina, mas antes como uma forma que tem essa forma. E as formas estão relacionadas de tal maneira que o artista, enquanto pinta o seu quadro, se esquece de que está a pintar uma colina, uma casa e/ou uma árvore. O mesmo efeito é conseguido quando se examina a mão e se vê um conjunto de relações.

Observar o mundo atendendo às coisas é uma deformação sustentada pela linguagem. A visão correcta é aquela que atende às relações dinâmicas que determinam o crescimento. Vivemos num mundo feito unicamente de relações.[15] Estas são "o padrão que liga" todas as coisas

[14]Gregory Bateson considera improvável, ainda que concebível, que a relação entre o número quatro e o cinco influencie a relação entre o um e o dois.

[15]Bateson faz nitidamente uma apologia ao pensamento da totalidade, holístico. O produto não é distinto do que lhe dá origem. É o processo que interessa e nesse processo mistura-se o fazer e o feito, o dizer e o dito. O indivíduo está, em cada

vivas, "the pattern which connects". O indivíduo não pode ser considerado como uma entidade separada do ambiente. Ele é o resultado da relação com o ambiente, e é precisamente o estudo das relações que nos permite compreender a acção do indivíduo, já que a sua acção se desenrola sempre num contexto. Colocar a questão sobre "o padrão que liga" é afirmar que toda a comunicação necessita de um contexto, que sem este não há sentido e que os contextos só têm sentido porque se inserem numa classificação de contextos, formando outros. O contexto no qual comunicamos, num determinado momento, é incompleto e extensível: existe sempre um contexto superior e mais vasto. A significação de um determinado elemento nunca é definitiva, torna-se a significação possível para o nível de contexto dado. As diferenças de significado dão-se precisamente de nível para nível.

"Estamos a aprender a considerar a tendência do mundo em gerar totalidades feitas de unidades relacionadas entre si pela comunicação. É isto que faz do corpo uma coisa viva, que obra como se tivesse um espírito... e na realidade tem" (Bateson/ Bateson, 1987: 179).

Segundo, Bateson reconhece a importância da descoberta de Gustav Theodor Fechner que converte o corpo e a mente num só elemento. O primeiro passo da vida mental - a recepção de notícias do mundo exterior - depende de diferenças e estas são, na realidade, proporções. Tratamos de relações entre quantidades e não das próprias quantidades. Esta descoberta é fundamental para a Epistemologia, a ciência de como se explica que podemos conhecer algo, a ciência que estuda a interacção entre a capacidade de reagir às diferenças e o mundo material onde essas diferenças acontecem. Para esta ciência, não há coisas que estudar, estudam-se ideias de coisas. A análise dos dados é insuficiente, torna-se necessário reflectir sobre a análise propriamente dita. O percurso de Bateson, que avança de nível lógico em nível lógico, atinge, neste momento, um nível mais elevado.

momento, presente em si mesmo e enriquece as suas variações com o seu próprio movimento.

Fechner, ao descobrir que só podemos conhecer em virtude das diferenças, posicionou a mente de forma diferente: toda a nossa vida mental é um grau mais abstracta do que o mundo físico que nos rodeia. Toda a vida mental tem relação com o corpo físico, assim como a diferença ou contraste têm relação com o estático e o uniforme. A mente não pode existir a não ser dentro de uma estrutura física no interior da qual se produz.

O reconhecimento da diferença, juntamente com a compreensão de que o mundo das ideias está organizado em séries circulares e autoreguladoras e em múltiplos níveis de tipos lógicos, permite entender o processo mental como distinto das sequências simplesmente físicas ou mecanicistas.

A circularidade dos elementos e a diferenciação dos níveis, numa palavra a complexidade, foram retiradas da visão ecossistémica e cibernética, com uma insistência sobre o desenvolvimento das sociedades e dos indivíduos, já que aquilo que interessa a Bateson é a mudança.

"Chegou o momento de abandonar a velha maneira dualista de pensar a natureza, a sociedade, a humanidade" (Winkin, 1988: 217). Os excessos que se têm vindo a cometer (as patologias) obrigam a uma renovação da Epistemologia. A crítica ao paradigma dominante, proposta por Bateson, passa por abandonar as certezas atribuídas à racionalidade científica e tecnocrática existente. O apelo vai para a necessidade de instaurar uma nova comunicação entre ciência e natureza. É necessário renovar o pensamento sobre a natureza e naturalizar o pensamento humano.

A natureza deve ser pensada (e o convite é feito pelo próprio Bateson) como uma totalidade sistémica de relações, da qual fazemos parte integrante. Esta concepção implica uma nova consciência dos impactos que cada intervenção parcial tem sobre o todo.

Todo o esforço de Bateson foi desenvolvido no sentido de reconstruir as ligações entre as coisas e denunciar claramente o dualismo. "A partir do momento em que se procura reconstruir as ligações, as oposições deixam de se manter. É a abolição de todo o dualismo e de todo o

pluralismo" (Winkin, 1988: 219).

A mente e o corpo são dois aspectos diferentes do mesmo fenómeno dinâmico da vida, tal como o indivíduo está enquadrado no seu meio, no sentido de que faz parte de um conjunto socio-ecológico mais vasto.

A consciência ecológica proposta recai no reconhecimento do carácter auto-organizador dos ecossistemas. Os organismos vivos possuem a propriedade de se automodificarem, autoregenerarem e autotranscenderem ao conservar a identidade. A concepção dominante da ciência moderna consiste em negar a dimensão espiritual da natureza, já que o progresso é entendido como a dominação humana da natureza e a dominação humana dos humanos. A ciência não pode continuar a ser definida mediante a lógica de dominação do natural. Não se pode reduzir o conhecimento ao manipulável. Um novo paradigma científico passaria por uma revisão desta concepção de poder, na medida em que não é possível reduzi-lo à ideia de manipulação de certos indivíduos por outros em função de interesses particulares. Bateson insiste no facto de que o controlo de um sistema é assegurado pelo conjunto do seu circuito informacional em que todas as partes estão interrelacionadas. O poder consiste em colocar as partes em interacção.

Capítulo 5

A ilusão da ordem no caos

A importância atribuída ao papel da comunicação na regulação dos fenómenos sociais, a partir da segunda metade do século XX, parece estar ligada à crise de valores sociais e humanos desencadeada pelas Guerras Mundiais. As barbaridades praticadas pelo Homem fizeram estremecer as estruturas mais sólidas. As ligações sociais que unem os homens entre si e lhes permitem viver em sociedade foram quebradas por diversas vezes. O século, que mais esperanças depositara no progresso e no conhecimento, foi palco da destruição sistemática das populações civis. O primado da soberania da pessoa humana saiu derrotado. O genocídio foi entendido como o meio de alcançar uma sociedade purificada, sem genes negativos. O nazismo, por exemplo, promovia a suspensão da história e o começo de um novo período de felicidade e estabilidade com base na raça eleita. Para que esta raça pudesse viver numa civilização melhor, era necessário recorrer à violência para erradicar da sociedade os *impuros*. O segredo absoluto em que esse genocídio foi produzido justifica, numa fase posterior, a crença depositada na comunicação *transparente*, tão reivindicada pelos órgãos de comunicação social.

À noção de "entropia", encarada como o conceito característico das relações entre os homens naquele período específico, só se poderia opôr a noção de comunicação. Seria ela que tornaria transparentes os laços

sociais, transformando-se no valor central da sociedade. O inimigo a abater é a entropia. "O inimigo já não é um homem, mas uma entidade diabólica, a desordem, a falta de organização, a dissimulação da informação" (Breton/ Proulx, 1989: 280); o que faz com que o indivíduo seja desresponsabilizado pelas infelicidades da humanidade.

É com base nesta crença que Gregory Bateson desenvolve todas as suas teorias nas diferentes áreas de investigação. A comunicação, desempenhando um papel unificador, permite a aplicação das mesmas construções teóricas a diferentes domínios. Existem analogias entre fenómenos de natureza diferente, em que o ponto comum é precisamente a ocorrência de relações de troca entre os elementos que os compõem e a circulação de informação. A comunicação é encarada como o modelo geral de interacção ao qual se referem todas as actividades humanas.

O estudo que Bateson desenvolveu após o contacto com a Tribo Iatmul da Nova Guiné permitiu-lhe precisamente analisar a formação e a diferenciação dos laços sociais naquela comunidade específica, para a partir daí poder definir leis gerais sobre o primado da relação. A inovação introduzida neste ponto prende-se com o facto de a reflexão deixar de incidir sobre o que os fenómenos contêm e passar para as relações que os consolidam entre si. Os fenómenos são constituídos pelas relações, pelas trocas de informação. O esforço de Bateson foi sempre no sentido de procurar princípios gerais que seriam ilustrados ou exemplificados nos dados.

Aquilo que caracteriza os indivíduos é o facto de não existirem em si, unicamente em função do seu comportamento e de os comportamentos serem significantes na interacção sistémica. Pouco importa o que compõe os homens, a sua vivência depende somente do empenho nos processos de troca. O organismo funciona como uma mensagem, uma troca permanente de informações com o meio; ele é um sistema de relações e de interacções.

Em termos epistemológicos assistimos a uma viragem: o que se passa nas sociedades é interpretado em termos de organização e de comunicação. Os fenómenos da comunicação seriam a chave e a expli-

cação de todos os comportamentos humanos, seriam o centro em torno do qual a sociedade se ordenaria.

A comunicação evitaria o caos social, a entropia. Só a ordem, a organização, concebidas como trocas de informação, permitem fazê-la recuar. Nas sociedades em que a informação circula livremente, o homem é capaz de ajustar o seu comportamento em função da análise dos efeitos da sua acção (noção de *feedback*) e pode desencadear-se um movimento que fará claudicar, ainda que localmente, a desordem entrópica que ameaça o homem *em si*, bem como as ligações sociais por ele estabelecidas. Nestes "enclaves locais" (a expressão é de Norbert Wiener), há uma tendência limitada e temporária para o incremento da organização. No entanto, para fazer recuar localmente a entropia é necessário que os homens reconheçam a importância decisiva dos fenómenos da comunicação. O processo de receber e utilizar a informação é o processo de que dispomos para nos ajustar às contingências do ambiente e a nossa forma efectiva de nele viver.

O homem vê a sua existência reconhecida, enquanto ser social, através da capacidade de receber e emitir as informações necessárias à manutenção do equilíbrio, ou seja, através da capacidade de comunicar socialmente. Ele é definido pela natureza das trocas de informação que mantém com o meio, pela sua natureza fundamentalmente comunicante.

A teoria sobre a esquizofrenia desenvolvida por Bateson rejeita o indivíduo enquanto ser isolado e desloca-o para a actividade social da troca. A introdução da interacção no domínio da psiquiatria permitiu esta perspectiva inovadora.

A comunicação está no centro de todas as coisas e permite apreender em cada fenómeno o que constitui a sua natureza mais intíma. O homem só pode ser compreendido enquanto "ser comunicante". Ele nunca deixa de comunicar; está constantemente implicado num *continuum* de relações e trocas de informação consigo próprio e com o mundo exterior. O homem é o mediador do vasto processo de comunicações cruzadas que caracteriza a sociedade. Esta só será compreen-

dida através do estudo das mensagens inerentes às relações.

As mensagens que o "ser comunicante" recebe são sinais de diferença, têm origem no exterior. "Ele não age, mas reage, e não reage a uma acção, 'reage a uma reacção"' (Breton, 1992: 50). É um homem dirigido do exterior. A procura de valores volta-se para o exterior. O ponto de referência é conferido pela comunicação.

O pensamento sai revalorizado, já que o homem social é capaz de pôr em prática processos mentais. Num determinado sistema, o que torna possível esses processos mentais são precisamente as características da sua organização. Novamente, o importante não são os elementos que compõem o sistema, mas a sua organização. Esta deve ser suficientemente complexa para permitir a existência de circuitos de causalidade circulares; esses circuitos são obrigatoriamente hierarquizados. A inteligência passa pela capacidade de desenvolver a comunicação dentro de um certo nível de complexidade, postulado, por Bateson, de acordo com os níveis lógicos. O esquizofrénico surge precisamente como o indivíduo que perdeu a capacidade de comunicar sobre a comunicação, ou seja, de proceder a um nível mais complexo de comunicação.

O pensamento do homem é uma qualidade que não lhe pertence unicamente, dado que é transposto para fora, através da comunicação. É através da comunicação, da livre circulação de informação, que a sociedade se poderá libertar da entropia em que estava mergulhada. O homem ocupa o seu lugar na comunicação e o pensamento individual deixa de ser distinguível enquanto tal, ele é sempre uma parte do todo. O jogo social torna-se o jogo da informação completa.

Este sistema, entendido por Philippe Breton como "utópico", foi construído a partir da verificação das barbaridades praticadas pelo Homem. O primado da comunicação surge em consequência do vazio produzido nos valores e nos sistemas de representação política deixado em aberto pelas práticas sangrentas em prol dos ideais.

De acordo com este autor, o sucesso alcançado por esta concepção prende-se com o facto de a comunicação ser a única resposta à crise nas ligações sociais de meados do século XX e ao genocídio praticado

pelo Homem. Ela torna-se o novo valor que não intervém no conteúdo das relações entre os homens, já que não é um valor moralista. É um valor de acção que permite uma forma de organização social permeável à mudança. A reflexão sobre a comunicação surge precisamente associada à identificação dos mecanismos reguladores que controlam os diferentes sistemas, o objecto de estudo da Cibernética.

Como as ligações sociais praticadas até então promoviam a opacidade, a transparência social obtida graças à comunicação e ao desenvolvimento das tecnologias da informação, das novas "máquinas de comunicar" torna-se o ponto fulcral do comportamento humano. As ligações sociais privilegiam a transparência, transformando a sociedade numa "Aldeia Global" onde tudo se sabe acerca de tudo, onde não há segredos. A comunicação luta contra o que impede a circulação de informação.

A evolução das tecnologias da informação fez com que o homem moderno se desligasse do seu corpo biológico; todo ele é informação. É um ser puramente social, que orienta o seu destino racionalmente em função do exterior, em vez de ser dirigido do interior por valores próprios. Quando era dirigido do interior foi conduzido à violência, à exclusão do outro e ao genocídio. Agora passa a estar submetido às regras de viver em sociedade ditadas pelas trocas de informação.

"Afirmar que tudo se pode explicar em termos de relações implica, com efeito, claramente que tudo está 'de fora' e que não existe mais 'nada'. Cada fenómeno ou cada 'ser' (...) não tem interioridade, todo ele é feito de exterioridades sobrepostas" (Breton, 1992: 24).

O homem não se limita a agir em função de valores que lhe são inatos, reage às situações de acordo com as regras definidas em sociedade. Os valores do indivíduo são substituídos pelos valores do colectivo; o indivíduo faz parte de um sistema colectivo de tratamento da informação.

A comunicação, enquanto valor, difundiu-se por intermédio dos objectos técnicos em que se incorporou. Os media fomentaram uma explosão e multiplicação das visões do mundo. O que não deixa de ser

paradoxal com a intenção primeira de desenvolver um valor que promovesse a transparência, uma única visão do mundo. A base da sociedade é a pluralidade que torna impossível conceber o mundo segundo pontos de vista unitários. "Que sentido teria a liberdade de informação, ou mesmo apenas a existência de vários canais de rádio e televisão, num mundo em que a norma fosse a reprodução exacta da realidade, a perfeita objectividade, a total identificação do mapa com o território?" (Vattimo, 1989: 12/13). O desenvolvimento tecnológico produziu o decréscimo da transparência nas ligações sociais. Em vez de avançar para a transparência, a sociedade avançou, de acordo com a expressão de Gianni Vattimo, para a "fabulação do mundo". As imagens do mundo distribuídas pelos media constituem a nossa *realidade* e não interpretações do real. O contacto entre os indivíduos, que anteriormente era directo, foi substituído pela mediação. A capacidade de *construir* a realidade foi delegada num intermediário, com a consequente perda da transparência.

O papel de mediador nos processos de troca, inicialmente ocupado pela comunicação interpessoal, foi preenchido, nos nossos dias, precisamente pelos media. O seu desenvolvimento tornou-os o principal instrumento que permite ao homem reagir às reacções que o envolvem. O comportamento humano deixou de ser determinado pelo outro, para passar a ser determinado pelos instrumentos que existem no domínio da comunicação. A principal mensagem por eles veiculada é a importância da comunicação como valor central em torno do qual a sociedade se deve organizar, no entanto, ela é veiculada como um fim e não um meio.

O homem, que anteriormente tinha um papel activo na sociedade, é, com a tecnologização da interacção, confrontado com novos problemas. No entanto, enquanto produto das técnicas que utiliza, assiste passivamente aos acontecimentos.

O "espaço privado" tende a aumentar, já que o encontro físico não se realiza. Por outro lado, o "espaço público" desenvolve-se com as comunicações à distância. Assistimos ao desenvolvimento da "incomu-

nicabilidade", da "massificação niveladora" em que há uma renúncia de qualquer juízo de valor e onde existe um território em que ninguém penetrará além do próprio. O homem é dirigido do exterior e reduzido à sua própria imagem.

O diálogo e a troca de ideias deixaram de fazer parte do quotidiano do homem, já que os meios de informação se multiplicaram simultaneamente com o desenvolvimento dos temas de domínio público, com o progresso do individualismo e da própria solidão. A difusão das novas tecnologias alterou as formas de ligação social.

O homem moderno julga que tem acesso ao sentido dos fenómenos simplesmente porque está informado; no entanto, a informação atinge sempre um limiar em que se revela impotente para descrever o sentido do fenómeno. Ela é uma mercadoria como outra qualquer, trocada de acordo com as leis do mercado, o que constitui um entrave ao seu movimento e livre circulação. "Vivemos, pois, numa época em que ao enorme volume *per capita* de comunicação corresponde um fluxo cada vez menor de volume total de comunicação" (Wiener, 1950: 130). A informação não pode restituir, nem substituir a experiência.

A experiência directa dos dados está sempre sujeita à imprevisibilidade dos próprios dados. Esta torna-se ainda maior quando o conhecimento que temos desses dados nos é veiculado através dos media. Quanto mais intermediários existirem, menor será o controlo sobre a imprevisibilidade.

Os homens sempre trocaram entre si informações sobre eles próprios e os outros, sobre as suas acções e o ambiente. Os homens sempre comunicaram. O problema actualmente passa pelo desenvolvimento das técnicas materiais de comunicação e o valor que se lhes confere.

Os media fazem parte do nosso dia-a-dia, já que passaram a ser o único lugar onde se depositam as informações que irão descodificar os diferentes universos em que evoluímos. Contribuíram para ampliar os efeitos da crise de valores. A comunicação que inicialmente foi concebida como o espelho da regularidade dos fenómenos do mundo, passou, com a mediatização dos órgãos de informação, a necessitar de

um controlo para não atingir uma *fuga exponencial*.

Entre o projecto "utópico" iniciado em meados do século passado e a realidade concreta actual parece existir uma distância quase incontornável.

A comunicação que surgiu como o valor ordenador do caos, é fonte actualmente de novas desigualdades e de novas exclusões. Ela despertou o mito tranquilizador do princípio primeiro de que todas as actividades humanas dependeriam, assegurando assim ilusoriamente o domínio dos acontecimentos. Ao encontrar as leis gerais de funcionamento da comunicação poderia construir-se uma concepção unitária do mundo e dispor de meios para o compreender (e esse foi o objectivo primordial de Gregory Bateson). Bastaria comunicar para viver harmoniosamente em sociedade. A felicidade passaria por uma aprendizagem dos mecanismos de comunicação.

A perspectiva monista defendida por Bateson em relação à mente e ao corpo é completada quase paradoxalmente por um universo dicotómico onde, por um lado, existe a informação e, por outro, a entropia. Esta é uma vasta categoria que absorve tudo o que se opõe à informação. Tal como afirmei anteriormente, tudo o que não é informação, redundância, forma ou restrição é ruído, é desordem. No entanto, a actividade humana escapa, como o próprio Bateson constatou no final da sua vida, a essa alternância binária.

A ligação social comporta outros elementos, como a necessidade de uma não comunicação para manter a integridade dos sistemas. Existem níveis nos quais a significação é necessariamente indeterminada e imprevisível. A reflexão de Bateson passou pela análise dos dados, que lhe permitiu encontrar as regularidades das interacções, para num nível superior, lidar com as contingências da relação.

A visão do mundo proposta por este autor organiza-se em redor do eixo da comunicação. Ao reduzir o comportamento dos homens à troca de informações, circunscreveu o interesse da própria ciência ao domínio do observável; tudo o que resta seria remetido para o domínio do sagrado.

Analisando o processo de formação das imagens, concluiu que esse processo não é consciente ou observável. Limitamo-nos a percepcionar o produto da nossa percepção. O conhecimento dos meios através dos quais esse produto foi criado não está à nossa disposição, já que a linguagem não dispõe de mecanismos para exprimir o que não é consciente. Afinal, conhece-se muito pouco sobre as leis que organizam a informação. Dentro da organização dos acontecimentos existem aspectos que escapam ao controlo consciente do indivíduo. Para que certos acontecimentos se produzam é necessário não ter em consideração a ocorrência de certos processos. Toda a tentativa de tornar conscientes esses processos iria situá-los no interior de um quadro de intencionalidade que suspenderia os seus efeitos. Se tivéssemos consciência de todos os processos internos que desencadeiam a percepção, seríamos incapazes de reagir às nossas sensações. A capacidade que possuimos de reagir a partir dos dados fornecidos pelos sentidos repousa no desconhecimento.

A procura dos mecanismos reguladores que mantêm os diferentes sistemas levou Bateson a encontrar a matrix que governa todas as relações. Ao passar da análise dos dados para o estudo da análise propriamente dita, estudo que se desenvolve num nível superior, chegou, no entanto, à conclusão de que é necessária uma não comunicação para manter a integridade entre as partes do sistema. Apesar de nos ser impossível não comunicar, há assuntos sobre os quais não o podemos fazer. O facto de não podermos falar sobre os meios através dos quais formamos as imagens que constituem a nossa experiência do mundo vivo faz parte da condição humana e a fé emerge como condição para conseguir viver.

A procura da regularidade toca o limiar do imprevisível. Nem todos os fenómenos são regidos por leis gerais, reconhecíveis e passíveis de ser estudadas pelo homem, o que faz com que o mundo nunca possa ser previsível. As regras do acaso, desconhecidas, regem muitos dos fenómenos da *Creatura,* definidos pelas relações que mantêm entre si. A imprevisibilidade junta-se à regularidade da organização do mundo.

A imprevisibilidade da regularidade rege as nossas acções. "Existem 'leis gerais' ou somente redundâncias que podemos descrever e que nos veiculam a ilusão de tocar o universal? Bateson deixou a questão em aberto" (Pauzé, 1996: 15).

A comunicação que permite conhecer a regularidade dos fenómenos do mundo é insuficiente para conhecer e dominar a imprevisibilidade desses mesmos fenómenos. A reflexão de Gregory Bateson descuidou os efeitos da tecnologização da experiência na transformação das ligações sociais. Enquanto intermediários das relações entre os indivíduos, os media impossibilitam o contacto directo que é substituído pelo contacto mediatizado; colocam-se entre os homens e tornam opacas as suas relações. A transparência da comunicação é substituída pela opacidade das relações sociais imposta pelos media.

Se a imprevisibilidade dos fenómenos da *Creatura* é um factor a ter em conta na análise da sociedade, maior é o grau de imprevisibilidade quando um novo elemento - os media - se posiciona entre os indivíduos. A comunicação deve ser entendida como um dos elementos fundamentais nas relações entre os indivíduos, no entanto, não podemos depositar única e exclusivamente, como Bateson pretendia, o futuro nas suas mãos, já que de elemento ordenador do caos, passou ela própria a necessitar de ser ordenada. O homem e os seus cenários interiores necessitam de ser reposicionados, é necessário afrouxar o impulso incessante de conceber uma teoria unificadora do ser humano. É como se a imprevisibilidade estivesse a ganhar terreno à comunicação e é como se o controlo estivesse cada vez mais do lado de fora. O mundo unitário revelou-se numa multiplicidade de visões do mundo. A pluralidade, e não a unidade, assume-se como critério normativo.

Capítulo 6

Referências bibliográficas

ASHBY, W. Ross (1956) - *Introdução à Cibernética* (or. *An Introduction to Cybernetics*), São Paulo, Editora Perspectiva, 1970.

BATESON, Gregory (1936) - *Naven: a Survey of the Problems suggested by a Composite Picture of the Culture of a New Guinea Tribe drawn from Three Points of View,* 2ª ed., Stanford, California, Stanford University Press, 1958.

BATESON, Gregory (1972) - *Steps to an Ecology of Mind,* 2ª ed., Northvale, New Jersey, Jason Aronson Inc., 1987.

BATESON, Gregory (1972a) - *Metadiálogos* (or. *Metalogues*), Lisboa, Gradiva, 1989.

BATESON, Gregory (1975) - "Responses of the theorists to E. G. Mishler and N. E. Waxler 'Family interaction and schizophrenia: a review of current theories"' in MISHLER, Elliot/ WAXLER, Nancy: *Family Processes and Schizophrenia,* New York, Jason Aronson, pp. 278 a 281.

BATESON, Gregory (1979) - *Natureza e Espírito: Uma Unidade Necessária* (or. *Mind and Nature*), Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1987.

BATESON, Gregory/ BATESON, Mary Catherine (1987) - *El Temor de los Angeles: Epistemologia de lo Sagrado*, 2ª ed., (or. *Angels Fear*), Barcelona, Editorial Gedisa, 1994.

BATESON, Gregory (1991) - *Una Unidad Sagrada: Pasos Ulteriores hacia una Ecología de la Mente* (or. *A Sacred Unity: Further Steps to an Ecology of Mind*), Barcelona, Editorial Gedisa, 1993.

BERGER, Milton M. (org.) (1978) - *Beyond the Double Bind: Communication and Family Systems, Theories, and Techniques with Schizophrenics*, New York, Brunner/Mazer.

BERTALANFFY, Ludwig von (1968) - *General System Theory: Foundations, Development, Applications,* 12ª ed., New York, George Braziller, 1995.

BERTALANFFY, Ludwig von (1974) - "General system theory and psychiatry" in ARIETI, Silvano: *American Handbook of Psychiatry: The Foundations of Psychiatry*, Vol. 1, New York, Basic Books, pp. 1095 a 1117.

BOUGNOUX, Daniel (1993) - *Sciences de l'Information et de la Communication*, Paris, Larousse.

BRETON, Philippe/ PROULX, Serge (1989) - *A Explosão da Comunicação* (or. *L'Explosion de la Communication: La Naissance d'une Nouvelle Idéologie*), Lisboa, Editorial Bizâncio, 1997.

BRETON, Philippe (1992) - *A Utopia da Comunicação* (or. *L'Utopie de la Communication*), Lisboa, Instituto Piaget, 1994.

FISCH, Richard/ WEAKLAND, John H./ SEGAL, Lynn (1982) - *The Tactics of Change: Doing Therapy Briefly*, 4ª ed., San Francisco, Jossey-Bass Publishers, 1983.

JACKSON, Don D. (1975) - "La esquizofrenia" in ATKINSON, Richard C.: *Psicologia Contemporanea*, Madrid, Editorial Blume, pp. 425 a 434.

LE MOIGNE, Jean-Louis (1977) - *La Théorie du Système Général: Théorie de la Modélisation*, 3ª ed., Paris, Presses Universitaires de France, 1990.

MARC, Edmond/ PICARD, Dominique (1984) - *L'Ecole de Palo Alto*, Paris, Éditions Retz.

MARC, Edmond/ PICARD, Dominique (1989) - *La Interacción Social: Cultura, Instituciones y Comunicación* (or. *L'Interaction Sociale)*, Barcelona, Ediciones Paidós, 1992.

MAUSS, Marcel (1950) - *Ensaio Sobre a Dádiva* (or. *Essai sur le Don*), Lisboa, Edições 70, 1988.

MIERMONT, Jacques (org.) (1987) - *Dicionário de Terapias Familiares: Teoria e Prática*, (or. *Dictionnaire des Thérapies Familiales: Théories et Pratiques*), Porto Alegre, Artes Médicas, 1994.

MUCCHIELLI, Alex (1995) - *Psychologie de la Communication*, Paris, Presses Universitaires de France.

PALAZZOLI, M. Selvini/ BOSCOLO, L./ CECCHIN, G./ PRATA, G. (1975) - *Paradoxe et Contre-paradoxe: Un Nouveau Mode Thérapeutique Face aux Familles a Transaction Schizophrenique*, 3ª ed., (or. *Paradosso e Controparadosso*), Paris, Les Éditions E S F, 1980.

PAUZÉ, Robert (1996) - *Gregory Bateson, Itinéraire d'un Chercheur*, Ramonville Saint-Agne, Éditions Érès.

PIETTE, Albert (1997) - "Pour une anthropologie comparée des rituels contemporains: Rencontre avec des 'batesoniens"' in *Terrain 29*, Septembre, pp. 139 a 150.

RIEBER, Robert W. (org.) (1989) - *The Individual, Communication, and Society: Essays in Memory of Gregory Bateson*, Cambridge, Cambridge University Press.

ROSNAY, Joel de (1975) - *O Macroscópio: Para uma Visão Global* (or. *Le Macroscope: Vers une Vision Globale*), Lisboa, Editora Arcádia, 1977.

RUESCH, Jurgen/ BATESON, Gregory (1951) - *Communication: the Social Matrix of Psychiatry*, 3ª ed., New York, W. W. Norton & Company, 1987.

SFEZ, Lucien/ COUTLÉE, Gilles (org.) (1990) - *Technologies et Symboliques de la Communication: Colloque de Cerisy*, Grenoble, Presses Universitaires de Grenoble.

SFEZ, Lucien (1990a) - *Crítica da Comunicação* (or. *Critique de la Communication*), Lisboa, Instituto Piaget, 1994.

SFEZ, Lucien (1993) - *Dictionnaire Critique de la Communication: Les Données de Base, les Théories Opérationnelles*, Tome 1, Paris, Presses Universitaires de France.

SLUZKI, Carlos E./ RANSOM, Donald C. (org.) (1976) - *Double Bind: The Foundation of the Communicational Approach to the Family*, New York, Grune & Stratton.

VATTIMO, Gianni (1989) - *A Sociedade Transparente* (or. *La Societá Transparente*), Lisboa, Relógio d'Água, 1992.

WATZLAWICK, Paul/ BEAVIN, Janet H./ JACKSON, Don D. (1967) - *Pragmática da Comunicação Humana: Um Estudo dos Padrões, Patologias e Paradoxos da Interação*, 9ª ed., (or. *Pragmatics of Human Communication: A Study of Interactional Patterns, Pathologies, and Paradoxes*), São Paulo, Editora Cultrix, 1993.

WATZLAWICK, Paul/ WEAKLAND, Jonh H./ FISCH, Richard (1974) - *Change: Principles of Problem Formation and Problem Resolution*, New York, W. W. Norton & Company.

WATZLAWICK, Paul (1976) - *A Realidade é Real?* (or. *How Real is Real?*), Lisboa, Relógio d'Água Editores, 1991.

WATZLAWICK, Paul/ WEAKLAND, Jonh H. (1977) - *The Interactional View: Studies at the Mental Research Institute, Palo Alto, 1965-74*, New York, W. W. Norton & Company.

WATZLAWICK, Paul (1978) - *The Language of Change: Elements of Therapeutic Communication*, New York, W. W. Norton & Company, 1993.

WHITEHEAD, Alfred N./ RUSSELL, Bertrand (1910) - *Principia Mathematica: To *56*, 8ª ed., London, Cambridge University Press, 1978.

WIENER, Norbert (1950) - *Cibernética e Sociedade: O Uso Humano de Seres Humanos*, 5ª ed., (or. *The Human Use of Human Beings*), São Paulo, Editora Cultrix, 1978.

WINKIN, Yves (org.) (1981) - *La Nouvelle Communication*, Paris, Éditions du Seuil.

WINKIN, Yves (org.) (1988) - *Bateson: Premier État d'un Héritage*, Paris, Éditions du Seuil.

WINKIN, Yves (1996) - *Anthropologie de la Communication: De la Théorie au Terrain*, Bruxelles, De Boeck Université.